



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

DIMENSÕES TRADICIONAIS NAS CARTAS DE CASAL
PERNAMBUCANAS DO SÉCULO XX: UMA CONEXÃO ENTRE O
LITORAL E O SERTÃO

HELDER AQUINO DE MELO

RECIFE

2021

HELDER AQUINO DE MELO

**DIMENSÕES TRADICIONAIS NAS CARTAS DE CASAL
PERNAMBUCANAS DO SÉCULO XX: UMA CONEXÃO ENTRE O
LITORAL E O SERTÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Severina Gomes

RECIFE

2021

HELDER AQUINO DE MELO

**DIMENSÕES TRADICIONAIS NAS CARTAS DE CASAL
PERNAMBUCANAS DO SÉCULO XX: UMA CONEXÃO ENTRE O
LITORAL E O SERTÃO**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, à seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Severina Gomes
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - UFRPE

Examinador externo: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Examinadora interna: Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - UFRPE

**RECIFE
2021**

AGRADECIMENTOS

Sei que não preciso de muitas palavras para agradecer aos que torceram por mim e me ajudaram ao longo dessa trajetória acadêmica.

Obrigado a todo o corpo docente do PROGEL que, com um enorme cuidado, buscou garantir que todos os discentes tivessem uma excelente experiência acadêmica que começou presencialmente e terminou remotamente. Agradeço também aos colegas da graduação, do projeto de pesquisa e do mestrado pela convivência e experiências trocadas ao longo desses anos.

Fiquei muito feliz e agradecido pelo apoio e ensinamentos da minha orientadora, Valéria Severina Gomes, que foi minha professora na graduação, minha orientadora de projeto de pesquisa, TCC e, por fim, no mestrado. Obrigado por fazer parte da minha trajetória acadêmica e sempre me inspirar a ler e a produzir textos teóricos pensando na prática.

Reconheço que, tanto na academia quanto na minha vida pessoal, as relações nos fazem crescer a cada instante. Agradeço imensamente a todos que, com palavras ou com silêncio ao me ouvir, ajudaram nessa jornada de aprendizagem e produção. O meu muito obrigado aos casais que permitiram a utilização das suas cartas para este estudo e aos familiares por terem preservado e compartilhado esses documentos.

Imensamente agradecido por tudo, quero deixar claro que essas palavras são para todos que contribuíram com minha jornada, dando atenção e apoio. Se você, que está lendo, fez parte disso, tenha certeza de que minha felicidade não seria a mesma sem a sua participação, e que eu torço igualmente pelo seu sucesso. Eu amei ter vocês por perto!

Helder Aquino de Melo

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é verificar como as dimensões tradicionais da composição, do tema e do modo de dizer imperativo de segunda pessoa delineiam a natureza da carta de casal do litoral e do sertão de Pernambuco, considerando os perfis dos missivistas, a historicidade da língua e do gênero. Busca-se, especificamente, (1) perceber as semelhanças e particularidades presentes na tradicionalidade composicional das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos; (2) identificar as características da tradicionalidade temática na constituição do subgênero carta de casal do litoral e do sertão pernambucanos; (3) verificar a recorrência e os efeitos de sentido do imperativo de segunda pessoa como um modo tradicional de dizer na constituição das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. O presente estudo traz um panorama que parte do início dos estudos sobre o modelo de tradição discursiva postulado por Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981) e Koch (1997), aos estudos mais atuais feitos por Kabatek (2006; 2015), Longhin (2014), Zavam (2009), Andrade e Gomes (2018) e em correlação com a perspectiva sócio-histórica com base em Conde-Silvestre (2007), Robinson (1972), Martelotta (2011), Mendonça (2016) e Silva (2008). Para a análise das três dimensões, o *corpus* é formado por 80 cartas de casal, sendo 40 cartas do sertão (1972-1977) e 40 cartas do litoral (1949-1950). No tocante à dimensão do modo de dizer imperativo de segunda pessoa, selecionamos grupos de fatores linguísticos (formas imperativas e a polaridade da estrutura) e sociais (sexo e localidade), tendo como variável dependente as formas imperativas (direta e indireta) e como variáveis independentes as funções pragmáticas do imperativo de segunda pessoa (pedido, conselho, ordem, advertência, marcadores conversacionais), a polaridade da estrutura (imperativo afirmativo e imperativo negativo), o sexo (masculino e feminino) e a localidade (litoral e sertão). O levantamento dos dados foi feito com o auxílio do Goldvarb X, ferramenta que permite, por meio de rodadas dos dados codificados, quantificar as ocorrências das formas imperativas. Discussões anteriores acerca do modo imperativo feitas por Scherre (1998; 2007), Rumeu (2016; 2019), Lima (1995) e Silva (2018b) mostram que as nuances no emprego deste modo verbal estão inteiramente relacionadas ao nível de intimidade entre os interlocutores. A pesquisa realizada contribui com os estudos da área, fazendo uma análise contrastiva entre as marcas linguísticas do litoral e do sertão de Pernambuco, a partir dos perfis dos missivistas selecionados, da historicidade da língua e do gênero, com base no modelo das tradições discursivas, uma vez que observa que houve, de acordo com os fatores sociais analisados, semelhanças nas escolhas linguísticas feitas pelos missivistas pernambucanos, pois, mesmo sendo de localidades diferentes, utilizam estratégias semelhantes e recorrentes, evocadas nas cartas de casal selecionadas, com efeito de tradições discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Carta de casal. Tradicionalidade composicional. Tradicionalidade temática. Tradicionalidade dos modos de dizer. Imperativo de segunda pessoa.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es verificar como las dimensiones tradicionales de la composición, el tema y la forma imperativa de decir en segunda persona delimitan la naturaleza de la carta de los novios desde la costa y el interior de Pernambuco, considerando los perfiles de los escritores, la historicidad del idioma y del género. Buscamos, específicamente, (1) comprender las similitudes y particularidades presentes en la tradicionalidad compositiva de cartas de pareja de la costa y del interior de Pernambuco; (2) identificar las características de la tradicionalidad temática en la constitución del subgénero letra de pareja de la costa y del interior de Pernambuco; (3) verificar los efectos de recurrencia y significado del imperativo de segunda persona como forma tradicional de decir en la constitución de las cartas de pareja de la costa y el interior de Pernambuco. Este estudio aporta un panorama que parte del inicio de los estudios sobre el modelo de tradición discursiva postulado por Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981) y Koch (1997), hasta los estudios más actuales realizados por Kabatek (2006; 2015), Longhin (2014), Zavam (2009), Andrade y Gomes (2018) y en correlación con la perspectiva sociohistórica basada en Conde-Silvestre (2007), Robinson (1972), Martelotta (2011), Mendonça (2016) y Silva (2008). Para el análisis de las tres dimensiones, el *corpus* está formado por 80 cartas, con 40 cartas del interior (1972-1977) y 40 cartas de la costa (1949-1950). En cuanto a la dimensión del modo imperativo de decir en segunda persona, seleccionamos grupos de factores lingüísticos (formas imperativas y la polaridad de la estructura) y sociales (sexo y localidad), teniendo como variable dependiente las formas imperativas (directa e indirecta) y como variables independientes las funciones pragmáticas del imperativo en segunda persona (solicitud, consejo, orden, advertencia y marcadores conversacionales), la polaridad de la estructura (imperativo afirmativo e imperativo negativo), sexo (masculino y femenino) y ubicación (costa e interior). La recolección de datos se realizó con la ayuda del programa Goldvarb X, una herramienta que permite, a través de rondas de datos codificados, cuantificar las ocurrencias de formas imperativas. Discusiones previas sobre el modo imperativo de Scherre (1998, 2007), Rumeu (2016, 2019), Lima (1995) y Silva (2018b) muestran que los matices en el uso de este modo verbal están totalmente relacionados con el nivel de intimidad entre los interlocutores. La investigación realizada contribuye a los estudios en el área, realizando un análisis contrastante entre las marcas lingüísticas de la costa y el interior de Pernambuco, a partir de los perfiles de los escritores de cartas seleccionados, la historicidad del lenguaje y el género, a partir del modelo de discurso discursivo. tradiciones, ya que observa que, de acuerdo con los factores sociales analizados, hubo similitudes en las elecciones lingüísticas de los escritores de Pernambuco, ya que, aunque son de diferentes lugares, utilizan estrategias similares y recurrentes, evocadas en la pareja seleccionada. letras, con el efecto de tradiciones discursivas.

PALAVRAS CLAVE: Carta de pareja. Tradicionalidad composicional. Tradicionalidad temática. Tradicionalidad em los modos de decir. Imperativo de segunda persona.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fotografia da carta 10-JN-05-12-1949.....	38
Imagem 2: Fotografia da carta 10-NJ-18-11-1949.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Carta 10-NJ-18-11-1949 transcrita.....	28
Quadro 2: Detalhamento do corpus.....	36
Quadro 3: Carta 10-JN-05-12-1949 transcrita.....	39
Quadro 4: Grupo de fatores.....	42
Quadro 5: Carta 10-JN-05-12-1949 codificada.....	42
Quadro 6: Carta 01-JC-01-07-1972 transcrita.....	47-48
Quadro 7: Funções diversas do imperativo direto de segunda pessoa.....	86
Quadro 8: Funções diversas do imperativo indireto de segunda pessoa.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Formas imperativas de segunda pessoa <i>versus</i> localidade.....	83
Tabela 2: Funções das formas imperativas diretas de segunda pessoa <i>versus</i> localidade.....	84
Tabela 3: Polaridade da estrutura do modo imperativo de segunda pessoa <i>versus</i> localidade....	93
Tabela 4: Formas imperativas de segunda pessoa <i>versus</i> polaridade da estrutura.....	96
Tabela 5: Sexo <i>versus</i> localidade.....	97
Tabela 6: Sexo <i>versus</i> polaridade da estrutura do imperativo de segunda pessoa.....	98
Tabela 7: Sexo <i>versus</i> formas imperativas de segunda pessoa.....	99
Tabela 8: Número de palavras com relação ao sexo e localidade.....	100

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	20
2.1.	TRÊS PRINCÍPIOS LINGÜÍSTICOS DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS	21
2.1.1.	<i>Princípio do falar</i>	<i>21</i>
2.1.2.	<i>Princípio da historicidade.....</i>	<i>25</i>
2.1.3.	<i>Princípio da tradicionalidade discursiva.....</i>	<i>27</i>
2.2.	ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA POR MEIO DA CARTA DE CASAL.....	30
2.2.1.	<i>Interação entre linguagem e meio social</i>	<i>30</i>
2.2.2.	<i>Linguística sócio-histórica: o modo de dizer imperativo de segunda pessoa.....</i>	<i>32</i>
2.3.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	35
2.3.1.	<i>Composição do corpus</i>	<i>35</i>
2.3.2.	<i>Transcrição.....</i>	<i>37</i>
2.3.3.	<i>Seleção das variáveis e codificação das formas imperativas de segunda pessoa</i>	<i>39</i>
2.3.4.	<i>Perfis dos missivistas.....</i>	<i>43</i>
3.	AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NA COMPOSICIONALIDADE DAS CARTAS DE CASAL....	46
3.1.	ABERTURA	48
3.1.1.	<i>Vocativo.....</i>	<i>49</i>
3.1.2.	<i>Saudação</i>	<i>50</i>
3.1.3.	<i>Captação da benevolência</i>	<i>51</i>
3.2.	CORPO DO TEXTO	53
3.3.	ENCERRAMENTO	57
4.	AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NA DIMENSÃO TEMÁTICA DAS CARTAS DE CASAL.....	60
4.1.	TEMÁTICA DAS CARTAS DE CASAL PERNAMBUCANAS.....	61
4.1.1.	<i>Suposições</i>	<i>62</i>
4.1.2.	<i>Descrição de sentimentos.....</i>	<i>64</i>
4.1.3.	<i>Lembranças do passado</i>	<i>65</i>
4.1.4.	<i>Pedido de desculpas</i>	<i>67</i>
4.2.	TEMÁTICA ROMÂNTICA NAS CARTAS DE CASAL DO LITORAL PERNAMBUCANO	69
4.2.1.	<i>Valorização das emoções</i>	<i>69</i>
4.2.2.	<i>Demonstração de religiosidade.....</i>	<i>70</i>
4.2.3.	<i>Evidência da dor.....</i>	<i>71</i>
4.2.4.	<i>Evidência da felicidade</i>	<i>73</i>
4.3.	TEMÁTICA ROMÂNTICA NAS CARTAS DE CASAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO.....	74
4.3.1.	<i>Demonstração de inseguranças</i>	<i>74</i>
4.3.2.	<i>Evidência de felicidade.....</i>	<i>76</i>
4.3.3.	<i>Recursos multidimensionais</i>	<i>77</i>
4.3.4.	<i>Sentimento de posse.....</i>	<i>79</i>

5. AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NO MODO DE DIZER IMPERATIVO DE SEGUNDA PESSOA NAS CARTAS DE CASAL	81
5.1. FORMAS IMPERATIVAS NAS CARTAS DE CASAL DO LITORAL E DO SERTÃO PERNAMBUCANOS	82
5.1.1. <i>Imperativo direto</i>	83
5.1.1.1. Imperativo direto com funções diversas	84
5.1.1.2. Imperativo direto com função de marcador conversacional.....	87
5.1.2. <i>Imperativo indireto</i>	90
5.1.3. <i>Polaridade da estrutura do modo imperativo</i>	93
5.1.3.1. Imperativo afirmativo.....	94
5.1.3.2. Imperativo negativo.....	95
5.1.4. <i>Sexo versus localidade e formas imperativas</i>	97
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	110
ANEXO 1: NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PHPB	110

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da necessidade de entendermos o comportamento das tradições discursivas composicionais, temáticas e das formas imperativas reveladas como um modo tradicional de dizer, em cartas de dois casais, um do litoral e outro do sertão de Pernambuco, nas décadas de 50 e 70 do século XX. Para isso, tivemos como espelho metodológico a sistematização adotada por Longhin (2014), ao abordar as tradições discursivas em três dimensões: tradicionalidade composicional, tradicionalidade temática e tradicionalidade nos modos de dizer. O trabalho com o imperativo em cartas de casal, do ponto de vista das tradições discursivas, ainda é novo no estado de Pernambuco.

Outras pesquisas sócio-históricas da língua, como podemos ver em Lopes (2011), pautadas no modelo de Tradição Discursiva, que compreende a historicidade da língua e do gênero, têm evidenciado a relevância da natureza do texto para entender as situações de uso favoráveis para a observância da variação e mudança dos fenômenos linguísticos. Seguindo esse viés, analisamos a natureza das cartas de casal por meio da tradicionalidade composicional, observando como cada elemento constitutivo se apresenta; a tradicionalidade temática; e os modos de dizer tradicionais presentes no texto, tomando por base a escrita de dois casais jovens, de diferentes décadas do século XX e em regiões distintas do estado de Pernambuco.

Algumas pesquisas realizadas em Pernambuco, visando contribuir com os estudos desenvolvidos no projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro*, vêm analisando cartas pessoais e abordando o sistema pronominal, sobretudo a relação entre os paradigmas de *tu* e *você* na posição de sujeito em contextos morfossintáticos dativo, acusativo e genitivo. Sobre essas perspectivas morfossintáticas, podemos destacar os trabalhos de Lopes, Marcotulio e Rumeu (2018) sobre a reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro na posição de sujeito, de Souza (2014) que abordou a forma acusativa de segunda pessoa em cartas pessoais, de Gomes e Lopes (2014) acerca da alternância dos paradigmas pronominais de segunda pessoa em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX, de Gomes e Melo (2020) acerca das formas dativas de segunda pessoa em cartas pessoais pernambucanas e de Pereira (2015) e Lucena (2019) acerca da variação das formas genitivas (*teu/seu*) em cartas pessoais.

Entendemos as tradições discursivas como sendo “formas textuais que são evocadas e que se repetem, e, nesse processo contínuo de evocação e repetição, ora conservam elementos

linguísticos e/ou discursivos (traços de permanência), ora apresentam inovações (vestígios de mudança)” (ZAVAM, 2009, p. 3). Nesse sentido, a pesquisa parte do seguinte questionamento: *Como as cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos revelam em sua natureza a tradicionalidade discursiva nas dimensões composicional, temática e no modo de dizer imperativo de segunda pessoa?*

No intuito de responder a essa questão, pautados no conceito de tradição discursiva postulado por Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981), Koch (1997) e nos estudos mais recentes de Andrade e Gomes (2018), Longhin (2014), Zavam (2009) e Kabatek (2006; 2015), partimos de três hipóteses norteadoras para esta análise:

- i. A análise de fatores linguísticos e de gênero pode revelar nuances pragmáticas próprias da natureza tradicional do gênero textual-discursivo carta de casal, situada cultural e sócio-historicamente.
- ii. As dimensões composicional, temática e os modos de dizer imperativo de segunda pessoa empregados na carta de casal se configuram como tradição discursiva, uma vez que os missivistas evocam marcas tradicionais em partes específicas da carta, abordando temas próprios da natureza tradicional do texto;
- iii. Pode haver o predomínio das formas imperativas diretas em virtude da incidência da função de marcador conversacional, característico da natureza interativa do subgênero carta de casal.

Com base nessas hipóteses iniciais, realizamos uma análise que contemplasse as ocorrências de tradições discursivas em três dimensões (composicional, temática e nos modos de dizer), dando foco ao contexto social da língua(gem), que considera a história, a cultura, a religiosidade e todas as particularidades presentes nos perfis dos missivistas das correspondências selecionadas.

Na busca por contribuir com as reflexões acerca de outros fenômenos linguísticos, optamos pela abordagem do modo verbal imperativo de segunda pessoa, por considerarmos uma estratégia de verbalização recorrente no gênero carta pessoal, em especial, no subgênero carta de casal, uma vez que a recorrência desse modo verbal se caracteriza como uma tradição discursiva. Além disso, o modo imperativo não tinha sido abordado pela equipe pernambucana

do PHPB nas análises das cartas litorâneas e sertanejas. Por esse motivo, surgiu o interesse de percebermos como esse modo de dizer imperativo se comporta em cartas marcadas pela proximidade comunicativa, por meio da abordagem das tradições discursivas. Os dados revelam que se trata de uma estratégia de verbalização bastante recorrente na escrita dos casais, sendo utilizada com diferentes funções pragmáticas na composição da carta de casal.

Para esta análise, foram coletadas 80 cartas de casal pernambucanas, sendo 40 do litoral (1949-1950) e 40 do sertão (1972-1977). Entendemos que esse *corpus* é suficiente para fazermos uma análise contrastiva das três dimensões. Elas foram escolhidas seguindo a sistematização realizada por Longhin (2014), que, ao trabalhar com receitas culinárias, buscou identificar marcas recorrentes que se configuram como tradições discursivas.

Iniciamos a abordagem das tradições discursivas com a composicionalidade das cartas selecionadas, com o intuito de percebermos, de maneira macro e micro, como a estrutura do gênero se desenvolve e se configura como uma tradição discursiva. Em se tratando da tradição discursiva na dimensão temática, observamos como determinados temas se apresentam como uma tradição discursiva específica do subgênero carta de casal. Por último, optamos por analisar os modos de dizer tradicionais nas formas imperativas, buscando percebermos como esse modo verbal é evocado, apresentando diferentes nuances pragmáticas e como sua produtividade é desenvolvida a partir dos perfis dos missivistas selecionados. No capítulo acerca dos modos de dizer imperativo de segunda pessoas, consideramos como variáveis dependentes as formas imperativas diretas e indiretas; como variáveis independentes consideramos as funções pragmáticas das formas imperativas e a polaridade da estrutura do imperativo (afirmativo e negativo), constituindo, dessa forma os fatores linguísticos para este estudo. Também fazendo parte das variáveis independentes, tratamos de dois fatores sociais: sexo e a localidade. Essa delimitação linguística e social teve como base as pesquisas de Scherre et al (1998; 2007) e Lima (1995), acerca das formas e funções imperativas, Silva (2018a; 2018b), de acordo com a abordagem dos subgêneros das cartas pessoais e o modo imperativo de segunda pessoa; e Scherre (2007) e Rumeu (2016) referente à abordagem da polaridade da estrutura do imperativo (afirmativo e negativo). Para este estudo, adotamos as abordagens qualitativa e quantitativa dos dados na dimensão dos modos de dizer imperativo de segunda pessoa. Buscamos, ao trabalharmos com duas localidades do mesmo estado, identificar as semelhanças e particularidades de cada uma delas, no que diz respeito às tradições discursivas e a produtividade do modo verbal imperativo de segunda pessoa na composição das cartas de casal.

O trabalho com um *corpus* diferenciado permite traçarmos um panorama contrastivo das duas regiões/épocas, considerando as condições de produção e os perfis dos missivistas selecionados para a análise.

Para esta pesquisa, temos como objetivo geral verificar como as dimensões tradicionais da composição, do tema e do modo de dizer imperativo de segunda pessoa delineiam a natureza da carta de casal do litoral e do sertão de Pernambuco, considerando os perfis dos missivistas, a historicidade da língua e do gênero. Sendo assim, buscamos, nos capítulos de análise, desenvolver os seguintes objetivos específicos:

- i. perceber as semelhanças e particularidades presentes na tradicionalidade composicional das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos;
- ii. identificar as características da tradicionalidade temática na constituição do subgênero carta de casal do litoral e do sertão pernambucanos;
- iii. verificar a recorrência e os efeitos de sentido do imperativo de segunda pessoa como um modo tradicional de dizer na constituição das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos.

Dessa forma, buscamos contribuir, ao dialogar com as pesquisas realizadas em diversos estados do Brasil, com os estudos acerca da historicidade do gênero e da língua, direcionados ao português brasileiro. Para isso, incluímos, na dimensão de análise linguística, o contexto morfossintático imperativo de segunda pessoa, a fim de compreendermos o dinamismo sócio-histórico da língua portuguesa, em especial, no cenário pernambucano do século XX, a partir do registro escrito de quatro jovens, que deixaram suas marcas nas cartas que trocaram.

No segundo capítulo, apresentamos os aspectos teórico-metodológico da pesquisa. Na primeira parte, buscamos sistematizar a discussão em dois pilares: o primeiro baseado nos três princípios linguísticos de Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981), relativos ao falar, à historicidade e à tradicionalidade; e o segundo trata dos estudos sócio-históricos do gênero carta pessoal.

No primeiro ponto da abordagem teórica, discutimos acerca das particularidades do princípio do falar, trazendo evidências retiradas do *corpus*, a fim de percebermos como esse princípio pode ser observado na prática comunicativa humana. Nessa discussão, observamos

como os missivistas recorrem às marcas de proximidade comunicativa na sua escrita e quais são as motivações para esse tipo de escolha, pois sabemos que esse tipo de estratégia se deve à criatividade, que é o fator norteador do princípio do falar. O segundo princípio discutido neste capítulo é o da historicidade, que norteia o trabalho com a língua e com as cartas analisadas, de modo a percebermos como, ao longo dos anos, uma tradição discursiva, num determinado gênero, pode ser mantida, mesmo passando por processos de mudança e permanência ao longo dos séculos. O terceiro princípio trata da tradicionalidade discursiva, voltada para o conhecimento da tradicionalidade composicional, temática e dos modos de dizer das cartas selecionadas. Para isso, levamos em consideração o estudo de Kabatek (2006; 2015) no tocante à relação entre tradição e inovação, e a perspectiva de Andrade e Gomes (2018) que tratam da história do português brasileiro à luz das tradições discursivas.

No segundo ponto de discussão do segundo capítulo, tratamos da abordagem sócio-histórica do modo de dizer imperativo de segunda pessoa, tendo por base seu emprego nas cartas de casal pernambucanas do século XX, contemplando a interação entre linguagem e meio social e a linguística sócio-histórica: o modo de dizer imperativo de segunda pessoa. Essa discussão pautou-se na perspectiva de Conde-Silvestre (2007) e Silva (2008) com relação à linguística sócio-histórica e articulando abordagens sociolinguísticas como as realizadas por Robinson (1972); os aspectos de mudança linguística em Martelotta (2011); e da historiografia linguística em Mendonça (2016).

Tendo os pilares teóricos definidos, abordamos o percurso metodológico da análise. Partimos da composição do *corpus*, que seguiu basicamente estes procedimentos: seleção e recorte temporal das cartas de casal; transcrição de acordo com as normas do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)¹; perfis dos missivistas; seleção das variáveis e codificação das formas imperativas de segunda pessoa nas cartas de casal. Os dados de imperativo de segunda pessoa foram quantificados pelo programa Goldvarb X de acordo com as variáveis definidas para a análise. Essas variáveis correspondem a fatores linguísticos (formas imperativas e polaridade da estrutura) e a fatores sociais (sexo e localidade). Esse tipo de abordagem possibilita resultados quantitativos e qualitativos, pois, partimos do macro para o micro, observando as particularidades de cada ocorrência em decorrência da produtividade das formas imperativas obtidas por meio da rodagem dos dados no Goldvarb X, como também dos efeitos de sentido para atingir a finalidade comunicativa. O olhar espreado pelas três

¹ Normas de transcrição disponíveis no anexo 1.

dimensões da carta de casal mostra que estamos tratando de histórias de amor repletas de marcas sociais, históricas e culturais vividas entre os anos de 1949 e 1977.

O terceiro capítulo destina-se à tradicionalidade composicional das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. Nesse capítulo, focamos nos elementos constitutivos: abertura, corpo do texto e encerramento. Dessa forma, pudemos perceber como cada parte constitutiva da carta pode evocar tradições discursivas, permitindo que façamos uma comparação entre as variações, mudanças e permanências no que diz respeito ao uso das formas imperativas, que são utilizadas como modos tradicionais de dizer, situados em diferentes partes constitutivas da missiva. Essa discussão toma por base a abordagem realizada por Longhin (2014) em seu estudo acerca das tradições discursivas em receitas culinárias.

No quarto capítulo, buscamos demonstrar, por meio da análise da tradição discursiva na dimensão temática, os traços de amor romântico, característicos da natureza dessas missivas, e como a temática romântica é desenvolvida nas cartas de casal analisadas, por meio de um olhar contrastivo entre as duas localidades. Para isso, além de considerarmos o estudo do subgênero carta de amor realizado por Gomes (2019), recorreremos aos estudos de Roméro (1888) relacionados à história da literatura brasileira, ao pensamento de Lajolo (2002) sobre as características dos romances epistolares, aos conceitos de Bosi (2006) e Candido (2000; 2002; 2005) acerca do romantismo e, a respeito do amor romântico, consideramos a perspectiva de Rougemont (1988). A abordagem da tradicionalidade temática possibilita entrecruzar Linguística e Literatura, marcando a relevância da interdisciplinaridade, pois, diante do tema apresentado, observamos como o estilo literário, com hipérboles e metáforas, é frequentemente evocado na escrita dos missivistas. A partir desse levantamento histórico acerca do amor romântico e de como essas marcas permaneceram ao longo dos séculos, de modo supraidiomático, constatamos que a tradição discursiva na dimensão temática é um elemento importante para delinear a natureza do texto e que influencia diretamente o repertório linguístico empregado.

No quinto capítulo, nos dedicamos à dimensão do modo de dizer imperativo de segunda pessoa, levando em consideração a sua produtividade, as especificidades dos elementos constitutivos, a historicidade da língua e das tradições discursivas presentes nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. A análise dos modos imperativo de segunda pessoa nas formas direta, indireta, considerando as funções pragmáticas e a polaridade da estrutura (afirmativo e negativo), permite percebermos os efeitos pragmáticos desse modo verbal diante

das tradições composicional e temática identificadas nas cartas de casal analisadas. O resultado das ocorrências dos modos de dizer imperativo de segunda pessoa é comparado com os perfis dos missivistas selecionados (sexo e localidade), permitindo verificarmos a influência dos fatores sociais nos fatores linguísticos por meio da análise das tradições discursivas. Para isso, partimos dos estudos de Rumeu (2016; 2019), que verifica a expressão social nas formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX, Silva (2018b), que faz um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, abordando as particularidades dos subgêneros das cartas pessoais, e de Scherre (1998; 2007), que aborda o paralelismo linguístico e os aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo.

Selecionamos para a análise os seguintes fatores linguísticos para a investigação do modo verbal imperativo de segunda pessoa nas cartas de casal: formas imperativas (direta, indireta) que se apresentam como: funções pragmáticas (pedido, ordem, conselho, advertência ou marcador conversacional) e polaridade da estrutura (imperativo afirmativo e imperativo negativo). Esse tipo de sistematização nos permite analisar cada nuance de realização pragmática desse modo verbal e perceber quais fatores levam os missivistas a utilizarem uma forma em detrimento de outra. Essa análise nos possibilita identificar quais são as escolhas verbais mais utilizadas, pois entendemos que o 2subgênero carta de casal evoca um modo de dizer característico. Por se tratar de um gênero conversacional, com a função de comunicar ou dar notícias de ordem pessoal, é comum, na escrita dos missivistas, a utilização de verbos como: *responder, escrever, ver, olhar, saber, esquecer, desculpar, avisar, mandar, lembrar e ser*. Não devemos perder de vista que algumas escolhas verbais estão ligadas à tradição temática das cartas de casal, pois, o tema exerce uma influência tanto nas escolhas pronominais quanto verbais. Quanto ao uso do imperativo afirmativo e negativo, pudemos perceber que, no corpo do texto da carta pessoal, é comum que o missivista passe orientações para o seu destinatário, por isso, as formas como “lembre disso” ou “não esqueça daquilo” são facilmente identificadas nas recomendações feitas no texto das cartas de casal.

Partindo do princípio de que “não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística” (LABOV, 2008, p. 291) e que “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 126), neste estudo, os perfis dos missivistas selecionados, como sexo e localidade, são considerados para verificar a produtividade dos

modos de dizer imperativo de segunda pessoa e a variação das formas utilizadas, permitindo que o trabalho com um *corpus* de duas regiões de Pernambuco (litoral e o sertão) possibilite a obtenção de uma visão contextualizada, acerca do português brasileiro, no referido estado, e contribua com estudos em âmbito nacional.

Nas considerações finais, reforçamos a importância de uma pesquisa que parte do contexto de produção lugar, tempo (relação amorosa do casal) para a tradição discursiva utilizada (gênero) na interação e na análise dos modos de dizer. Buscamos atender aos objetivos propostos neste trabalho e verificar as hipóteses levantadas, percebendo como a composicionalidade, a temática das cartas de casal e o modo de dizer imperativo de segunda pessoa podem se configurar como tradição discursiva, tendo em vista que evocam elementos constitutivos específicos das cartas e, muitas vezes, possuem uma função característica de um gênero conversacional. O trabalho com as tradições discursivas considerando os fatores linguísticos e sociais permite percebermos o quanto a língua pode revelar dos contextos de produção ao longo dos anos e quais marcas tradicionais conseguem se manter por meio da escrita de um gênero cheio de elementos conversacionais e de emoções.

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste estudo, trabalhamos com missivistas jovens que trazem na sua escrita, nas cartas de casal, marcas de sua cultura, história e religiosidade, representativas das décadas de 50 e 70 do século XX. Assim como Koch (1997, p. 46), compreendemos

[...] a linguagem técnica e o linguajar do jovem como tradições discursivas. Corrobora essa ideia o fato de que o pertencimento a um determinado grupo poderia ser considerado relevante, tal grupo não estaria restrito a uma comunidade linguística, pelo contrário, seria um grupo cultural. Fora do âmbito dessa cultura específica, seus membros comunicam obviamente seguindo também outras tradições.

Neste capítulo, trazemos para a discussão os três princípios linguísticos de Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981): o princípio do falar, o princípio da historicidade e o princípio da tradicionalidade discursiva. Para discutirmos os três princípios mencionados, é importante percebermos que há uma

[...] distinção entre o nível universal do falar em geral, esse nível que é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babélica das línguas; aqui encontra-se o dispositivo geral do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos lingüísticos que designam o mundo da experiência. O segundo nível é o histórico, das línguas como sistemas de significação historicamente dados, atualizados, no terceiro nível, em textos ou discursos concretos (KABATEK, 2006, p. 1).

Apoiados nessa abordagem, adotamos a sistematização realizada por Longhin (2014), no seu estudo das tradições discursivas em receitas culinárias, no qual ela divide as Tradições Discursivas (TD) em três pilares: a tradicionalidade temática, a tradicionalidade composicional e a tradicionalidade nos modos de dizer. Assim, contemplamos as características do gênero trabalhado, os seus elementos constitutivos e os modos de dizer recorrentes, que permanecem e se inovam ao longo do tempo. Esse modelo já foi utilizado anteriormente para tratarmos dos subgêneros das cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX e chegamos à conclusão de que "cada aspecto tradicional tem grande importância para o estudo do gênero carta pessoal, uma vez que a escolha temática e a construção composicional evocam modos de dizer tradicionais nas cartas pessoais analisadas" (GOMES; MELO, 2018, p. 38).

Com relação ao subgênero carta de casal, traçamos um panorama acerca das características do amor romântico presentes nas cartas selecionadas. Para esse tipo de abordagem, temos como base os estudos que partem desde a origem das epístolas até as marcas do romantismo presentes nas cartas de casal que analisamos. Dessa forma, entendemos como as tradições discursivas são evocadas de acordo com a temática da carta de casal. Subsidiar

essa discussão os trabalhos de Gomes (2019), Roméro (1888), Lajolo (2002), Bosi (2006), Candido (2000; 2002; 2005) e Rougemont (1988).

Nas seções seguintes, aprofundamos a abordagem teórica acerca dos três princípios linguísticos postulados por Coseriu (1956; 1960; 1978; 1981), percorrendo os estudos relacionados às tradições discursivas desde a sua origem até a contemporaneidade.

2.1. Três princípios linguísticos das tradições discursivas

Sabemos que “em cada língua há aspectos sistemáticos e interindividuais, normais na comunidade considerada, ou seja, ‘institucionais’, e que, apesar disso, não são funcionais, isto é, não pertencem ao sistema ideal de diferenças e oposições significativas da própria língua” (COSERIU, 1960, p. 12). Dessa forma, consideramos relevante incluir, na análise, a natureza do texto e sua ligação com o perfil dos missivistas, para compreender o funcionamento das particularidades da língua. Para tanto, é importante entender as especificidades dos princípios que a compõem: o falar, a historicidade e a tradicionalidade. Na sequência, tratamos de cada um deles.

2.1.1. Princípio do falar

Inicialmente, precisamos compreender o fato de que “o princípio do falar postula que a linguística deve sempre considerar primeiro a atividade criativa dos falantes, tanto em questões universais quanto em questões históricas ou individuais” (KABATEK, 2015, p. 28, tradução nossa)². Diante dessa premissa, percebemos o quão importante é considerar a história e a cultura dos indivíduos de maneira particular, pois cada missivista carrega consigo uma trajetória de vida peculiar, e essa trajetória estará presente na maneira como se comunica. O princípio do falar corresponde à capacidade criativa humana de se comunicar. É por meio da consideração das experiências dos missivistas que desenvolvemos a análise dos fatores sociais aqui propostos, pois acreditamos que “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala, mas não como um ser que escreve, o que traduz

² Trecho original: “el principio del hablar postula que la lingüística debe considerar siempre en primer lugar la actividad creativa de los hablantes, tanto en cuestiones universales como en cuestiones históricas o individuales” (KABATEK, 2015, p. 28).

a convicção, hoje tão generalizada quanto trivial, de que a escrita é derivada e a fala é primária” (MARCUSCHI, 1997, p. 120).

Desse modo, quando “partirmos do princípio do falar e da clara distinção de níveis, ainda encontraremos inúmeros fenômenos na linguagem, nas línguas e no funcionamento dos textos” (KABATEK, 2015, p. 30, tradução nossa)³. A partir do princípio do falar, entendermos que “a língua, na realidade, integra a fala; e a distinção entre *langue* e *parole*, além de admitir várias interpretações, não é real, mas formal e metodológica” (COSERIU, 1956, p. 29, tradução nossa)⁴. Essa formalidade e metodologia são necessárias para que não corramos risco de interpretar os dados obtidos apenas com base na nossa opinião sobre língua, fala e escrita, uma vez que “a fala de uma pessoa pode indicar seus sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de educação, nação ou região de origem” (ROBINSON, 1972, p. 68).

Outro fator característico do princípio do falar é a proximidade comunicativa, uma vez que podemos identificá-la claramente tanto na fala quanto na escrita. Muitos indicadores de proximidade comunicativa ocorrem na fala e na escrita, principalmente em se tratando de gêneros situados no polo da proximidade, como é o caso da carta pessoal, que possui um caráter conversacional altíssimo. Assim, “toda tradição discursiva possui um perfil de concepção discursiva, quer dizer, pode-se identificar seu espaço no continuum proximidade-distância, que em princípio é independente de seu perfil medial” (KOCH, 1997, p. 7). Dessa forma, é possível identificar características que tendem à informalidade presentes na carta pessoal, já que consiste em um gênero com mais traços de proximidade.

Dentre as características da proximidade comunicativa podem ser destacadas: privacidade, intimidade, emocionalidade, envolvimento de situações e atos, possibilidade de referenciação em relação à origem do falante, cooperação entre falante/ouvinte, dialogicidade, espontaneidade e desenvolvimento livre de temas.

³ Trecho original: “partimos del principio del hablar, y de la distinción clara de los niveles, encontraremos aún numerosos fenómenos en el lenguaje, en las lenguas y en el funcionamiento de los textos” (KABATEK, 2015, p. 30)

⁴ Trecho original: “la lengua, en realidad, integra el habla; y la distinción entre *langue* y *parole*, además de admitir varias interpretaciones, no es real sino formal y metodológica” (COSERIU, 1956, p. 29)

Considerar o caráter da carta pessoal como sendo de uma “conversação escrita” (GOMES, 2014, p. 40) nos permite observar como as propriedades da linguagem humana, como a proximidade comunicativa, podem ser identificadas de acordo com as condições de produção. O gênero carta pessoal, por se tratar de um gênero espontâneo, é uma forma de comunicação escrita que “favorece a proximidade comunicativa no que diz respeito à privacidade, à familiaridade entre os interlocutores, à emocionalidade, à espontaneidade relativa e ao desenvolvimento temático livre” (GOMES, 2014, p. 40).

O princípio do falar não está somente restrito à oralidade, pois tem a ver com a criatividade do ato comunicativo empírico. A escrita dos missivistas selecionados tem a coloquialidade como um elemento enriquecedor da criatividade. Por essa razão, torna-se indispensável trabalhar de maneira equilibrada os fatores sociais e linguísticos, de modo a levar em conta as particularidades provenientes da história dos missivistas na sua escrita e nas escolhas linguísticas utilizadas, com a junção dos dois outros princípios em questão: a historicidade e a tradicionalidade.

Em se tratando do gênero carta pessoal, podemos perceber que a escrita de uma carta de casal pode transitar entre formalidade e despretensão. Esses fatores irão depender da temática desenvolvida, da emocionalidade investida pelo missivista, do nível de envolvimento dos amantes etc. Esse tipo de escrita permite uma maior ocorrência de marcas de proximidade comunicativa na escrita, uma vez que a materialidade do texto escrito espelha alguma semelhança com uma conversação face a face. O uso do imperativo de segunda pessoa nas cartas, por exemplo, está, muitas vezes, ligado a essas marcas da proximidade, pois o missivista faz uso dessa forma para chamar atenção ou para manter o contato entre os interlocutores, como podemos ver em (1) e (2):

(1) **Olhe** N. quando eu for a ir nos vamos assistir (Carta 08-JN-23-10-1949, grifo nosso)

(2) **Olhe** minha querida eu espero em Deus (Carta 12-JN-23-12-1949, grifo nosso)

O verbo *olhar* é frequentemente utilizado na conversação face a face, e ocorre, na carta, com a mesma função, chamar a atenção do destinatário para uma informação que será dada. Nesse caso, o verbo funciona como um marcador conversacional, o mesmo ocorre com o verbo

saber e *ver*. Vejamos essas formas imperativas apresentadas com a função de marcadores conversacionais:

- (3) **Sabe**, aqui tem novidades, não daqui de minha casa. (CARTA: 13-CJ-22-12-1975, grifo nosso)
- (4) **Veja** bem! Só quando você tiver mais ou menos tempo quero dizer: Não fique preocupado pa-ra vir, não faça o impossível. **Veja** bém, não vá interpretar (CARTA: 14-CJ-25-01-1976, grifos nossos)

Em (3), identificamos o verbo *saber* com função de marcador conversacional, pois funciona apenas para chamar a atenção para o que será dito em seguida, o mesmo ocorre com relação ao verbo *ver*, conforme observamos no exemplo (4). Essas são algumas estratégias de verbalização que marcam a interação entre os interlocutores.

Ao pensarmos no princípio do falar como nível universal, por meio da comunicação através de cartas, estamos diante de uma prática dialógica, que estabelece a relação entre o individual e o social em cada situação comunicativa diferenciada. Assim, estamos nos referindo a um princípio de que todos os seres humanos, tendo as condições necessárias, falam

[...] o tempo todo porque quando não falam, param de falar, ou não falam porque estão calados. Existem linguagens que distinguem entre o silêncio do homem, como quem deixou de falar ou ainda não fala, e o silêncio das coisas (que falam). O latim tem um *sidere* para as coisas e um *tacere* para os seres falantes. Assim, todos os seres humanos falam, mas falam individualmente; e embora falar ocorra em diálogo, falar não é uma atividade coral, pois os papéis no diálogo são cada vez diferentes. Um alto-falante e um ouvinte podem alternar entre os papéis, mas a cada momento há um alto-falante (COSERIU, 1981, p. 14-15, tradução nossa)⁵

Diante desses fatores, nossa pesquisa se propõe a integrar os três princípios, uma vez que a comunicação parte “de atos concretos, já que não se pode falar ‘universalmente’ sem falar uma língua e sem produzir textos, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos” (KABATEK, 2006, p. 2). Na seção seguinte, trataremos do princípio da historicidade e como sua relação se estabelece com o *corpus* selecionado.

⁵ Trecho original: “en cierto sentido hablan en todo momento porque cuando no hablan han dejado de hablar, o no hablan porque callan. Hay lenguas que distinguen entre el silencio del hombre, en tanto que un haber dejado de hablar o en no hablar todavía y al silencio de las cosas (que hablan). El latín tiene a *sidere* para las cosas y *tacere* para los seres hablantes. Así que todos los seres humanos hablan, pero lo hacen individualmente; y aunque el hablar se dé en el diálogo, el hablar no es una actividad coral, ya que los papeles en el diálogo son cada vez diferentes. Un hablante y un oyente pueden cambiar alterativamente de papeles, pero en cada momento hay un hablante” (COSERIU, 1981, p. 14-15)

2.1.2. Princípio da historicidade

Partindo do entendimento de que “o saber histórico que se refere ao emprego das palavras e das construções implica também um conhecimento de determinadas coisas em determinadas comunidades” (COSERIU, 1981, p. 22-23)⁶, se faz necessário investigar o contexto de produção nas duas épocas escritas (1949/1950 e 1972/1977), uma vez que trabalhamos com um *corpus* formado por cartas de casal de duas regiões do estado de Pernambuco, escritas por dois casais jovens e em décadas diferentes. Por isso, é importante levar em consideração cada ocorrência na escrita que possa evidenciar o momento histórico vivido pelos missivistas.

No intuito de refletir acerca do princípio da historicidade, partimos do conceito da historicidade em dois âmbitos: língua e gênero. Sabemos que “a historicidade da língua, portanto, é o lugar onde residem as variações linguísticas” (COSTA, 2019, p. 74) e que “se refere à historicidade do próprio homem, na medida em que é um sujeito histórico pertencente a uma comunidade na qual são difundidos valores, saberes e crenças” (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30). Dessa forma, ao estudarmos a historicidade da língua, julgamos importante considerar as escolhas linguísticas dos missivistas selecionados, bem como as tradições discursivas evocadas nas partes constitutivas das cartas de casal analisadas. Buscamos observar “até que ponto o falar está determinado pelo conhecimento histórico das coisas, e em certos contextos próprios de certa comunidade” (COSERIU, 1981, p. 24, tradução nossa)⁷. No âmbito textual, compreendemos, portanto, que “a historicidade do texto se constrói através de textos ditos e escritos, arquivados na mente de uma comunidade, consideramos a repetição de elementos linguísticos tradicionais (seja na forma ou no conteúdo) como crucial para garantir a historicidade de modelos linguísticos orais e escritos” (COSTA, 2019, p. 104). A partir dessas considerações, o trabalho com as cartas de casal nas duas regiões possibilitará uma análise contrastiva de cartas produzidas a partir de “um acervo de textos já ditos e já escritos, armazenados na memória da comunidade, na forma de modelos linguísticos tradicionais” (LONGHIN, 2014, p. 19).

⁶ Trecho original: “el saber histórico que se refiere al empleo de las palabras y de las construcciones, implica también un conocimiento de determinadas cosas en determinadas comunidades” (COSERIU, 1981, p. 22-23)

⁷ Trecho original: “hasta qué punto el hablar está determinado por el conocimiento históricos de las cosas, y em ciertos contextos propios de cierta comunidad” (COSERIU, 1981, p. 24)

Cada vez mais pesquisas consideram a observação da historicidade da língua e dos gêneros como uma abordagem proveitosa para traçar um panorama das transformações linguísticas. Desse modo, podemos perceber a importância da consideração da historicidade para o registro de um determinado comportamento linguístico, pois não dá para separar as práticas históricas das sociais, uma vez que estamos tratando da língua em um gênero escrito amplamente utilizado, no recorte temporal em questão, repleto de marcas de proximidade comunicativa, em virtude de seu caráter conversacional. Assim, a dupla historicidade compreende a língua e os gêneros, uma vez que ambos dependem dos contextos de produção. Segundo Marcuschi (2008, p. 61),

[...] a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. [...] De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa.

A concepção histórica da língua também inclui o sujeito numa perspectiva histórica, o que implica em considerar que “o sujeito não é nem assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história” (MARCUSCHI, 2008, p. 70). Daí a importância do contexto histórico para o trabalho com as cartas de casal das duas regiões, pois sabemos que, em cada local, em cada década e em cada casal, serão evidenciadas estratégias linguísticas e textuais por vezes distintas e por vezes recorrentes.

Tendo em vista a integração desta pesquisa com outras desenvolvidas no projeto *Para a História do Português Brasileiro*, ao estudarmos a historicidade, no tocante à Linguística de *Corpus*, compreendemos as cartas de casal como “documentos escritos que ofereçam uma maior proximidade com o vernáculo ou com os falares cotidianos” (SIMÕES, 2012, p. 57-58). Sobre a história do gênero carta, importa sabermos que

[...] a arte da epistolografia foi cultivada pelas *comuni* do norte e do centro da Itália a partir do século XI e irradiou-se pela Europa, sendo seguida até o advento do Renascimento. Nesse período, difundiram-se as artes *dictandi*, em decorrência de uma demanda provocada pelo desenvolvimento político e econômico. Aumentou assim a quantidade e variedade de documentos oficiais requeridos pelo clero, pela nobreza e pelos cidadãos” (SIMÕES, 2012, p. 65).

Esse percurso histórico da concepção do gênero já mostra a grande importância da carta pessoal para os estudos linguísticos. Diante disso, destacamos que

[...] a carta pessoal (na Retórica, denominada *epistola familiaris*) é um dos gêneros textuais mais caros à pesquisa linguística de um *corpus* histórico, porque é um gênero

influenciado por características informais. Assim, se o interesse do linguista é pesquisar a utilização do vernáculo em um determinado corte diacrônico, a carta pessoal será, certamente, um dos gêneros textuais que mais lhe serão úteis (COSTA, 2012, p. 145).

No tópico seguinte, abordaremos o princípio da tradicionalidade, a fim de integralizar os três princípios que estão na base da teoria coseriana, cujas noções são introdutórias da abordagem das tradições discursivas, seja temática, composicionalidade ou dos modos de dizer.

2.1.3. Princípio da tradicionalidade discursiva

De acordo com Coseriu (1978, p. 197), “a tradição é um estado de coisas que é oferecido à liberdade - um quadro de determinações históricas dentro do qual a liberdade atua de forma definitiva - e não pode ser a causa de um estado sucessivo”⁸. Para ele, a tradição não se resume a uma mera transmissão, a tradição discursiva está ligada a uma ação, a uma repetição. Diante dessas considerações, podemos destacar o processo de evocação de uma TD, percebendo-a como um conjunto de regularidades. Conforme afirmam Andrade e Gomes (2018, p. 17),

[...] ao evocar, recordar o passado, uma TD, que se realiza no presente, inevitavelmente se repete, senão em sua totalidade, pelo menos em partes. A TD prevê a repetição desde uma forma textual até uma maneira particular de escrever e falar. São, pois, os traços de repetição que permitem reconhecer a permanência de determinados aspectos, assim como identificar a mudança de outros em diferentes dimensões.

Ainda conforme as autoras, é necessário ter em mente que “a historicidade das TD diz respeito às manifestações culturais e linguísticas [dos] textos concretos que estabelecem uma relação de tradição com modelos textuais anteriormente realizados” (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30). As tradições discursivas são marcas recorrentes na língua, são fórmulas típicas que se repetem ao longo dos anos em diversos gêneros textuais, na maioria das vezes, de modo supraidiomático. Um gênero textual pode ser considerado um gênero tradicionalmente discursivo, pois carrega consigo uma gama de características próprias que se repetem e são facilmente identificadas pelos leitores. Nesta seção, iremos considerar três pilares da tradição discursiva discutidos por Longhin (2014): tradicionalidade composicional, tradicionalidade temática e tradicionalidade dos modos de dizer.

⁸Trecho original: “la tradición es un estado de cosas que se ofrece a la libertad - un marco de determinaciones históricas dentro del cual la libertad actúa finalísticamente - y no puede ser causa de un estado sucesivo” (COSERIU, 1978, p. 197)

A tradicionalidade composicional pode ser observada, inicialmente, de maneira externa ao conteúdo em si, pois a estrutura da escrita, a organização dos tópicos de um gênero já demonstra, muitas vezes, qual gênero está sendo apresentado. Além da estrutura como um todo, é possível identificar tradições discursivas em diversos elementos constitutivos da carta, tais como: vocativo, saudação, captação da benevolência, corpo do texto, pedido, despedida e assinatura. Em cada um desses elementos, podemos encontrar estratégias linguísticas que se repetem, independentemente de quem está escrevendo, pois, algumas partes do texto seguem uma construção formulaica, uma vez que “o fenômeno de Tradição está diretamente relacionado à historicidade dos textos, das fórmulas e das expressões tradicionais, que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de falas” (COSTA; SILVA; GOMES, 2017, p. 11). Vejamos, no quadro a seguir, uma carta de casal escrita em 1949, dividida em abertura, corpo do texto e fechamento:

Quadro 1: Carta 10-NJ-18-11-1949 transcrita

Elementos constitutivos	Carta transcrita
Abertura	goiana 18 de Novembro de 1949 Queridinho paz do Senhor Z. para mim é o dos momento mas feliz da minha vida é em que pego na minha fraca pena para responder a tua cartinha ao ler ficei minto satis feita em ver as tuas palavras tão amorosa.
Corpo do texto	Recebi sua cartinha no dia 14 do corrente mes neste mesmo dia D. veio aqui em goiana ele me disse que sabe que você veio aqui e disse que sua mãe esta mal satisfeita com você porque você veio aqui não foi lar sua mãe disse que aqui em goiana você tem cogra e mãe ela disse que esta lhe esperando no dia 27 se prepara pra re ceber muinto carão D. disse que [[que]] vai lhe escrever a carta parece que não vai muinto boa eu estou ate com medo de ir a condado com você eu não quero ver você levar carão parciso de mim mas é assim mesmo quem ama sempre sofre estas agonia é assim mesmo <vire> querido eu não pencei que sua mãe ficase com tanta ta raiva de você. Você disse que mamãe esta esquecida de você ela não esta não (não) ela manda a paz para você e eu me esqueço de dar todas ela todos dias fala em você Eu envio a paz as moças que se lembrou de mim o trabalho do Senhor esta muinto abençoado. graças a Deus. Z. D. esta nanorando com uma moça daqui o nome dela é C. você conhece é aquela que quando agente vinha ela disse que a irmãe dela estava disviada
Despedida	vou terminar para não te enfada [espaço] Nada mas tua noiva que tanto te estima N. Mamãe manda a paz e v. [espaço] e muintas lembranças

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador. Carta disponível no acervo do LeDoc⁹ (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

⁹ Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC), coordenado pelo Prof. Dr. Cleber Ataíde (UFRPE).

A tradicionalidade temática das cartas de casal permite a interseção com a literatura, pois os casais utilizam, em suas missivas, um repertório repleto de hipérboles e metáforas, próprio do estilo romântico, ou seja, um estilo supraindividual (SHIBYA, 2020). Foi exatamente com textos que partiram de pessoas e histórias comuns que o romantismo se consolidou, pois “a literatura do tempo do Romantismo pôde popularizar-se mais e dar voz aos que não tinham meios de exprimir-se em nível erudito” (CANDIDO, 2002, p. 95). Ressaltamos, portanto, que

[...] no Brasil o Romantismo foi responsável por uma notável difusão da poesia, mas é preciso completar dizendo que atuação parecida teve o romance, gênero relativamente informe por comparação, escrito muitas vezes de maneira mais próxima à fala e requerendo menos informação para ser apreciado (CANDIDO, 2002, p. 93)

Percebemos que, diante da abordagem de Candido (2002), a difusão do romantismo ganhou maior proporção por aproximar a fala e a escrita, uma maneira de conectar o leitor à realidade então expressada. Nas cartas de casal, conseguimos perceber a aproximação quase que conversacional nos dizeres dos missivistas. Muitas vezes, os amantes utilizam o possessivo (*seu, teu, sua, tua*) para se reportar ao ser amado como uma relação de pertencimento mútuo, é o caso de expressões como: *teu noivo, sua amada*, entre outros. Esse uso é muito comum nas despedidas, por exemplo.

As tradições discursivas nos modos de dizer estão muito ligadas à temática das cartas de casal, pois, a depender do tema, serão evocadas diferentes estratégias de verbalização. Esses modos de dizer tradicionais “são, muitas vezes, evocados em partes composicionais da carta que favorecem o emprego de expressões formulaicas” (GOMES; MELO, 2018, p. 35). Observamos, nas cartas de casal, como os missivistas recorrem a elementos do romantismo nos modos de dizer tradicionais evocados na sua escrita. Conforme Longhin (2014, p. 12), tradições discursivas são

[...] produtos linguísticos e culturais não acabados, que se fazem e se refazem continuamente. Mudanças nas práticas sociais implicam novas necessidades comunicativas que podem levar à remodelagem de aspectos da TD, à criação de novas TD, à mescla com outras TD, e até mesmo ao desaparecimento de TD em razão da extinção de práticas sociais.

Desse modo, passamos a enxergar as tradições discursivas como um fenômeno mutável, pois estão abertas à inovação e, ao mesmo tempo, contribuem com a história de uma língua, em constante movimento entre o surgimento e o desaparecimento ao longo dos séculos. Na seção seguinte, passamos à abordagem sócio-histórica, o segundo pilar teórico desta pesquisa.

2.2. Abordagem sócio-histórica por meio da carta de casal

Esta abordagem considera os perfis dos missivistas e o contexto histórico que permeia a sua escrita. Dessa forma, buscamos, no que diz respeito ao desenvolvimento das mudanças presentes na língua, “reconhecer o papel que as relações entre falantes têm no processo de sua implementação” (CONDE-SILVESTRE, 2007, p.76), seja na perspectiva linguística ou social. Os fatores sociais interferem nas escolhas linguísticas dos casais selecionados, demonstrando a importância de considerarmos esses papéis numa análise que parte da estrutura composicional de um gênero, permeia a temática evocada pelos interlocutores e, por fim, chega às particularidades morfossintáticas da língua nos modos de dizer.

Na análise da ocorrência do modo de dizer imperativo de segunda pessoa, nas cartas de casal trocadas por dois casais jovens, situados em contextos espaço-temporais distintos, partimos do entendimento de que “o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual, somente pela observação da língua em seu contexto social” (LABOV, 2008, p. 218). Para isso, consideramos os fatores sociais dos missivistas selecionados, tendo em mente sempre estas questões norteadoras: quem fala, por que fala, onde, quando e como. O trabalho sócio-histórico requer a compreensão de que, no “curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes. Quando isso acontece, há inevitavelmente alguma outra mudança estrutural que compensa a perda de informação envolvida” (LABOV, 2008, p. 260).

Neste estudo, mencionamos a importância da relação entre os fatores linguísticos e sociais, tendo em mente que, “ao falar do papel de fatores sociais que influenciam a evolução linguística, é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua” (LABOV, 2008, p. 290). Diante disso, se faz necessário perceber como as relações sociais dos missivistas exercem influência nas escolhas linguísticas identificadas nas cartas de casal selecionadas. No primeiro subtópico desta seção, discutimos acerca da interação entre língua e meio social, por meio da observação de estratégias de verbalização em um recorte de sincronia passada.

2.2.1. Interação entre linguagem e meio social

Para entendermos as escolhas linguísticas dos missivistas, é necessário considerar as relações entre os papéis e os perfis, tendo em vista que

[...] a definição de papéis distingue-se da marcação de identidade social. A forma da relação entre duas pessoas pode depender da marcação de identidade entre elas, mas os marcadores relacionais provavelmente serão bem diferentes. Como veremos, relações particulares de parentesco, familiaridade e poder são marcadas pelos direitos e obrigações de usar formas especiais de tratamento e referência. Direitos de ordenar e a forma de ordenar adequada a certas situações podem estar ligadas a certas relações entre os papéis (ROBINSON, 1972, p. 69).

Desse modo, podemos constatar que, a depender do tipo de relação estabelecida, os missivistas fazem escolhas particulares de tratamento para cada indivíduo com o qual se relaciona. No *corpus* que trabalhamos, observamos uma relação de intimidade de igual para igual, pois tratam-se de correspondências entre casais de namorados/noivos. Nesse sentido, estamos analisando relações simétricas, nelas “existe, ou se percebe, igualdade funcional e de papéis sociais entre os participantes da interação (idade, gênero ou profissão)” (SOUZA, 2012, p. 57).

Consideramos o fato de que “quando nos comunicamos com nossos semelhantes, não usamos frases isoladas, mas construímos textos, ou seja, produzimos discurso, conjunto de informações coesas e coerentes que refletem a nossa intenção comunicativa” (MARTELOTTA, 2011, p. 65). É uma preocupação, portanto, de cada escritor ou falante, na construção de um texto, que os seus interlocutores entendam o que foi escrito ou falado. Daí percebemos a importância do papel da interação, pois temos como ponto de partida nossas ideias, mas o destino delas é focado em como os interlocutores irão recebê-las. Essa cooperação é responsável pelas escolhas feitas para que o efeito comunicativo pretendido seja atingido.

Sabemos que “a língua portuguesa, desde que foi fixada pela escrita até nossos dias, tem sofrido várias e significativas modificações, reflexo que é de uma cultura sempre dinamizada pela força convergente de inúmeros fatores” (HAUY, 2008, p. 48). Dentre esses fatores, estão o social e o cultural, que permitem produções com características distintas de acordo com os perfis dos sujeitos envolvidos no ato comunicativo. Nas cartas de casal, os missivistas optam por alternativas mais simples, espontâneas e interativas para expressarem seus sentimentos e desejos. Assim, ficam notórios fatores culturais que tornam a escrita mais ou menos espontânea, uma vez que esses fatores podem determinar o nível de monitoramento que os missivistas empregam em suas produções, como também o nível de proximidade entre eles.

Assim, optamos por empreender uma análise sócio-histórica, que considera os fatores linguísticos e os fatores sociais, por compartilharmos da ideia de que “se apenas os dados linguísticos fossem considerados, estaríamos lidando com uma ciência exata na qual a soma

das línguas daria um resultado esperado” (MENDONÇA, 2016, p. 29). Por essa razão, visando à compreensão dos fenômenos linguísticos nas cartas de casal, levaremos em conta, contrastivamente, os contextos espaço-temporal.

No tópico seguinte, tratamos da linguística sócio-histórica, buscando observar o emprego e as funções pragmáticas do modo de dizer imperativo de segunda pessoa e como essa estratégia de verbalização pode ser considerada uma TD nas cartas analisadas.

2.2.2. Linguística sócio-histórica: o modo de dizer imperativo de segunda pessoa

É a partir de um olhar sócio-histórico que percebemos as influências da sociedade de sincronias passadas nos registros escritos pelos indivíduos. Podemos entender a linguística sócio-histórica

[...] como o campo da linguística que trata de interpretar mudanças - fônicas, mórficas, sintáticas, e semântico-lexicais - ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo (SILVA, 2008, p. 8).

Essa consideração permite reconhecemos que não dá para falar de língua e de história sem falar de mudança. Entretanto, para que a mudança seja efetiva, há um processo de variação linguística, cujo fator social, por si só, implica uma gama de transformações. Quando observamos estratégias de verbalização em sincronias passadas trazemos à tona muitos usos que passaram a ser tradicionais e outros que, inevitavelmente, desapareceram ao longo dos anos, pois, em se tratando da sociolinguística histórica, podemos

[...] relacionar o estilo com outros fatores que afetam o ato de fala, especialmente com o contexto social, para reconstruir determinadas variáveis independentes que em certas situações linguísticas do passado poderiam estar correlacionadas com a variação ou com as mudanças (CONDE-SILVESTRE, 2007, p.53).

Compreendemos que “a linguística histórica engloba os estudos de línguas integrados no movimento sincrônico das sociedades em que são usadas” (SILVA, 2008, p. 22) e que, diante disso, entendemos, que é por meio da consideração de fatores extralinguísticos que podemos perceber a heterogeneidade da língua, uma vez que

[...] a linguística histórica estuda o desenvolvimento das línguas no curso do tempo e presta especial atenção aos modos como estas mudam e às condições das mudanças; para isso se serve da comparação entre manifestações textuais de uma mesma ou de variedades relacionadas pertencentes a distintas épocas, perseguindo a compreensão

dos fatores que explicam as mudanças, sua representação e explicação de forma universal (CONDE-SILVESTRE, 2007, p.22)

Com relação ao modo de dizer imperativo de segunda pessoa, partimos do princípio de que um modo verbal se realiza “conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente” (BECHARA, 2009, p. 221), uma vez que o modo imperativo é aquele que está relacionado “a um ato que se exige do agente” (BECHARA, 2009, p. 222). Nas cartas de casal selecionadas, podemos identificar diversas formas de imperativo e de sentenças imperativas que aparecem como formas diretas, indiretas, marcadores conversacionais e de maneira afirmativa ou negativa.

De acordo com Castilho (2016, p. 327), as sentenças imperativas “ocorrem em situações sociais em que o locutor ordena/sugere/pede ao seu interlocutor que faça algo”. Partindo desse conceito, iremos, neste estudo, analisar as ocorrências do imperativo e suas relações com os elementos constitutivos das cartas de casal selecionadas, pois, determinada parte da carta pode ser um gatilho para a manifestação do imperativo com diferentes efeitos pragmáticos.

O modo de dizer imperativo de segunda pessoa terá como variável dependente as formas diretas e indiretas, que serão relacionadas às variáveis independentes (funções pragmáticas, polaridade da estrutura, sexo e localidade). As funções pragmáticas foram divididas em dois blocos: funções diversas e função específica de marcador conversacional. O segundo aspecto analisado é a polaridade da estrutura do imperativo de segunda pessoa, que mostra como os missivistas selecionados fazem uso das formas afirmativas e negativas. Sobre os aspectos sociais, iremos observar as relações entre o sexo e a localidade dos missivistas e a produtividade do modo imperativo de segunda pessoa nas formas diretas e indiretas.

A variável dependente é o modo de dizer imperativo. Esse modo verbal “ocorre quando o locutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor, surgindo assim sentenças nucleadas por verbos ou advérbios” (CASTILHO, 2016, p. 327). No caso das cartas analisadas, por se tratar de cartas amorosas, não há indícios de superioridade entre os missivistas. Há, nessas amostras, uma simetria no tratamento entre os missivistas, pois escrevem de igual para igual, compartilhando a mesma situação social. Nesse caso, os missivistas utilizam como estratégia “partir para um ato de fala perlocutório, sugerindo, aconselhando, ponderando” (CASTILHO, 2016, p. 327), como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (5) **escreva e mande** dizer qual é o motivo de tão esquecimento (Carta: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)
- (6) Fiquei muito alegre em saber que tú vem passar são João comigo **manda-me** dizer o dia porque se for possível eu vou te esperar se for possível eu vou te esperar Z. (Carta 01 NJ - 21- 05- 1949, grifo nosso)

Podemos observar em (5) que as formas imperativas em destaque funcionam, respectivamente, como um pedido e uma sugestão. Em se tratando do verbo mandar (6), identificamos a forma imperativa direta que funciona como uma sugestão.

Com relação as formas imperativas indiretas, podemos destacar que nesses casos ocorre uma inversão na “relação social entre o locutor e o interlocutor, temos a ordem indireta, ou seja, o pedido, surgindo como sentenças complexas” (CASTILHO, 2016, p. 327), como pode ser visto no exemplo (7):

- (7) quero **que você sinta-se** realizado e feliz. (Carta: 12-CJ-22-10-1975, grifos nossos)

Em estudos anteriores, já foi constatado que, “levando em consideração a natureza do gênero carta pessoal, podemos detectar a existência de formas imperativas que podem ser consideradas tradições discursivas” (SILVA, 2018b, p. 85). Nesta pesquisa, buscamos exatamente refinar a análise, identificando os tipos de ocorrência do modo de dizer imperativo de segunda pessoa, considerando as funções imperativas nas formas direta e indireta, de acordo com a abordagem de Scherre et al (2007) e Silva (2018b). Quanto à função imperativa como marcador conversacional, tomamos como referência o estudo de Lima (1995) e ressaltamos a sua ocorrência exclusiva por meio das formas imperativas diretas. Sobre a relação entre a polaridade da estrutura do imperativo (imperativo afirmativo e imperativo negativo), seguimos a linha de Rumeu (2016) e Scherre (1998; 2007).

Sendo assim, podemos entender que as escolhas linguísticas feitas pelos missivistas selecionados não são aleatórias. Além disso, concordamos com o fato de que “a configuração das formas verbais apresentadas como TDs mostra a variedade de meios pelos quais as finalidades comunicativas se manifestam, de acordo com o objetivo de cada carta e com as relações existentes entre os interlocutores” (SILVA, 2018b, p. 85).

O tópico seguinte trata do percurso metodológico utilizado para a análise das tradições discursivas nas três dimensões: composicional, temática e no modo de dizer imperativo de segunda pessoa nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. Nele poderemos observar como definimos a composição e o tratamento do *corpus*, as categorias de análise e os procedimentos de análise.

2.3. Percurso metodológico

Neste tópico, discorreremos sobre o processo metodológico realizado neste estudo, a fim de analisar as três dimensões de tradicionalidade nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, no século XX, entre os anos de 1949 e 1977. Nas seções seguintes, expomos como foram realizados a composição do *corpus*, a transcrição, a seleção das variáveis e os perfis dos missivistas.

2.3.1. Composição do *corpus*

As cartas do litoral e do sertão utilizadas nesta pesquisa foram obtidas por meio de doações de familiares e atualmente fazem parte do acervo do *Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco* (LEDOC). Os doadores desses documentos assinaram um termo que permite a utilização para a pesquisa, não necessitando, assim, da submissão ao Comitê de Ética.

Antes de trabalhar com a carta de casal, é importante observar como esse subgênero se realiza, quem o produz, qual sua função social e em qual época foi escrito. As cartas analisadas neste estudo trazem marcas da história de amor vivida por dois casais pernambucanos, escritas entre os anos de 1949 e 1977, na região litorânea e no sertão de Pernambuco. Além do fator localidade como diferencial, estamos trabalhando com um gênero que tem uma forte presença de elementos conversacionais, que potencializam os estudos referentes às tradições discursivas no estado de Pernambuco. Com os resultados, podemos contribuir com os estudos do português brasileiro em Pernambuco, ao fazermos uma análise da realização do modo verbal imperativo de segunda pessoa em duas regiões diferentes do mesmo estado.

O *corpus* é composto por 80 cartas de casal pernambucanas, escritas por um casal do sertão e um casal do litoral. O subgênero carta de casal permitirá observar o quanto a temática pode evocar marcas tradicionais, uma vez "que em cada subgênero há temas recorrentes e essas recorrências evocam tradições discursivas diferentes" (GOMES; MELO, 2018, p. 38). Para esse tipo de análise, optamos por utilizar um número equivalente de cartas: 20 cartas de cada missivista, totalizando 80 cartas. Esse número possibilita que os resultados quantitativos tenham um equilíbrio para organizar os grupos de fatores analisados.

Na sequência, podemos observar o detalhamento do *corpus* de análise: período de escrita de cada região e data de cada correspondência selecionada para esta análise. Os documentos serão identificados com as seguintes informações: o número da carta, as iniciais do remetente e do interlocutor e data da correspondência (02-NJ-04-07-1949). No quadro 2 podemos observar, cronologicamente, o detalhamento do *corpus* selecionado para este estudo:

Quadro 2: Detalhamento do *corpus*

CARTAS DE CASAL DO LITORAL PERNAMBUCANO (1949-1950)		CARTAS DE CASAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO (1972-1977)	
De J. para N.	De N. para J.	De J. para C.	De C. para J.
01-JN-11-06-1949	01-NJ-21-05-1949	01-JC-01-07-1972	01-CJ-05-02-1972
02-JN-17-06-1949	02-NJ-04-07-1949	02-JC-05-01-1974	02-CJ-17-02-1972
03-JN-06-08-1949	03-NJ-22-07-1949	03-JC-15-01-1974	03-CJ-12-07-1972
04-JN-07-08-1949	04-NJ-02-08-1949	04-JC-20-10-1974	04-CJ-18-02-1974
05-JN-19-08-1949	05-NJ-09-08-1949	05-JC-03-05-1975	05-CJ-06-08-1974
06-JN-27-08-1949	06-NJ-02-09-1949	06-JC-20-05-1975	06-CJ-19-09-1974
07-JN-05-10-1949	07-NJ-13-09-1949	07-JC-17-06-1975	07-CJ-02-10-1974
08-JN-23-10-1949	08-NJ-29-09-1949	08-JC-12-09-1975	08-CJ-10-01-1975
09-JN-15-11-1949	09-NJ-20-10-1949	09-JC-20-10-1975	09-CJ-20-05-1975
10-JN-05-12-1949	10-NJ-18-11-1949	10-JC-14-01-1976	10-CJ-13-06-1975
11-JN-10-12-1949	11-NJ-15-12-1949	11-JC-18-02-1976	11-CJ-29-09-1975
12-JN-23-12-1949	12-NJ-26-12-1949	12-JC-03-05-1976	12-CJ-22-10-1975
13-JN-07-01-1950	13-NJ-10-01-1950	13-JC-20-05-1976	13-CJ-22-12-1975
14-JN-14-01-1950	14-NJ-17-01-1950	14-JC-16-06-1976	14-CJ-25-01-1976
15-JN-14-02-1950	15-NJ-12-02-1950	15-JC-01-09-1976	15-CJ-13-06-1976
16-JN-07-03-1950	16-NJ-17-02-1950	16-JC-11-10-1976	16-CJ-04-09-1976
17-JN-22-04-1950	17-NJ-13-03-1950	17-JC-02-02-1977	17-CJ-05-10-1976
18-JN-13-05-1950	18-NJ-08-03-1950	18-JC-30-03-1977	18-CJ-14-01-1977
19-JN-04-07-1950	19-NJ-16-03-1950	19-JC-10-05-1977	19-CJ-18-05-1977
20-JN-30-07-1950	20-NJ-27-03-1950	20-JC-15-06-1977	20-CJ-03-09-1977

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Na seleção de cartas para compor o *corpus*, há um distanciamento temporal, justificado pelo reduzido número de cartas de casal pernambucanos de que dispomos, no momento, no banco de dados do *Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco* (LEDOC). Com a intenção de equilibrarmos o *corpus* de análise, selecionamos o mesmo número de cartas de missivistas masculinos e femininos de dois casais que trocaram correspondências nas décadas de 50 e 70 do século XX. Concordamos que esse tipo de recorte facilita o trabalho com dados quantitativos, pois, quanto mais equilibrado o *corpus*, mais preciso serão os resultados, conforme as pesquisas realizadas com um *corpus* composto por cartas pessoais, a exemplo de Costa (2019), Silva (2018a; 2018b), Lopes, Marcotulio e Rumeu (2018), Rumeu (2016; 2019) e Gomes e Melo (2018). No entanto, quando trabalhamos com dados de sincronias passadas, nem sempre é possível atingir um equilíbrio total do *corpus*.

No tópico seguinte, tratamos do processo de transcrição das cartas de casal, por meio de normas previamente determinadas pelo PHPB.

2.3.2. Transcrição

A transcrição das cartas foi realizada de acordo com as normas do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), respeitando todas as características do texto original (espaços, acentuações, comentários do missivista, rasuras etc.), sendo, portanto, uma transcrição semidiplomática. Para isso, importa termos em mente que uma

[...] edição semidiplomática está inserida na metodologia de trabalho do projeto de edição das obras porque ela serve de base para qualquer outra atividade que se pretende fazer posteriormente com os manuscritos. Neste tipo de edição tenta ao máximo manter a forma genuína dos manuscritos e as intervenções feitas dizem respeito às abreviaturas (ROCHA; BARREIROS, 2014, p. 246).

É por meio da manutenção das características genuínas desses manuscritos que podemos fazer uma análise precisa, sem riscos de trabalhar com diferentes interpretações oriundas de uma transcrição não monitorada. Essas normas podem ser vistas no anexo 1.

A seguir, podemos observar a imagem fac-similar de uma carta de um missivista do litoral pernambucano, escrita em 5 de dezembro de 1949. A fim de preservar a identidade dos missivistas, todos os nomes pessoais escritos foram apagados:

Imagem 1: Fotografia da carta 10-JN-05-12-1949

Recebe Remembro em 5 de 15 de 1949
Sociedade N. [redacted] Al. [redacted] D. Senhor

Eu com Comias e prazas que eu epeço master fraca e para para
Sara Patio minha maticas que estar Bem de Salto e para de
Mosso com Deus. Mais eu longo de tu minha Vida Decorrer
Quiste e prazas na Desolado estar com Saude mais sem tua
Fidelidade e prazas tudo epra mim e disganimo: Im [redacted] tu
Sempre fico eprativo as vezes atarde da noite em meu
Silencio: Meu Deus sera que Im [redacted] mi amor, mais eu te epeço
Que eu não mi cheira a baculado porque sem teu amor não quero
Vida e prazas tu sabe Im [redacted] que te amo e meu Dejo e
Sempre Viver a teu lado mais não e por isso: mais sem tua
Deus eprativa tudo não e:
Sim Im [redacted] eu creio que tua amor eprativa o qual fico muito
Alegre por ter meus amozos eprativas que ter o meu
Coração de alegria e também fico eprativo mais mesmo
Calor e sabe tu mi eprativa e não creio: Eu mesmo
So creio: Carta sua uma vez e da mia parte li e creio e
com a de gente que vai que epeço eprativo eprativo da tua
Carta não e: Sim Im [redacted] de Deus eprativo eu irei eprativa São
Tudo com Voce quando estiver mais eprativo eu te aviso: Tu:
Sim Im [redacted] ora por mi epara que Deus mi eprativa eprativa eprativa
A paz tua e e [redacted] e muitos eprativas fins Agui fica eprativa
Ama J. [redacted] R. [redacted] B. [redacted]

Sim Im [redacted] Vou eprativa eprativa
Sara a noite eprativa eprativa eprativa:

Fonte: Acervo do LeDoc (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

Nem sempre encontramos documentos legíveis. Muitas cartas tiveram um armazenamento inadequado e, com o tempo, o papel acabou ficando desgastado, comprometendo a leitura. Algumas dobras, manchas e rasuras também dificultam o trabalho de transcrição. Vejamos no quadro 3, a carta 10-JN-05-12-1949 transcrita:

Quadro 3: Carta 10-JN-05-12-1949 transcrita

fol. 1r] Recife Pernambuco em 5 de 15 de 1949 || Querida N . a Paz do Senhor || E com o maior prazer que eu pego nesta fraca pena para| para [inint.] minha noticias que estar bem de saude graça au| nosso bom Deus. Mais eu longe di ti minha vida decorrer| triste porque na verdade estar cum saude mais sem tua| linda presenca tudo pra mim e diszanimo: N. eu| sempre fico pensativo as vezes tarde da noite em meu| silencio meu Deus sera que N. mi amar <↑ou não>. mais eu ti peço| que não me deixe abandonado porque sem teu <↑a> mor não quero| vida porque tu sabe N. que ti amar e meu desejo era| sempre viver a teu lado mais não e posivel mais um dia| Deus provera todo não e: [espaço]| Sim N. eu resebir tua amavel cartinha a qual fiquei muito| alegre por ver tuas amorozas palavras que trasbordo o meu| coração de alegria i tambem fiquei triste nas mesma| palavras sabe <↑que> tu mi escrevesse i o não resebi li eu mesmo| so resebir carta sua uma ves e da mia porta ti escrever e| com a seguinte que vai eu penço que pareco enteiso da sua| parte não e: sim N. se Deus permite eu irei passa são| joão com voce quando estiver mais perto eu ti digo viu:| Sim N. ora por mim para que Deus mi a bençoe eu mando| a paz <↑para> tia e vivi e muitas recordações fim aqui fica quem ti| ama J. R. Bezerra || Sim N. vor mudar meu <↑indereço>| para onde eu trabalho e melhor viu:

Fonte: Acervo do LeDoc (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

Esse processo visa facilitar a extração de elementos para a análise, seja por meio de recortes para uma análise qualitativa ou por meio da interpretação de códigos num programa de rodagem de dados. Na sequência podemos observar a elaboração da seleção das variáveis dependentes e independentes.

2.3.3. Seleção das variáveis e codificação das formas imperativas de segunda pessoa

Na análise, partiremos dos aspectos macroestruturais do texto para os microestruturais, pois, consideramos questões que vão das características constitutivas do gênero, sua temática, para as especificidades linguísticas ao abordarmos o modo verbal imperativo de segunda pessoa e suas nuances pragmáticas.

Nossa pesquisa segue a linha de Silva (2018b), que identificou os modos imperativos como TD em cartas pessoais pernambucanas, considerando os perfis dos missivistas selecionados. Diante disso, a contribuição desta pesquisa é identificar os tipos de ocorrência desse modo dizer tradicional, delimitando os fatores linguísticos selecionados, buscando mostrar a influência dos fatores sociais (sexo e localidade) nos fatores linguísticos (formas imperativas e polaridade da estrutura) evocados ao longo da escrita dos dois casais pernambucanos do século XX.

Tomamos as formas imperativas direta e indireta como variável dependente em correlação com os fatores linguísticos, nuances pragmáticas e a polaridade da estrutura. Deste

modo, podemos perceber como as variáveis independentes interferem na produtividade da variável dependente, pois a função pragmática e o tipo de polaridade utilizada são fatores condicionantes da variabilidade entre forma direta ou indireta. Optamos por tratar do modo de dizer imperativo de segunda pessoa por considerarmos a seguinte premissa de Castilho (2016, p. 439):

[...] como o imperativo expressa uma ordem ou um pedido, dirigido ao interlocutor, ele só deveria ser conjugado na P2. As outras pessoas não expressam uma ordem, e sim uma volição. Por isso mesmo, de acordo com a gramática prescritiva, as formas imperativas do indicativo estão associadas ao pronome *tu*, e as formas do subjuntivo, ao pronome *você* e ao tratamento *o senhor*. A P2 apresenta uma forma etimológica: cf. latim P2 *canta*>*canta*, *cantae*>*cantai*; *debe*>*deve*, *debete*>*devei*; *parte*>*parte*, *partite*>*parti*. Nas outras pessoas, o imperativo tomou de empréstimo formas do subjuntivo.

Com relação às funções pragmáticas, temos as formas próprias de imperativo de segunda pessoa que versam entre pedido, conselho, ordem, advertência e marcadores conversacionais. Em se tratando dos marcadores conversacionais, podemos compreendê-los como “elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional” (URBANO, 1999, p. 85). Dessa forma, entenderemos qual a maior recorrência de cada fator que compõe a variável dependente com relação às variáveis independentes e como um modo verbal pode ser evocado como uma tradição discursiva dentro de um gênero repleto de marcas conversacionais, considerando sua aplicação diante da tradicionalidade composicional, temática e dos modos de dizer. Percebemos que o modo imperativo pode aparecer em partes específicas das cartas de casal, como na abertura e na despedida. Em se tratando da realização do modo de dizer imperativo de segunda pessoa em correlação com a temática, observamos que os conteúdos próprios da natureza da carta de casal envolvem questões emocionais e comportamentais. Os missivistas recorrem aos pedidos de desculpas e buscam alertar seus amados para agirem ou deixarem de agir de acordo com algum acontecimento dentro de suas relações. O modo de dizer imperativo de segunda pessoa nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos tem uma ligação com o nível de proximidade entre os missivistas, pois o nível de intimidade entre eles possibilita a maior incidência desse tipo de estratégia de verbalização.

A polaridade da estrutura imperativa também pode revelar tendências na escrita dos missivistas, pois a depender dela, seja afirmativa ou negativa, o missivista tende a utilizar com mais frequência uma determinada forma imperativa, a depender da função pragmática exercida por ela, pois marcadores conversacionais como “olhe, veja” só aparecem na forma imperativa

direta afirmativa, enquanto as demais funções imperativas se realizam tanto nas formas diretas, indiretas, afirmativas e negativas.

Essas variáveis de análise linguística estão fortemente imbricadas com as variáveis sociais em questão, o sexo e a localidade dos missivistas. As variáveis linguísticas e sociais completam-se e influenciam a construção de sentido do texto.

Para o tratamento quantitativo dos dados de imperativo de segunda pessoa, utilizamos a ferramenta Goldvarb X. Sobre a utilização do Goldvarb X, vale ressaltar que, infelizmente, apesar da sua eficácia “e da sua importância, haja vista que ele aponta os grupos de fatores significativos para a análise da variação linguística, o funcionamento do GOLDDVARB X parece ainda ser pouco conhecido e, conseqüentemente, pouco utilizado” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 31-32). Para a quantificação dos dados, são consideradas a variável dependente e as variáveis independentes, conforme a explicação de Santos e Vitorio (2011, p. 5):

[...] uma variável dependente, cuja natureza é de ordem linguística, apresenta variantes, que, por sua vez, são governadas por fatores que influenciam o uso de uma variante em detrimento da outra durante o processo de variação. Esses grupos de fatores são chamados de variáveis independentes e podem ser tanto de ordem linguística, quanto extralinguística.

Sendo assim, definimos como variável dependente o modo verbal imperativo, que pode se apresentar de forma direta e indireta. As variáveis independentes estão divididas em linguísticas e extralinguísticas. As linguísticas são as funções pragmáticas que essas formas imperativas exercem, que podem ser de: marcador conversacional, pedido, ordem, conselho, advertência; e a *polaridade da estrutura* (SCHERRE, 1998) (imperativo afirmativo e imperativo negativo). As variáveis extralinguísticas são o sexo (masculino e feminino) e a localidade (litoral e sertão). Dessa maneira, podemos identificar qual forma imperativa é mais produtiva, considerando sempre a influência das tradições discursivas, seja na dimensão temática, composicionalidade ou nos seus modos de dizer, pois muitas vezes os missivistas recorrem a uma determinada estratégia por se tratar de um modo tradicional comum no gênero escrito. Quanto às variáveis sociais, consideramos o sexo, que contempla os fatores masculino e feminino, e a *localidade*, também com dois fatores: litoral e sertão.

No quadro 4, observamos o grupo de fatores considerados para análise das formas imperativas de segunda pessoa. Cada fator é antecedido por um código que representa sua respectiva função:

Quadro 4: Grupo de fatores

VARIÁVEIS		FATORES
Dependentes	Formas imperativas	D – Imperativo direto I – Imperativo indireto
Independentes	Funções pragmáticas	M – Marcador conversacional P – Funções imperativas diversas (pedido, conselho, ordem, advertência)
	Polaridade da estrutura	A - Imperativo afirmativo N - Imperativo negativo
	Sexo	H – Masculino F – Feminino
	Localidade	L – Litoral pernambucano S – Sertão pernambucano

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

As tradições discursivas são construídas sócio-historicamente, portanto, nessa perspectiva, é importante adotar análises qualitativa e quantitativa, com vistas à articulação entre fatores linguísticos e sociais. No quadro, a seguir, podemos observar os códigos, em negrito, utilizados no processo de rodagem dos dados, por meio da ferramenta Goldvarb X:

Quadro 5: Carta 10-JN-05-12-1949 codificada

Recife Pernambuco em 5 de 15 de 1949 || Querida N. a Paz do Senhor || E com o maior prazer que eu pego nesta fraca pena para| para minha noticias que estar bem de saude graça au| nosso bom Deus. Mais eu longe di ti minha vida decorrer| triste porque na verdade estar cum saude mais sem tua| linda presençia tudo pra mim e diszanimo: N. eu| sempre fico pensativo as vezes tarde da noite em meu| silencio meu Deus sera que N. mi amar <↑ou não>. mais eu ti **(IPNHL .** peço| que [não me deixe] abandonado porque sem teu <↑a> mor não quero| vida porque tu sabe N. que ti amar e meu dezejo era| sempre viver a teu lado mais não e posivel mais um dia| Deus provera todo não e:| Sim N. eu resebir tua amavel cartinha a qual fiquei muito| alegre por ver tuas amorozas palavras que trasbordo o meu| coração de alegria i tambem fiquei triste nas mesma| palavras sabe <↑que> tu mi escrevesse i o não resebi li eu mesmo| so resebir carta sua uma ves e da mia porta ti escrever e| com a seguinte que vai eu penço que pareco enteiso da sua| parte não e: sim N. se Deus permite eu irei passa são| joão **(DPAHL .** com voce quando estiver mais perto eu ti digo viu:| Sim N. [ora] por mim para que Deus mi a bençoe eu mando| a paz <↑para> tia e v. e muitas recordações fim aqui fica quem ti| ama J. R. Bezerra || Sim N. vor mudar meu <↑indereço>| para onde eu trabalho e melhor viu:

Fonte: Acervo do LeDoc (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

Nessa carta, utilizamos dois códigos diferentes para o modo verbal imperativo. Podemos compreender o código **IPNHL** da seguinte forma: observamos uma ocorrência do imperativo indireto (**I**), função imperativa diversa (**P**), imperativo negativo (**N**), carta escrita por um missivista do sexo masculino (**H**), e, por fim, escrita por um missivista do litoral pernambucano (**L**). No segundo código, **DPAHL**, temos diferença no primeiro fator: (**D**) como a forma imperativa direta e no terceiro (**A**), representando o uso do imperativo afirmativo. Nesse processo de codificação, os dois primeiros fatores de uma carta podem ser alternados, pois se tratam de fatores linguísticos em variação; já os dois últimos (**HL**), que dizem respeito aos fatores sociais, são mantidos de acordo com cada carta codificada, pois se trata do sexo do escrevente e da localidade.

Após esses procedimentos, lançamos os dados no formato de documento de texto para o programa Goldvarb X processar e transformar os fatores investigados em porcentagem. Assim, teremos como saber, por meio dos dados quantitativos, como as ocorrências de imperativo se relacionam com os diferentes perfis e os demais fatores analisados. Esse processo foi realizado para que, após a quantificação dos dados, fizéssemos a análise quantitativa e qualitativa das ocorrências, como também a análise contrastiva dos dados do litoral e do sertão, a fim de identificarmos como as formas imperativas se comportam no contexto das duas regiões pernambucanas. No tópico seguinte, apresentamos os perfis dos missivistas do litoral e do sertão pernambucanos.

2.3.4. Perfis dos missivistas

É imprescindível considerarmos a história dos escreventes selecionados para que seja feita uma análise que busca entender como as formas linguísticas são influenciadas pelo tipo de relação estabelecida entre os escreventes. Trabalhos como o de Gomes (2019) acerca das tradições nas cartas de casal do litoral e o trabalho de Lima (2018) relacionado à variação dos pronomes pessoais *tu* e *você* em cartas de casal rurais do sertão pernambucano, já trouxeram um pouco da história desses dois casais.

Acrescentamos, neste estudo, dados biográficos dos missivistas, embora não os identifiquemos pelo nome, com o intuito de inserir na discussão elementos fundamentais para uma análise linguística que parte do linguístico ao social. Podemos iniciar, então, com uma

breve história do casal residente na região metropolitana do Recife, conforme a pesquisa de Gomes (2019, p. 109):

O noivo, J R B, carinhosamente chamado de Z, por sua noiva, nasceu no distrito de Goianinha, atualmente a cidade de Condado, localizada na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, no dia 19 de março de 1930. Os pais dele nasceram em engenhos, e ele passou a infância nesses espaços. Quanto à escolaridade, Z responde que: “terminou o primário, e muito mal, com 15 anos” (entrevista). Ele começou a trabalhar cedo e exerceu diferentes funções: encanador, motorista de caminhão, vendedor de sapatos, fabricante de sapatos, comerciante de sapatos e de móveis.

A noiva N S B nasceu no dia 05 de fevereiro de 1935, em Recife, mas se estabeleceu na cidade de Goiana, na Região Metropolitana de Recife, a partir de 1 ano e meio de idade. A volta para Goiana foi motivada pela separação dos seus pais. Ela, filha única, foi criada exclusivamente pela mãe e conheceu o pai aos 17 anos. Sua mãe não sabia ler nem escrever, mas trabalhava como operária em uma fábrica, e elas moravam na vila dessa fábrica. Morou nessa cidade até casar, aos 15 anos, quando voltou a morar em Recife e depois em Olinda, onde reside atualmente.

Ao longo deste estudo, observaremos que o casal do litoral, por conta do “nível de escolaridade elementar – apresenta uma escrita mais rudimentar, com muitas marcas da oralidade que aproximam os textos da espontaneidade de um diálogo” (SILVA, 2018a, p. 113). Essa falta de habilidade com a escrita em nada atrapalha a comunicação por meio de cartas e a expressão de sentimento entre o casal, mostrando que, em se tratando da relação amorosa desse casal, a escolaridade não é um fator que atrapalha suas correspondências ao longo dos anos. Como ambos alegaram, a prática de escrita de cartas não foi aprendida na escola.

A seguir, podemos observar o perfil do casal do sertão pernambucano, iniciando com a missivista feminina e, em seguida, o remetente masculino, de acordo com o estudo de Lima (2018, p. 31-32):

A Missivista Feminina (C.R.): nasceu no dia 25 de outubro de 1952, no Sítio Brejinho, zona rural do município de Triunfo. Teve formação superior (1997) em Biologia com complementação em Matemática e atuou como professora por mais de 15 anos. Na infância, manteve contato contínuo com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de natureza diversa que, segundo a informante, tornaram-na autodidata no processo de alfabetização. Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida em sua comunidade rural; frequentou a instituição até a 4ª série do ensino fundamental e, logo após esse período, cessou os estudos por cinco anos, retomando-os em 1969 no Colégio Stella Maris, no qual formou-se em magistério no ano de 1976. Segundo a escrevente, o relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se consolidou em casamento no dia 1º de julho de 1978.

O Missivista Masculino (J.G.): nasceu no dia 25 de abril do ano de 1954, no município de Floresta, interior do estado de Pernambuco. Residiu até os 17 anos no Sítio Fazenda Porção, zona rural de sua comunidade natal, na qual, estudou da primeira à quarta série do ensino fundamental regular. Posteriormente, iniciou o curso supletivo, já no município de Triunfo (PE). Terminado o segundo ciclo de sua escolarização, deu continuidade aos seus estudos no Ensino Médio Regular (antigo 2º grau). Em meados

desse período, mudou-se para a comunidade de Custódia (PE). Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e ficou impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização.

A história de vida de um indivíduo carrega marcas culturais que retratam o modo como conviveu em sociedade, qual o contexto político-social da época, quais os costumes etc. Essas informações são especialmente importantes pelo fato de analisarmos dados de informantes de duas localidades bem diversas como são o litoral e o sertão do estado de Pernambuco. Além da descrição dos interlocutores para favorecer a análise qualitativa, para a obtenção dos dados quantitativos, procedemos a codificação das cartas do casal.

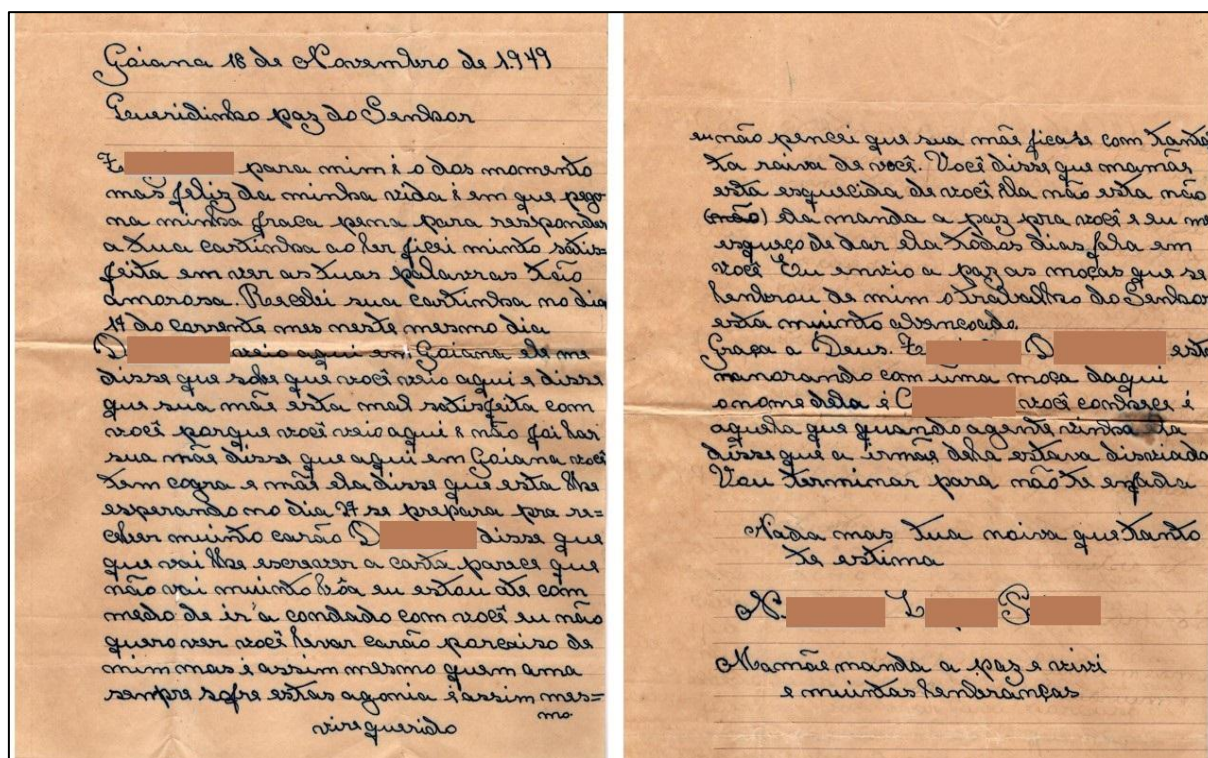
Os capítulos seguintes abordarão a tradicionalidade composicional, a tradicionalidade temática das cartas de casal e a tradicionalidade presente nos modos de dizer dos missivistas selecionados. Iniciamos com a discussão dos elementos constitutivos das cartas de casal e como esses elementos evocam formas tradicionais ao longo dos anos nas duas regiões abordadas neste estudo.

3. AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NA COMPOSICIONALIDADE DAS CARTAS DE CASAL

Um processo de análise que inclui o gênero, não pode perder de vista as suas características estruturais. Cada elemento constitutivo da carta pessoal, por exemplo, deve ser considerado nesse tipo de análise, uma vez que cada um compõe a natureza tradicional do gênero. Identificamos marcas recorrentes em partes específicas da carta de casal que serão evidenciadas ao longo deste capítulo, que está dividido em três partes constitutivas da carta: abertura, corpo do texto e despedida.

Esse subgênero, no conjunto das cartas pessoais, possui características típicas que, ao longo dos séculos, se repetem. A dimensão da tradicionalidade composicional consiste no aspecto estrutural do gênero. Lembremos, por exemplo, de gêneros textuais como bula, receitas culinárias, notícias de jornal, canções, poemas, entre outros. Cada um desses gêneros evoca uma tradição discursiva composicional particular em sua estrutura, permitindo-nos reconhecer o gênero pela organização estrutural. Vejamos, a seguir, a imagem de frente e verso de uma das cartas de casal selecionadas para esta análise:

Imagem 2: Fotografia da carta 10-NJ-18-11-1949



Fonte: Acervo do LeDoc (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

Na imagem 2, observamos que a disposição do local e data, do vocativo, dos parágrafos, das quebras de linha e da assinatura é uma característica típica do gênero carta pessoal. Os elementos citados são, por si só, tradições discursivas, pois na carta pessoal, se repetem ao longo dos séculos na mesma posição ou disposição gráfica de modo supraidiomático. Nesse sentido, procuramos considerar a importância da observação das características específicas do subgênero carta de casal e devemos levar em consideração que esse subgênero

[...] é marcado pela expressão íntima dos sentimentos do escrevente em relação ao destinatário. Essa declaração sentimental pode ou não vir acompanhada por traços comuns aos outros subgêneros, tais como o pedido de notícias e/ou favores, expressões saudosistas e recados (SILVA, 2018a, p. 112).

Por esse motivo, devemos levar em consideração esse alto nível de emocionalidade, próprio das cartas de casal selecionadas, para que, ao longo da análise, possamos perceber como as tradições discursivas composicionais se revelam nas particularidades desse subgênero. Constatamos que, no subgênero carta de casal, as expressões de sentimento se repetem na escrita dos missivistas e se tornam característica desse subgênero. Percebemos que o subgênero carta de casal revela marcas específicas em se tratando de expressões de sentimento.

No quadro 6, podemos observar a mesma carta com seus elementos constitutivos devidamente separados, para que possamos perceber, nos detalhes, como o subgênero carta de casal se constitui:

Quadro 6: Carta 01-JC-01-07-1972 transcrita

Carta de casal	Partes da carta de casal	Elementos constitutivos
Poção 1 de julho de 1972 Querida C.: Saudades! O objetivo desta não é apenas responder uma carta com sua que há dias eu esperava, com ansiedade como também dar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos por o presente tão significativo que você me enviou Demonstrando assim que a ausência não sua a minha insignificante pessoa. muita vontade de responder sua carta que recebi, porém não houve tempo, sei que você entende perfeitamente minhas circunstâncias ou não:	Abertura	1. Local e data; 2. Vocativo; 3. Saudação 4. Captação da benevolência
C. como passou o São João. e io São Pedro bem? espero que tenha passado estis dias bem divertida mas... Eu passei conforme as suas recomendações dancei bastante mas não.... foi bom porque o correu tudo empaz porem teria sido melhor si tivesse passado com você mas infelizmente não foi possivel. C. mais uma vez peço-lhes desculpa pois ainda não é possivel mandar a foto desta vez talvez pense que é mávontade minha mais não é nada	Corpo do texto	1. Desenvolvimento da temática; 2. Descrição de acontecimentos; 3. Pedido de desculpas

disso o motivo é somente por que eu não tenho a foto e aqui é difícil de tirar a não ser em S. Talhada ou em floresta a cho que você deve entender que não é má vontade minha mas não se preocupe que logo enviarei pois ainda não foi possível ir em nem um desses lugares sim não trouxe o postal deixei dentro do seu livro todavia o assunto mi fôgiu		
então até Breve se Deus permiti Termino desejando um mundo de felicidades para você e todos prezada família mas uma vez peço desculpa pelos erros e os erros e a demora tudo isso é o pouco saber A Deus Querida Assina o sempre seu J G Saudades O AMOR e lindo é verdadeiro	Encerramento	1. Despedida 2. Pedido de desculpas 3. Assinatura

Fonte: Acervo do LeDoc (<http://www.ledoc.com.br/documento>)

Em estudos anteriores, já constatamos que, em se tratando da abordagem das tradições discursivas reveladas nas cartas de casal, nos deparamos com

[...] permanências e mudanças no processo composicional das cartas pessoais, pois nem todos os escreventes mantêm a mesma ordem ou estrutura. Importa considerar que tais elementos podem, ao longo dos anos, deixar de ser tradicionais para dar espaço a uma nova constituição. A estrutura do processo composicional do gênero carta pessoal é disposta da seguinte forma: vocativo, saudação, captação da benevolência, texto, pedido, despedida e assinatura (GOMES; MELO, 2018, p. 32)

Tendo em vista esses elementos, nas seções seguintes, optamos por sistematizá-los em três pontos: abertura, corpo do texto e despedida. Dessa forma, buscamos perceber como se apresentam as tradições discursivas em cada parte da carta de casal. Na sequência, abordamos as tradições discursivas presentes na abertura das cartas de casal selecionadas para esta análise.

3.1. Abertura

Na abertura da carta de casal, podemos identificar marcas que se tornam recorrentes. Esse tipo de recorrência, ou tradição, é fruto das escolhas dos missivistas no momento da escrita, considerando um repertório de opções compartilhado culturalmente, e possibilita uma maior fluidez na maneira como as informações são repassadas. Nesta seção, realizamos uma subdivisão em três partes: vocativo, saudação e captação da benevolência. Esses três elementos constitutivos, recorrentes nas cartas pessoais, estão presentes na abertura das cartas de casal analisadas. Na sequência, podemos observar como o vocativo se realiza nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos.

3.1.1. Vocativo

O vocativo é um elemento constitutivo que pode refletir de imediato o nível de envolvimento emocional dos missivistas. Em se tratando do subgênero carta de casal, é comum o uso do diminutivo. Esse traço estilístico nos faz perceber o nível de proximidade entre os casais e como o carinho que um tem pelo outro é explicitado no início da escrita.

Nos exemplos (8) e (9), podemos observar como os missivistas do litoral iniciam suas cartas:

- (8) **Queridinha** A paz Do Senhor **N.** venhor por meio destas mau trasada linha darti As minha nuticias (CARTA: 13-JN-07-01-1950, grifo nosso)
- (9) **Queridinho** a paz do Senhor. **Z.** um dos momentos mas feliz da minha vida foi este em que pego na minha pena para responder a| tua amavel cartinha (CARTA: 11-NJ-15-12-1949, grifos nossos)

Na sequência, podemos observar como os missivistas do sertão pernambucano dão início a sua escrita nos exemplos (10), (11) e (12). Nesses casos, observamos outra estratégia de verbalização na abertura da carta, o uso das expressões “meu bem”, “meu amor” e “meu querido”. Essa forma de se referir ao ser amado é marcada pela emocionalidade e revela o quanto querem bem um ao outro, conforme podemos ver a seguir:

- (10) **J, meu bem!** Um abraço (CARTA: 11-CJ-29-09-1975, grifos nossos)
- (11) **C. meu amor.** Como vai você bem (CARTA: 11-JC-18-02-1976, grifos nossos)
- (12) **J. meu querido:** Saudades! (CARTA: 08-CJ-10-01-1975, grifos nossos)

Nos exemplos das duas regiões, podemos observar as diferenças nas formas de iniciar as cartas. Enquanto o casal do litoral faz uso do diminutivo, o casal do sertão inicia com os nomes seguidos de expressões de cunho amoroso, como pudemos observar nos exemplos em destaque. Essas diferenças estão relacionadas aos perfis dos missivistas, pois, a depender da cultura e das histórias de vida, cada um opta por uma estratégia de verbalização diferente, de acordo com seu próprio acervo de possibilidades recorrentes para compor o subgênero carta de casal.

O vocativo é um elemento constitutivo que revela, de imediato, se existe ou não problema na relação do casal, pois, a depender do que esteja acontecendo entre os dois, essa forma de iniciar as correspondências vai mudar. Tensões podem causar mudanças nesse vocativo. Embora, na maioria das cartas, os missivistas tenham utilizado expressões carinhosas, há ocorrências em que iniciam as cartas sem nenhuma dessas marcas características do subgênero carta amorosa de casal.

Vejamos nos exemplos (13), (14) e (15) algumas ocorrências que não seguiram o padrão tradicional das cartas de casal analisadas, uma vez que não possuem estratégias de verbalização que remete à emocionalidade:

- (13) goiana 17 de janeiro de 1950 **Z.** paz do Senhor Ao pegar na pena para te tranmitir estas linha (CARTA: 14-NJ-17-01-1950, grifo nosso)
- (14) **N** a paz do Senhor. **N** venho por meio destas mau trasada linha darti as minha nuticias (CARTA: 11-JN-10-12-1949, grifos nossos)
- (15) Triunfo, 29 de maio de 1975. **Alôu J.!? Recebí tua missiva, fiquei feliz pois a mesma chegou numa boa hora.** (CARTA: 09-CJ-20-05-1975, grifos nossos)

A utilização do nome da pessoa no vocativo é uma tradição discursiva, pois é um modo de dizer recorrente e aceitável nas cartas de casal. A seguir, observamos como o elemento constitutivo saudação se realiza como uma tradição discursiva nas cartas de casal analisadas.

3.1.2. Saudação

A saudação é um elemento que se posiciona diretamente após o vocativo. Nas cartas do litoral, os missivistas recorrem a uma marca tradicional religiosa como “a paz do senhor”. Em se tratando da marca tradicional religiosa “paz do senhor”, entendemos, conforme Silva (2018a, p. 123), que “estamos lidando com expressões elípticas. Historicamente, é cabível afirmar que essa saudação sofreu supressões de elementos, uma vez que é provável que se dissesse inicialmente algo como *saúdo-lhe com a paz do Senhor* ou *desejo-lhe a paz do Senhor*”. Na sequência, podemos observar como essa tradição discursiva se apresenta nas cartas de casal do litoral:

(16) Goiana 22 de julho de 1949. Z. **a paz do Senhor** (CARTA: 03-NJ-22-07-1949, grifos nossos)

(17) Queridinha N **a paz do Senhor** (CARTA: 12-JN-23-12-1949, grifos nossos)

Nas cartas do sertão, a missivista saúda seu amado, conforme observamos em destaque no exemplo (18), desejando amplexos, que significa abraços. Uma forma não tão comum nos modos coloquiais de saudar uma pessoa com a qual mantém uma relação de proximidade. No exemplo (19), podemos observar que o missivista saúda sua amada expressando o sentimento de saudades:

(18) Brejinho, 5 de fevereiro de 1972. Querido J. **Amplexos!** Não sei realmente qual o motivo que leva-me a escrever-te esta. (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifo nosso)

(19) Poção 05 de Janeiro de 1974. Querida C. **Saudades** (CARTA: 02-JC-05-01-1974, grifo nosso)

Percebemos que, nesse elemento constitutivo das amostras analisadas, as tradições discursivas se apresentam por meio das escolhas de palavras que buscam retratar uma marca religiosa, uma expressão de sentimentos ou um desejo. A saudação é uma parte importante da carta de casal, assim como o vocativo, pois ambos revelam, por meio das estratégias de verbalização, o nível de envolvimento emocional do missivista. A subseção seguinte retrata a captação da benevolência e sua configuração como uma tradição discursiva nas cartas de casal pernambucanas.

3.1.3. Captação da benevolência

A captação da benevolência é um elemento constitutivo que, em sua maioria, aparece no início ou no final das cartas, é um elemento que “dá indícios da relação estabelecida entre os amantes” (SILVA, 2018a, p. 114). Entretanto, em alguns casos, pode aparecer diluída no corpo do texto. Esse elemento constitutivo tem como função “captar a boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência” (LOPES, 2011, p. 369). Dessa maneira, o missivista busca, no seu contato inicial, mostrar um nível de proximidade, preocupação e cuidado com o seu interlocutor. Ao longo dessa seção, iremos observar a captação da benevolência se configurando

como uma tradição discursiva presente nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. Vejamos nos exemplos (20) e (21), como a captação da benevolência se realiza como uma tradição discursiva nas cartas do casal do litoral pernambucano:

(20) Querido Z. a paz do Senhor Z. **profunda saudades me rodeim no momento em que estou a trocar-te estas rusticas linhas gozando saúde paz e felicidade.** Receb sua cartinha ao ler senti-me satisfeita e feliz que é impossivel descrever-te quando suspiro lenbr tanto de você não sai do meu pensamento um só momento (CARTA: 05-NJ-09-08-1949, grifos nossos)

(21) Queridinha N a paz do Senho N **venhor por meio desta mau trasada linha darli as minhas nuticias Que estou bem di saude graça au nosso bom deus** N quero saber porque é este tão grande cilencio que tu estai commigo (CARTA: 17-JN-22-04-1950, grifos nossos)

Observamos que, tanto no exemplo (20) quanto no (21), os missivistas fazem o contato inicial expressando os seus respectivos estados de saúde e felicidade. Essa forma de contato inicial é uma marca recorrente nas cartas do casal do litoral pernambucano. A captação da benevolência é uma tradição discursiva típica do gênero carta pessoal que, no subgênero carta de casal, revela o nível de sentimentalidade existente entre o casal. Mostrar que está bem é uma forma eficaz de confortar o amado diante da distância.

Como podemos observar, no exemplo (22), a missivista inicia o contato perguntando como o amado está e, em sequência, deseja que ele esteja em harmonia ao receber sua correspondência. Essa é uma característica tradicional das cartas pessoais: desejar e esperar que a pessoa esteja bem ao receber uma carta. No exemplo (23), o missivista inicia o contato desejando, assim como fez a missivista no exemplo anterior, que a carta a encontre gozando de saúde e de felicidade. Além disso, pergunta como a amada está. Vejamos na sequência:

(22) Oi Querido: Felicidades! **Como estás; bem? Almejo que esta ao chegar em tuas mãos, tudo esteja em harmonia.** (CARTA: 15-CJ-13-06-1976, grifos nossos)

(23) Querida C. **Escrevo lhe esta missiva cartinha desejando que a mesma ti encontre com saude e felicidade.** C. **como vai você** bem, que tal da festa gostou eu gostei até de mais tudo fiz pra ir esta festa e para mim foi ótimo e senti que você também gostou (CARTA: 06-JC-20-05-1975, grifos nossos)

É perceptível que, nas cartas do sertão pernambucano, haja esse tipo de padrão tradicional na captação da benevolência. Nos exemplos (22) e (23), podemos observar que as marcas de interação, por meio de perguntas, possuem a finalidade de captar a benevolência. Percebemos que a ordem das perguntas, “Como estás?” ou “Como vai você”, tanto pode ser no início como no final da captação da benevolência.

Enquanto o casal do litoral se preocupa mais em demonstrar saudades e, de certa forma, se desculpar por uma escrita não tão bem elaborada por meio da utilização recorrente de expressões como “mal traçadas linhas” ou “rústicas linhas”, o casal do sertão evoca uma tradição discursiva, que é uma expressão muito recorrente na escrita do século XIX e XX, de maneira menos preocupada com a escrita e mais focada no bem-estar um do outro. Dessa maneira, podemos concluir que esse elemento constitutivo contribui para a fluidez da carta de casal, ao passo que possibilita, por meio do primeiro contato, deixar claro quais os objetivos da carta e até iniciar fazendo pedidos.

Na seção seguinte, iremos observar como o texto se constitui, tendo em mente que, para que o texto se desenvolva, os elementos constitutivos abordados anteriormente exercem um papel importantíssimo, pois, tanto o vocativo, a saudação e a captação da benevolência servem como uma preparação para o que está por vir.

3.2. Corpo do texto

O corpo do texto das cartas de casal carrega os objetivos da escrita dos casais, o tema, predominantemente é próprio da natureza do subgênero em questão, busca retratar momentos específicos da vida do casal. É no corpo do texto que os casais traçam planos para o futuro, comentam sobre acontecimentos passados e, muitas vezes, discutem acerca de questões do relacionamento amoroso. Ao longo das cartas analisadas, podemos perceber como as relações se construía e como as temáticas se desenvolviam, pois concordamos que, “por ser uma seção de natureza livre, o corpo das cartas de amor apresenta-se bastante variado em relação aos conteúdos” (SILVA, 2018a, p. 116).

A estrutura composicional do corpo do texto é disposta com parágrafos longos que desenvolvem assuntos abordados pelo missivista. Nas cartas de casal do litoral pernambucano, percebemos uma influência religiosa na escrita do casal que traz frequentemente menções a

Deus, seja no início do texto quando desejam a paz do Senhor, ou quando expressam pedidos de boa saúde e reencontros a Deus. Nas cartas do sertão pernambucano, a missivista recorre a canções de amor para expressar seus sentimentos, é recorrente a inclusão de canções e de pedidos para que o amado ouça quando puder. Ainda sobre a questão religiosa, temos a representação do litoral com um casal cristão protestante e do sertão com um casal católico. Porém, nas cartas de casal do sertão, não há a mesma representatividade religiosa evidenciada nas cartas de casal do litoral pernambucano.

O pedido é um elemento recorrente nas cartas de casal e que se configura como uma tradição discursiva, uma vez que os casais fazem usos de fórmulas típicas ao fazerem pedidos. É comum numa correspondência entre casais, que haja pedidos de desculpas, de respostas ou até de pedidos de mudanças de comportamentos. Esse ato de fala, recorrente no corpo do texto da carta de casal, permite observarmos o nível de cumplicidade entre os missivistas. Sabemos que, somente quando há intimidade o suficiente, certos pedidos podem ser feitos. No exemplo (24), podemos observar como um pedido se realiza no corpo do texto de uma carta litorânea:

(24) não poder tirar a minha fotografia agora o motivo é este o fotografo esta doente mais quando ele melhorar eu tiro **vou terminar pedindu-te que desculpe as letras**. Nada mais teu amôr N. Fim sim V. e mãe manda a paz (CARTA: 07-NJ-13-09-1949, grifos nossos)

No exemplo (24), a missivista faz um pedido de desculpas pela forma como sua grafia ficou no final do texto, antes de despedir-se do amado. Os pedidos de desculpas podem aparecer em qualquer parte das cartas de casal, pois isso vai depender do que aconteceu com o casal e da urgência que esse pedido tem nas suas vivências.

Nos exemplos (25), (26) e (27), podemos observar como a influência religiosa é marcada na escrita do casal do litoral pernambucano. Os pedidos de orações são frequentes, como podemos observar na sequência:

(25) ela esta neuvosa com esta doença eu tenho me contrariado bastante porque ele tem febre ja separou dagente com isto só falto morrer de desgosto mas é assim mesmo confio em jesus que ela vai ficar bôa. **ore por ela viu?** (CARTA: 06 NJ- 02-09-1949, grifos nossos)

(26) N. **não ti esquece di ora por mir um so momento** seu eu sempre ti entrego nas suas mãos potente para que cada dia ele ti faça mais

fiel a ele vomes vos ora um pelo outro para que um dia nos posa ser venserdo não é (CARTA: 03-JN-06-08-1949, grifos nossos)

(27) N. **eu ti peso que embra ti di mi nas tuas oração.** Aqui eu fico nas maiores auzencias di ti quem tanto amor. (CARTA: 06-JN-27-08-1949, grifos nossos)

Os pedidos de orações são recorrentes na escrita desse casal, pois os dois vivenciam uma cultura marcada pela igreja protestante. Assim, a expressão dá fé é algo comum, e os pedidos dão força ao relacionamento do casal ao longo dos anos. Percebemos que, por tratar-se de uma marca da igreja cristã protestante, o verbo utilizado é *orar* ao invés do verbo *rezar*, que seria utilizado se fossem um casal católico.

Na sequência, observamos trechos das cartas de casal do sertão pernambucano, buscando, assim como fizemos com as cartas do litoral, perceber como o elemento constitutivo pedido se apresenta de forma recorrente nas cartas analisadas. No exemplo (28), observamos a missivista pedindo que seu amado não mostre suas cartas a sua nova companheira, pois supõe que ele esteja vivendo outra história e teme que suas cartas sejam compartilhadas com outra mulher. Além de pedir que ele não mostre as cartas, sugere que as queime ou as devolva:

(28) Você deve estar outros lábios não os meus. “Na confiança é onde esta a traição” não é? Da amiga ou sua como ainda me considerar:
Ps: **Peço que não vá mostrar estas cartas minhas a sua namorada peço que faça uma fogueirinha ou devova-me.** Como achar melhor pois eu não quero estragar a felicidade do próximo. (CARTA: 02-CJ-17-02-1972, grifos nossos)

Esse tipo de pedido é algo comum numa relação amorosa, pois, mesmo na atualidade, quando os casais brigam nas redes sociais, resolvem apagar as mensagens trocadas, fotos compartilhadas como forma de eliminar esses registros e evitar que o novo(a) companheiro(a) tenha acesso à história que viveram. Identificamos, nos exemplos (25), (26), (27) e (28) que o modo imperativo é uma estratégia de verbalização, que se configura como um modo tradicional de dizer para atingir o efeito pretendido no ato do pedido.

No próximo exemplo, a missivista inicia seu pedido de maneira indireta, incentivando o amado a escrever para ela. Na mesma carta, pede desculpas, supondo que sua carta pode estar aborrecendo o seu amado, como podemos no exemplo (29):

(29) **Será que você tem ao menos um tempinho para mim e fazer um pequenissimo bilheteinho dizendo como está sua pessoa.** Se caso não for muito difícil pesso que faça mais uma vez este favozinho pra mim. Está certo?! [...] **Peço desculpas**, se esta for aborrecer-lhe ou levar algo que não esteja a seu gosto. (CARTA: 13-CJ-22-12-1975, grifos nossos)

Esse tipo de cuidado com as palavras na hora de pedir algo é uma característica presente na escrita amorosa, pois sabemos que por mais que a missivista esteja exigindo uma posição determinada, ela tem um cuidado para não ferir os sentimentos do seu amado. Nesse momento, a missivista recorre a forma imperativa indireta como uma forma de fazer o pedido de maneira mais sutil do que expressando uma ordem direta ao amado ao pedir que ele dedique tempo para respondê-la.

No exemplo (30), o missivista faz um pedido de resposta e pede que a sua amada explique os motivos de um determinado comportamento apresentado na carta. Além desse pedido, o missivista se desculpa por não ter enviado uma foto, como podemos observar na sequência:

(30) Então **eu pesso que se for possível escreva e mande dizer qual é o motivo de tão esquecimento.** [...] C. mais uma vez **peço-lhes desculpa** pois ainda não é possível mandar a foto desta vez talvez pense que é má vontade minha mais não é nada disso o motivo é somente por que eu não tenho a foto e aqui é difícil de tirar a não ser em S. Talhada ou em floresta a cho que você deve entender que não é má vontade minha (CARTA: 01-JC-01-07-1972, grifos nossos)

Em (30), podemos observar a marcação do ato de pedir com a introdução “eu pesso”. Seguido do atenuante “se possível”, seguido da forma imperativa “escreva e mande”, mostra que a construção desse enunciado possibilita diferenciarmos o ato de pedir do ato de ordenar, diante da sutileza apresentada por meio desses elementos de verbalização.

Podemos observar que, tanto nos exemplos das cartas de casal litorâneas quanto nas sertanejas, o pedido é um ato de fala que se repete na escrita dos casais, se configurando como um modo tradicional de dizer, ou seja, uma tradição discursiva. Esse fator, por mais que verse de acordo com a temática das cartas amorosas, possui aspectos semelhantes em determinadas partes da carta como podemos observar. É comum que, no início do texto, os missivistas cobrem respostas, assim como é comum que, a depender da necessidade, peçam desculpas um ao outro antes de se despedirem. Dessa forma, percebemos que o pedido não é um elemento que é

evocado em uma parte específica do corpo do texto da carta de casal, ele pode aparecer no início, no meio ou o fim. É um elemento constitutivo que se faz presente, porém mantém uma versatilidade no contexto composicional das cartas de casal analisadas. No tópico seguinte, abordamos os aspectos tradicionais presentes no encerramento das cartas de casal analisadas.

3.3. Encerramento

O encerramento das cartas de casal é marcado por diversas tradições discursivas. Observamos, ao longo da análise das cartas, que, a depender da temática da carta, o nível de sentimentalidade no encerramento pode ser maior ou menor. No momento de encerramento, o missivista, muitas vezes, reforça alguma informação dada ou pedida feito no corpo do texto ou até mesmo busca reforçar o seu amor no final da correspondência.

Sabemos que a assinatura faz parte do encerramento de uma carta, porém, diante da necessidade de confidencialidade, optamos por não trabalhar com as formas que os missivistas assinam suas correspondências. Isso não exclui que, no elemento constitutivo assinatura, não haja evocação de marcas recorrentes que se configuram como uma tradição discursiva. Por esse motivo, nesta seção, o foco é discutir quais são as tradições discursivas presentes na despedida das cartas de casal.

Nas cartas de casal, a despedida é um momento carregado de emoções, pois é um momento que o casal busca expressar a saudade, a tristeza por causa da distância e reafirmar o seu amor. A despedida é um elemento constitutivo que tem como função concluir a escrita e expressar os sentimentos para com o amado ou pessoas queridas que queiram mandar lembranças. Nesse elemento constitutivo, é comum que os missivistas reforcem pedidos não atendidos em correspondências anteriores. Nos exemplos (31) e (32), podemos observar como a missivista do litoral se despede do seu noivo, evocando tradições discursivas diferentes das evocadas pelo seu amado. Vejamos na sequência:

(31)desfurtando das benças do Senhor estou lhe esperando agora por
ano as saudades são dimais todos os dias sonho com você vou
terminar mada mas **tua noiva que tanto te estima** N. Mamãe e vivi
envian lembrança (CARTA: 12-NJ-26-12-1949, grifos nossos)

- (32) Nada mas só com nossa presença **tua fiel noiva que tanto te ama**. N. L. P. Mamãe envia a paz e v. também. (CARTA: 13-NJ-10-01-1950, grifos nossos)

Nesses dois exemplos, podemos observar que a missivista expressa, na despedida, o seu sentimento pelo amado, utilizando as fraseologias típicas do encerramento das cartas “tua noiva que tanto te estima” e “tua fiel noiva que tanto te ama”. Essas duas formas são recorrentes na escrita da missivista e marcam um modo tradicional de dizer presente nas despedidas de suas cartas. Por meio do uso dos pronomes possessivos, fica marcado o vínculo afetivo. Nos exemplos (33) e (34), podemos observar como o missivista do litoral se despede de sua amada:

- (33) Minha querida vou termina para não ti enfada **Ficando nas maiores auzencia di ti o seu noivo** JRB. N não demore escrever fim. (CARTA: 08-JN-23-10-1949, grifos nossos)

- (34) Vou termina **ficando nas maiores auzencia di quem tanto ti amar o teu noivo** JRB. Não demore escrever, A mozinho. (CARTA: 07-JN-05-10-1949, grifos nossos)

A tradição evocada pelo missivista do litoral reforça o sentimento de pertencimento com a utilização do possessivo “teu/seu” e conclui com a expressão “ficando nas maiores ausências”. Essa tradição discursiva demonstra que, ao longo das correspondências desse missivista, o sentimento de vazio causado pela distância física da amada é algo que, ao ser evidenciado, denota o quanto o missivista se importa com sua amada.

Nas cartas de casal do sertão, podemos observar que as tradições discursivas na despedida se relacionam, assim como nas cartas de casal do litoral, com o reforço no uso do possessivo “teu/seu/tua/sua”, para caracterizar a relação próxima do casal.

Nos exemplos (35) e (36), podemos observar como a missivista do sertão pernambucano encerra suas cartas:

- (35) Obrigado por tudo. **um beijo, um abraço**, felicidades e que Deus resolva nossas vidas. **Sua de ontem, hoje e de sempre**, acontecendo que acontecer: C. R. (CARTA: 11-CJ-29-09-1975, grifos nossos)

- (36) Por hoje é só. **Um beijo, um abraço** e tudo que lhe possa fazer feliz. **Sua de ontem, hoje e sempre**: C R S “G”. (CARTA: 19-CJ-18-05-1977, grifos nossos)

Percebemos que a missivista costuma manter o padrão em suas cartas deixando “um beijo e um abraço” antes de finalizar com sua assinatura precedida do possessivo “sua” e da gradação temporal “ontem, hoje e sempre”, que demonstra a infinitude do vínculo afetivo. Essa tradição se repete tanto nas correspondências da missivista quanto do seu amado, conforme podemos ver nos exemplos (37) e (38):

(37) MEU AMOR: por hoje é só, lembrança a todos da ir e a você desejo tudo de bom. **Beijo, abraços com amor e carinho** breve estarei air serto, até a lá. **Despeço com um beijo do sempre seu J. G.** (CARTA: 08-JC-12-09-1975, grifos nossos)

(38) C. eu tambem estou com pouco assunto mas estou com saudade sí eu for mesmo conversarem mos pessoalmente **beijos e abraços** lembranças atodos e a minha mãe **sempre seu J. G.** (CARTA: 12-JC-03-05-1976, grifos nossos)

Percebemos que o elemento constitutivo despedida pode ser encarado como um elemento que permite a utilização de diversos atos recorrentes: pedido, recomendação e enunciados formulaicos. Na despedida, podemos observar pedidos, envio de lembranças e sugestões que também ocorrem no corpo do texto da carta de casal. Essa ligação entre os elementos constitutivos é algo que corrobora com o caráter conversacional presente no gênero carta pessoal, uma vez que, numa conversa, costumamos retomar informações que foram dadas no início de um diálogo na hora que concluímos a nossa fala.

No capítulo seguinte, abordamos como as tradições discursivas se realizam na dimensão temática das cartas de casal de acordo com a seguinte sistematização: *temática das cartas de casal pernambucanas*, *temática romântica nas cartas de casal do litoral pernambucano* e, por fim, *a temática romântica nas cartas de casal do sertão pernambucano*.

4. AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NA DIMENSÃO TEMÁTICA DAS CARTAS DE CASAL

Neste capítulo, buscamos discutir como a tradicionalidade temática de um gênero específico pode se tornar o fio condutor de sua construção. Em trabalhos anteriores, costumávamos abordar o subgênero carta de amor, porém percebemos que a temática amorosa nem sempre está presente na escrita dos missivistas. Optamos por utilizar o termo cartas de casal por termos identificado uma diversidade temática nessas correspondências, que varia entre assuntos familiares, questões religiosas, eventos políticos e amorosos. Essa diversidade é característica das cartas de casal, deixando o termo cartas de amor para aquelas que tratam exclusivamente da temática amorosa.

A pesquisa envolve dois casais que não escreviam no intuito de tornar público seus pensamentos; a comunicação entre os apaixonados ocorria no âmbito privado e íntimo. Identificamos, nas cartas de casal, dois tipos de escrita: uma escrita moderadamente monitorada, onde os missivistas pedem desculpas pelos erros e os atribuem à falta de tempo; e uma escrita não-monitorada, que permite a identificação de marcas de espontaneidade, uma despreensão com a norma padrão. É possível observar uma escrita desprentiosa, permeada de marcas românticas, uma vez que se trata de um “subgênero que pode pertencer tanto à esfera das relações pessoais e íntimas quanto ao domínio literário, haja vista a existência dos chamados romances epistolares” (SILVA, 2018a, p. 112).

É importante considerarmos a relevância das produções literárias do século XVIII na história da língua, pois não se trata de “um grande século somente na Europa; ele o é também na América. É a phase da preparação das colônias para a vida livre, é o tempo das primeiras tentativas de libertação no continente” (ROMÉRO, 1888, p. 187). Nesse momento, as cartas de casal ganharam espaço na literatura, pois os leitores se viam presentes na realidade relatada nas cartas (com marcas do cotidiano, relações e conflitos familiares e amorosos). Essa proximidade entre o gênero e o leitor resulta da

[...] vantagem grande do gênero epistolar para a necessária criação de laços a enredar consumidores de romances reside em sua natureza essencialmente dialógica. Envolvendo varejo de sua composição pelo menos um remetente e um destinatário, o romance epistolar parece estimular respostas no atacado, o que explica a grande quantidade de intertexto (sequências, respostas e reescrituras) (LAJOLO, 2002, p. 64).

O *corpus* desta pesquisa, mesmo tendo sido escrito no século XX, mantém muito do que se popularizou no século XVIII, pois continua “versando assuntos sentimentais e românticos

ou filosóficos e morais" (LAJOLO, 2002, p. 61). A carta pessoal é um gênero que foi preservado pelos missivistas ao longo do tempo. Essa herança, muitas vezes guardada pelas famílias, permite que o gênero permaneça vivo e acessível para estudos, como no nosso caso, cuja documentação precisa ser preservada como uma forma de registro da comunicação do século XX. Durante muito tempo, os escritores utilizavam cartas reais para criarem ficções que pudessem ser consumidas pelos leitores da época. Sabemos que “a adaptação exprime elementos moveis, dynamicos, genericos, transmissiveis de povo a povo; é a face geral universal das literaturas” (ROMÉRO, 1888, p. 16). Sem pretensões literárias, os nossos missivistas deixaram para a posteridade o registro de seu amor. Na sequência, observamos as principais características presentes na temática das cartas de casal pernambucana, buscando identificar como a temática se constitui como uma tradição discursiva no subgênero carta de casal.

4.1. Temática das cartas de casal pernambucanas

A carta pessoal é um gênero permeado de marcas conversacionais, isso permite uma vasta possibilidade de assuntos que podem surgir na escrita dos missivistas. As temáticas das cartas de casal, por exemplo, variam conforme o nível de relacionamento dos casais envolvidos. Trabalhamos com 80 cartas de casal de dois casais jovens de duas regiões diferentes, são noivos que, por motivo de trabalho, estavam distantes fisicamente e buscavam, por meio da escrita de cartas, manter sua relação próxima e viva.

Antes de analisarmos a temática romântica, como traço tradicional nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, devemos contextualizar, mesmo que de maneira breve, como o Romantismo se constitui. Para isso, se faz necessário compreender que

[...] o Romantismo foi, portanto, o começo de uma literatura aberta às mudanças, ao aderir ao presente, não ao passado, num momento de rápidas mudanças técnicas e sociais. Isso foi se acentuando até as vanguardas do século XX, que privilegiaram a mudança incessante, orientada por um inconformismo permanente que se manifestou pela negação de conceitos, valores e procedimentos (CANDIDO, 2005, p. 137).

Percebemos que o caráter de constante mudança, em que se instaura o Romantismo, acompanha a transformação da sociedade e que os aspectos do amor romântico se fazem presentes nas cartas de casal das duas regiões. Sendo assim, buscamos observar como a

inovação pode modificar traços conservados e como o que é inovador pode se tornar tradicional ao longo dos séculos.

Importa, para a análise da temática romântica nas cartas de casal, entendermos que “o amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia românica, são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas” (BOSI, 2006, p. 95). Com base nessa consideração acerca do Romantismo, podemos destacar

[...] atitudes propriamente psicológicas e atitudes literárias. Dentre as primeiras, o desenvolvimento da tendência contemplativa; sob o aspecto religioso, em Sousa Caldas; sob o aspecto pessoal, em Borges de Barros; sob ambos os aspectos, em Monte Alverne. Dentre as segundas, o abandono das formas poéticas mais características do classicismo, como o soneto, e a busca de um sentido melódico mais acentuado no verso. Deus, o mar, a melancolia, a noite; a alma sensível, o poeta-eleito, o solitário - vão pouco a pouco avultando a partir das próprias premissas neoclássicas de busca da sensibilidade natural e preito à natureza (CANDIDO, 2000, p. 23-24).

Algumas dessas características são identificadas como recursos utilizados pelos missivistas selecionados. Ressaltamos, portanto, que as cartas não foram produzidas com finalidade literária, o que observamos são as características e a demonstração do amor romântico entre os casais.

Nesta seção, destacamos quatro temáticas recorrentes: suposições, descrição de sentimentos, lembrança do passado e pedido de desculpas. Cada subseção traz exemplos de tradição discursiva temática.

4.1.1. Suposições

A suposição é um tópico recorrente nas cartas de casal. Nas correspondências selecionadas, é comum que os missivistas imaginem certas situações ou posicionamentos da pessoa amada por meio da utilização de suposições. Essa marca pode estar relacionada à falta de contato visual, uma vez que os missivistas não podem ver como a/o parceira/o reage diante das informações trocadas nas cartas. Conforme podemos observar nos exemplos (39) e (40):

(39) **não avalias a tristeza** que acompanhar-me eu só pedia a Deus que chegasse o dia de ti ver-te em pessoalmente para poder dizer-[te] o que sinto sinto A ver tua partida meu coração em tristeza eu não podendo mais suportar aquela auzencia que ia me traser tantas saudades. Mas tive um comsolo em minha vida foi Deus que me deu um consolo. Z. o culto da segunda-feira foi uma bemça (Carta 02 NJ - 04-07-1949, grifos nossos)

- (40) Sim N. essa semana eu souber de uma noticias que fiquei muito Contrariado em saber que Maria das Neve teve air em Goiana i encheus Sua cabeça di coiza i vose classe Se eu não tinha sorte e toudas amizade Se eu vose tinha ahavia sempre uma coiza au contrario i dise aqui o que eu faso não sei qui ou acabo ou não e Ficou muito aperiada com vontade De acaba ta bem assim não tar **Eu nunca esperancei isso di vocer** Eu dediquei touda a minha confiança Em voser i vose ainda vai na cabeça Dos outros. Cuais eu ti apeço em N De Deus que tenha confiança em mi (Carta 01-JN-11-06-1949, grifos nossos)

Como podemos observar em destaque nos exemplos (39) e (40), os missivistas são tendenciados a supor certas situações na sua escrita. No exemplo (39), a missivista do litoral demonstra sua tristeza por causa da distância e da demora para ver o amado e menciona que o tamanho da sua tristeza não pode ser avaliado. No exemplo (40), podemos identificar que o missivista evidencia a confiança que tinha na sua amada e que não esperava um sentimento de desconfiança. No exemplo (41), podemos observar como essa temática ocorre também nas cartas do sertão:

- (41) Também estou certa que você recebeu uma carta minha não recebeu? J. sei que você já me entenda um pouco, não é, então julgo que entende como sou **preocupada** com tudo **sempre penso coisas absurdas**. É justamente o que estou pensando quando você não escreve, principalmente quando **diz que vai escrever e não escrever**. E quem sabe **se não estou certa se você já não tem mudado** não fez como a música de Roberto Carlos: “A Distância” (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)

Na escrita dos missivistas do sertão, como podemos observar em (41), temos um exemplo de suposição, pois a escrevente supõe que o amado compreenda o seu sofrimento pela distância, demonstra-se preocupada e confessa que a distância lhe faz pensar coisas absurdas. Em contrapartida, questiona a falta de compromisso do amado nas respostas e supõe que o amado tenha mudado. Esse exemplo retrata bem um tipo de temática recorrente nas correspondências amorosas, pois o sentimento de dúvida e de insegurança motivado pela distância vem sempre à tona, gerando suposições acerca do que o outro está passando. Essa temática serve como provocação, pois ao questionar os sentimentos do amado, a amada pode receber em troca a atenção de que precisa: a expressão de sentimento do amado. A busca por reciprocidade é algo comum nas correspondências amorosas, portanto, faz muito sentido que os missivistas duvidem do sentimento dos seus amados para que possam receber em troca a garantia de reciprocidade na relação. O subtópico seguinte retrata momentos em que os casais

descrevem seus sentimentos, o que se configura como uma tradição discursiva temática nas cartas de casal.

4.1.2. Descrição de sentimentos

Descrever sentimentos é muito comum nas cartas de casal, os missivistas buscam deixar claro o que estão sentindo, pois “esse subgênero é marcado pela expressão íntima dos sentimentos do escrevente em relação ao destinatário” (SILVA, 2018a, p. 112). Essa recorrência temática pretende, em sua maioria, intensificar o amor entre o casal. É um tema que possibilita o entendimento dos anseios causados pela distância, a esperança do reencontro, a expectativa por respostas e, muitas vezes, a angústia por causa de algum problema na relação. Percebemos, portanto, que essa característica temática diz respeito a aspectos positivos e negativos da relação como podemos ver nos exemplos (42) e (43), extraídos das cartas do litoral a seguir:

(42) **fiquei muito alegre** em saber que você ainda se lembra de mim em ver também as tuas palavra tão amorosa. eu passei uma boa entrada de ano não vou melhor porque você não passou com migo **a asencia que você sentiu** de mim a mesma **eu senti de você** mas confio em Jesus que outra passagem de ano nós passaremos juntinhos não é? Olha eu tenho orado pra Jesus resolver este caso se nós vamos morar aqui ou air em Recife? Jesus vai resolver tudo não é? Z. **eu já estava aciosa** pra receber uma cartinha sua no dia 8 (13 NJ- 10-01-1950, grifos nossos)

(43) é também dizerte que recebil tua Cartinha no dia 29 do corrente mez e para Min foi **motivo di muita alegria** da Qual **fiqui muito alegre** [...] N. soubri o que vocer disse que Eu não tivesse cuidado em vocer **eu não deixo di ter Meu a môr** Porque Quem tem cuidado nua mor. é quem amar quer bom não é. e por isso e que eu não Posso deixar di ter cuidado em vocer! (Carta 20-JN-30-07-1950, grifos nossos)

No exemplo (42), a missivista expressa sua alegria ao receber a carta do amado e compara o sentimento angustiante pela ausência do amado com o que tinha sentido. Além de expressar felicidade e angústia, demonstra ansiedade para receber uma carta do amado. No exemplo (43), o missivista expressa sua alegria e busca certificar a amada de que não deixa de ter cuidado com ela, expressando seu amor.

Assim como nas cartas litorâneas, observamos, nos exemplos anteriores que, na escrita dos missivistas do sertão pernambucano, a descrição de sentimentos é um tema recorrente. Observamos que eles expressam sentimentos de felicidade, saudade e preocupação. Essa tradição discursiva temática é frequente ao longo da escrita de ambos os casais, conforme podemos identificar em (44) e (45):

(44) Recebi sua missiva amesma **veio deichar me bem feliz** por saber que você esta com saude aqui esta es tudo bem graças a Deus (CARTA: 16-JC-11-10-1976, grifos nossos)

(45) Não sei realmente qual o motivo que leva-me a escrever-te esta. Talvez sejam **as saudades** ou mesmo **as preocupações** porque desde a segunda feira depois do jogo eu esperei carta sua e não chegou nenhuma. (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)

Percebemos, no exemplo (45), que a missivista retrata preocupação ao não receber a carta do seu amado, acaba deixando claro o sentimento de ansiedade diante do tempo. Naquela época, uma carta poderia demorar vários dias para chegar ao seu destinatário, mesmo dentro do mesmo estado. As condições de postagem e envio não eram tão práticas como na atualidade, por isso conseguimos perceber, nessa tradicionalidade temática, muita ansiedade por parte dos missivistas.

Após analisarmos exemplos de tradições discursivas temáticas que descrevem sentimentos, partimos para a análise das TD que evocam lembranças do passado, conforme podemos observar na sequência.

4.1.3. Lembranças do passado

Assim como nas duas seções anteriores, as lembranças do passado também compõem o quadro de tradições discursivas temáticas nas cartas de casal. Os missivistas selecionados para este estudo costumam relembrar dos momentos vividos entre eles nas correspondências trocadas. Essa característica temática possibilita, por meio do resgate saudosista, trazer para a carta atual alguns momentos felizes que inspiram o casal na sua jornada. Os dois casais pretendiam se casar, portanto, faziam da lembrança do passado algo que alimentasse suas histórias e seus sonhos.

Essa característica temática detém uma importância muito grande na constituição das cartas de casal analisadas. Os dois casais possuíam uma relação duradoura e suas correspondências duraram anos. Esse tempo investido na relação pode proporcionar muitos momentos relevantes que são revividos em suas correspondências. Na sequência, podemos observar esse tipo de ocorrência nos exemplos retirados das cartas do casal do litoral:

- (46) Z. **estou muito grata pelo presente que você mandou pra mim** dia 24 foi quando recebi as cartas sua mãe estava aqui e eu mandei a carta de D. Z. **passei um natal bem tão isolada só me lembrava de você** Eu poderia passar uma feliz entrada de ano se você viesse passar com migo (Carta 12 NJ - 26- 12-1949, grifos nossos)
- (47) Querida N. nu momento em que pego nesta pena para Ti Escreverti re en **lembru-mi dos filizes em que passei au teu lado** minha Alma an ceia esta sempre guntinho a ti mais ate a qui não foi possível (Carta 15-JN-14-02-1950, grifos nossos)

No primeiro exemplo, podemos ver, em destaque, quando a missivista agradece ao amado pelo presente e demonstra que passou a festividade do Natal lembrando dele e de momentos que passaram juntos. No segundo exemplo, o missivista relembra dos momentos felizes que passou ao lado da sua amada.

Nas cartas de casal do sertão, o missivista relembra o recebimento de uma carta perfumada que recebeu e elogia a amada pela sua inteligência. No exemplo seguinte, a missivista relembra ao amado de como ele era no passado, questionando seu comportamento atual. Além disso, menciona que antigamente era tolo, fazendo referência a um comportamento passado. Vejamos na sequência:

- (48) C. estas duas noites sonhei com você no dia que vim dair quando foi a noite eu já estava deitado e **mi lembrei que tinha uma carta dentro da caixa do perfume fui ler** gostei só você tem essa inteligencia porque as mimas são sem sí e sem cabeça (CARTA: 07-JC-17-06-1975, grifos nossos)
- (49) “Meu bem”, eu desejo que você seja o homem de sempre, aquele de espírito simples como **era uns anos atrás**. Olha! O ambiente muitas vezes corrompe. Não? É triste dizer; depois de ter agido com paciência” **Antigamente eu era tolo.**” Isto porque agiu com prudência. (CARTA: 09-CJ-20-05-1975, grifos nossos)

Nos exemplos (48) e (49), observamos quatro maneiras distintas de relembrar momentos vividos por cada casal. Essa tradição discursiva temática é cheia de detalhes que, muitas vezes,

refaz o percurso histórico vivido pelo casal. No subtópico seguinte, analisaremos os pedidos de desculpas como uma tradição discursiva temática presente nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos.

4.1.4. Pedido de desculpas

Uma característica comum observada na temática das cartas de casal é o pedido de desculpas. Sabemos que, numa relação amorosa, podem ocorrer desentendimentos, desencontros e arrependimentos. Nesse *corpus* não foi diferente. Identificamos como tradição discursiva temática o pedido de desculpas pela recorrência na escrita do litoral e do sertão pernambucanos. A seguir, podemos observar, nos exemplos (50) e (51), como os missivistas do litoral recorrem a essa tradição discursiva nas suas correspondências:

(50) você só tem encontrado felicidade com us outros amôres mas com migo é o contrario só tem encontrado sinceridade serei fiel até o fim da vire amorzinho **já passou a raiva Desculpe** pois esta muito borada e a caligrafia esta pecima não olhe isto viu. da minha vida. (Carta 11-NJ -15-12-1949, grifos nossos)

(51) Meu A môr Discuparme os erros e A Mau Caligrafia Viu? (Carta 19-JN-04-07-1950, grifos nossos)

No exemplo (50), podemos observar que a missivista informa que “já passou a raiva”, como uma forma de demonstrar ao amado que já o perdoou e, na sequência, pede desculpas pelos borrões e complicações na sua caligrafia. Esse cuidado é comum na escrita desse casal; quando há pressa ou erros, é comum que se desculpem. No exemplo (51), o missivista pede desculpas pelos possíveis erros e a qualidade da sua caligrafia. Observamos, tanto em (50) quanto em (51), que esses pedidos de desculpas se tratam de uma questão de monitoramento da escrita.

Os exemplos (52), (53) e (54), trazem ocorrências dessa tradição discursiva nas cartas de casal do sertão pernambucano. Vejamos:

(52) sim você disse que nem um beijo ganhou foi isso mesmo mas que **peosso que não leve a mal** porque não foi má vontade minha tenho certeza fiquei pensando nisso mesmo mas quando estava falando com você o Sargento estava me chamando pra ir render os outros por cinal você procurou que ora eu ia trabalhar [...] **peosso que**

desculpe-me porque breve eu vou dar umas beijoquinhas
(CARTA: 20-JC-15-06-1977, grifos nossos)

Como podemos observar, em (52), o missivista pede que a amada não leve a mal uma atitude sua e pede desculpas por ter se despedido com pressa e não ter podido beijar a amada na despedida. Na sequência, um trecho de uma carta da missivista sertaneja:

(53) **neste momento eu só quero pedir-te desculpas ou mesmo perdão** se é necessário. E pedir que não se preocupe comigo porque eu sou é uma “peste” mesmo; “ruim”, “íngrata”, “cruel”, só uma coisa eu não aceito é você dizer que não confio em você. Acho que você mesmo pode e já deve ter perseguido que em você eu confio até demais. (CARTA: 11-CJ-29-09-1975, grifos nossos)

No exemplo (53), a missivista faz um pedido de desculpas mais intenso, pois, além de pedir desculpas, pede perdão, ou seja, faz uma escolha lexical que tem um valor semântico de mais intensidade. Nesse exemplo, a missivista lista algumas características negativas de forma a concordar com a atitude do amado e reforça a importância do seu pedido de perdão. No exemplo (54), observarmos um pedido de desculpa da missivista do sertão, nele, ela se desculpa por ter saído sem aliança e alega não ter culpa por ter esquecido, conforme podemos observar:

(54) Por hoje é só, vou rezar e dormir, se Deus quiser sonhar também. Sim, ainda não tenho bem certeza mas tudo indica que irei aí. Dona L. andou aqui; foi embora sexta feita ; antes de ontem. Recebi notícias suas hoje em Jericó, foi da Nanísia. Meu amor, muito obrigada e **desculpe-me ter saído hoje sem aliança, não foi culpa minha**. Tchau! Sua: C.R.S. (CARTA: 17-CJ-05-10-1976, grifos nossos)

As justificativas por atitudes indesejadas são comuns. Os amantes, por mais que se desculpem por algo feito, buscam justificar seus atos, a fim de diminuir o impacto negativo de algumas atitudes. Podemos ver, nesses exemplos, que os enamorados têm um cuidado um com o outro de maneira especial e esse cuidado é característico desse subgênero, no sentido de nutrir o sentimento à distância. Sobre os subgêneros das cartas pessoais, podemos perceber algumas diferenças, uma vez que

[...] nas relações estreitas que permitem agrupar as correspondências no conjunto das cartas pessoais, há particularidades que especificam a natureza de uma carta entre amigos, entre familiares e entre amantes. Sendo assim, a essência das cartas pessoais está pautada na relação entre remetente e destinatário, de modo que a relação entre os interlocutores de uma carta pessoal determina o subgrupo em que determinada carta se encontrará, não sendo suficiente um rótulo guarda-chuva para dar conta das

especificidades dos tipos de comunicação e suas respectivas estratégias linguístico-discursivas (SILVA, 2018a, p. 14-15).

Na seção seguinte, poderemos observar como a temática romântica se realiza nas cartas do litoral pernambucano.

4.2. Temática romântica nas cartas de casal do litoral pernambucano

Neste tópico, ressaltamos as marcas explícitas e sutis do amor romântico do casal jovem do litoral pernambucano, levando em consideração as especificidades da escrevente feminina e do escrevente masculino. Nas cartas femininas do litoral, como podemos observar em diversos exemplos, a missivista busca expressar seus sentimentos, utilizando o coração como uma metáfora recorrente do amor. A metáfora pode ser “interpretada como um fenômeno abrangente, afectando não apenas a linguagem, mas o próprio sistema de pensamento e de categorização do real, e mesmo a ação humana” (VILELA, 1996, p. 317). Esse processo figurativo é bastante comum em demonstrações de carinho; por isso, encontramos com facilidade em textos românticos. A partir da evocação, motivada pela natureza do gênero e da repetição, a metáfora pode ser considerada como um traço tradicional nas cartas de casal, como podemos observar na maneira de se referir à pessoa amada por codinomes como “coração”, “vida”, entre outros. Geralmente essa forma de tratamento se apresenta, com mais frequência, em duas partes constitutivas da carta de casal: abertura e fechamento. Por serem espaços de saudação e de despedida, o missivista tende a chamar atenção para essas formas de tratamento mais afetuosas e mais íntimas. Veremos, na sequência, exemplos de tradição discursiva temática que expressam a valorização das emoções, demonstração de religiosidade e evidência de dor e felicidade.

4.2.1. Valorização das emoções

Nos dois exemplos, a seguir, podemos observar como a criação de uma imagem é evidenciada, pois a missivista menciona que estar com a carta do amado em mãos tem o efeito de vê-lo pessoalmente; no exemplo seguinte, ela menciona estar sorrindo, deixando claro sua satisfação ao ler a carta do seu noivo e fazendo um apelo visual imagético para o amado, trazendo à tona mais uma característica do romantismo: a valorização das emoções. Vejamos:

(55) **É, com o coração cheio das maiores alegria** que venho por meio desta simples palavra responder a tua cartinha que veio Me encher de alegria **no momento em que tenho as minhas mãos** que li e reli me sentindo feliz **porque era mesmo que esta vendo-te** (Carta 01 NJ - 21- 05- 1949, grifos nossos)

(56) Querido Z. paz do Senhor, **É com sorriso nos lábios** e as saudades no coração que **pego na pena** para dirigir-ti estas linhas em correspondência [...] nada mais da quem te ama N. fim amôr. (Carta 02-NJ-04-07-1949, grifos nossos)

Nesses dois exemplos, podemos observar que os sentimentos de alegria e felicidade são explicitados. Essa evidência mostra como a valorização das emoções é importante na construção temática das cartas de casal. Na sequência, podemos observar como a religiosidade é demonstrada nas cartas de casal selecionadas, configurando uma tradição discursiva temática, que remete a um determinado grupo cultural.

4.2.2. Demonstração de religiosidade

Assim como visto em exemplos anteriores, nesta seção, trazemos marcas da religiosidade do casal do litoral por meio do enunciado “paz do senhor” utilizado no início e no final da carta. A religiosidade é uma marca do Romantismo, pois é comum que, em textos românticos, o casal se apoie na religião para valorizar suas emoções e servir de consolo diante das dificuldades vividas. A expressão “a paz do senhor” é bastante utilizada pelo casal do litoral e está presente em todas as cartas. Por tratar-se de um casal religioso, é comum observarmos o desejo de que Deus interceda pelo amor. Além de se tratar de uma característica do Romantismo, essa marca recorrente religiosa nas cartas de casal trata-se de uma tradição discursiva que se enquadra no domínio religioso, pois é evocada várias vezes pelo casal ao longo dos anos de correspondência, geralmente na abertura e no fechamento das cartas. Constatamos que, para este casal, a aprovação divina é fundamental para a manutenção da relação. Entretanto, esta saudação religiosa “a paz do Senhor” não é uma especificidade da relação do casal, trata-se de um cumprimento recorrente entre os adeptos da religião cristã protestante, como é o caso dos noivos do litoral.

No exemplo (57), podemos observar como a missivista N reforça seu sentimento, no final da carta, demonstrando ansiedade em rever o amado e revelando seu amor, antes da assinatura:

(57) Querido Z. a **paz do Senhor**, Z. profunda saudades me rodeiam no momento em que estou a trocar-te estas rusticas linhas gozando saúde paz e felicidade. Receb sua cartinha ao ler senti-me satisfeita e feliz que é impossível descrever-te quando suspiro lenbr tanto de você não sai do meu pensamento um só momento eu **só pesso a Deus que chege dia 18 de Setembro para eu lhe ver [...] quem te ama** N. FIM. (Carta 05 NJ- 09-08-1949, grifos nossos)

As escolhas religiosas feitas pelos casais do litoral se mostram presentes em todas as cartas selecionadas para a análise tanto na abertura quanto no encerramento, como podemos ver em (57). A tradição discursiva “Paz do Senhor” é uma forma de saudação formulaica de expressão religiosa.

Na sequência, analisaremos como a evidência da dor pode se configurar como um traço característico do amor romântico também presente na escrita das cartas de casal, com temática amorosa.

4.2.3. Evidência da dor

Nos exemplos seguintes, há outra forma romântica de descrever os sentimentos, o amor que dói, provocado pelo efeito de silêncio do amado, além da dúvida com relação à reciprocidade do amor. Entendemos, portanto, a possibilidade de uma pessoa “amar o amor mais que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma, desde o amavam amare de Santo Agostinho até o romantismo moderno, é amar e procurar o sofrimento” (ROUGEMONT, 1988, p. 43). O sofrimento anda ao lado da felicidade por amar. Vejamos como a missivista do litoral expressa o seu sofrimento no exemplo (58):

(58) Querido Z.¹ a paz do Senhor, Z. eu ao faser esta é para saber deste teu silencio. **Este teu silencio muinto me faz sofre** pois tu sabe que **o silencio para quem amo faz sofre muinto**. pois nunca amei a niguem como te amo pois tu pode compreemder nunca passase tantos dias sem me escrever por isto **não soporto mais tantas agonia** as veses penço que estais doente ao mesmo tempo penço que estais esquecido de mim (Carta 08 NJ - 29-09-1949, grifos nossos)

No exemplo (59), N deixa claro que está sofrendo as maiores dores de saudade, mostrando que é comum maximizar os efeitos do amor diante da distância. Observamos, mais uma vez, a expressão da saudade que dói, que causa angústia, provando que há a evidência da dor porque "amamos a dor, a felicidade nos aborrece um pouco" (ROUGEMONT, 1988, p. 188). Diante das demonstrações de felicidade, é a dor, causada pela distância entre os dois, que toma mais espaço e acaba sendo um fator que mede o nível de interesse que um tem pelo outro:

- (59) Queridinho paz do senhor, Z. é neste feliz momento em **que sinto meu coração traspassado de saudade** sou esfoocada pegar na minha fraca pena para escrever-te estar poucas linhas fasendo voto a Deus que esta va te encontra gosando saude e felicidade são meu desejo Z. recebi sua cartinha ja mandei a resposta se você não recebeu fique esperando mas M. veio dair e me disce que lhe viu e eu **não me cancarei de escrever pra você** ja que não tenho o praser de esta todo o dia ao teu lado se minha **e esta longe de você sofrendo as maiores dores das saudades tenho que me confromar com a sorte** (Carta 20 - NJ - 27-03-1950, grifos nossos)

Nos exemplos (60) e (61), observaremos as marcas do amor romântico nas cartas do escrevente masculino do litoral pernambucano:

- (60) N. a Paz do Senhor, E cum o coração cheio de saudade Em que com minha humilde e fraca Pena darte as minhas noticias que Tou bem de saude i mar de saudade Porque tu bem saber que eu longe di ti a minha vida decorrer triste e muito sem saliva: Porque desegaria meu **coração** Viver juntinho a ti contrepando a tua linda face com o teu lindo soriso Enquando a legera **o meu Pobre coração** (Carta 01-JN-11-06-1949, grifos nossos)
- (61) porque tu Bem deve compreender que eu ti amôr. E **longe da tua presenciam eu soufro ororozamente** [...] é com a mão tremula é **com o coração transpassado das maiore Dores e Saudades de Ti.** [...] Olhar N. quando eu sair di gunto di tu pra não **Chora** sair a suviano pra ver si **Aliviava as dores da separação** que estava transpasando o meu coração. eu Imaginava no teu **sofrimento** e não mi contia porque a chegada e boa mais a Saida so deus sabe quanto **sofremos** não e a sim a mór. (Carta 19-JN-04-07-1950, grifos nossos)

Observamos, no exemplo (60), que o missivista também faz uso da expressão religiosa “paz do Senhor” e traz o seu “pobre coração” como um elemento figurativo amoroso. No exemplo (61), o missivista menciona estar com o coração “transpassado das maiores dores e saudades”, mostrando, assim, como seu sofrimento o abala por meio de recursos figurativos bastante representativos do estilo romântico.

No subtópico seguinte, comentaremos como o fato de os missivistas buscarem, em oposição ao sofrimento, evidenciar a felicidade se configura como uma tradição discursiva na temática das cartas de casal selecionadas.

4.2.4. Evidência da felicidade

O recebimento de notícias da amada e a felicidade, ao parar um momento do seu dia para respondê-la são motivos explícitos de expressão de felicidade do missivista. Isso mostra que "o sonho da paixão possível age como uma distração permanente que anestesia as revoltas do tédio" (ROUGEMONT, 1988, p. 231). Desse modo, percebemos que o missivista faz questão de frisar sua felicidade. Outra característica interessante é a utilização do diminutivo como uma forma carinhosa para se referir à carta recebida. Podemos perceber, nos três exemplos, que os missivistas se referem à carta como uma “cartinha”, como podemos observar em destaque nos exemplos (62), (63) e (64):

(62) e **com o coração cheio de alegria** que respondo a tua amorosa **cartinha** que mi a legrou é a minha alma sentir-se feliz em saber que tu lembra-se di mim ainda tu não saber quanto eu sinto esta tão grande auzencia que mi vejo di ti porque quando eu imagino A pessoa que mais amos na minha vida a causa na Vista ver ai posso dar uma so palavra e não posso Contempra a tua linda face mais eu mi conforto Em Deus. Sabendo que um dia si Deus permitir nos Possa viver em união com tigo não é [...] Bem meu amor aqui fica quem ti ama nas maiores auzencia (Carta 02-JN-17-06-1949, grifos nossos)

(63) **Sintomi um dos mais feliz** quando chega o momento em que levo minha rude pena para responder a tua amável **cartinha** que veio-mi enxer das maiores saudade N. au receber sua **cartinha** digo que em voser tive muita alegria mais au ler fiquei com minha alma triste em saber que tia está doente (Carta 04-JN-07-08-1949, grifos nossos)

(64) Querida N. a Paz do Senhor. E nos **momento mais feliz** que eu sinto em minha alma e sinto-me saistisfeito regozijado quando pego nesta umilde e fraca pena para responder tua amavel **cartinha** que veio-me da mais uma boa noticias [...] Portanto a sim mi espere no domingo mesmo viu: voser não esta com vontade di mi ver eu vou fazer sua vontade que o meu **coração também esta ansiozo pra ti ver.** sim N. (Carta 06-JN-27-08-1949, grifos nossos)

Em (62), observamos a evocação de elementos figurativos como uma tradição discursiva temática quando o missivista do litoral demonstra estar com “o coração cheio de alegria; em (64), menciona que seu coração está ansioso para ver a sua amada. No exemplo (63) e (64), observamos a utilização do diminutivo ao se referir a carta escrita como forma de demonstrar carinho pela correspondência recebida. Todos os casos ilustrados são representativos da temática amorosa que faz parte da natureza das cartas de casal.

Na seção seguinte, analisamos as cartas escritas pelo casal do sertão pernambucano. Buscamos observar as marcas do amor romântico seguindo a mesma sistematização realizada com as cartas do litoral. Dessa maneira, conseguimos perceber as diferenças e semelhanças nas cartas de casal, de acordo com a habilidade, com a prática escrita, com as marcas culturais pertencentes à região de origem dos missivistas selecionados, pois, nas cartas do sertão, encontramos algumas características distintas das encontradas nas cartas do litoral.

4.3. Temática romântica nas cartas de casal do sertão pernambucano

Identificamos algumas características específicas nas cartas de casal do sertão. Por esse motivo, a sistematização desta seção se dá a partir dos seguintes tópicos: demonstração de inseguranças, evidência de felicidade, utilização de recursos imagéticos e expressão de sentimento de posse. Na sequência, observamos como a demonstração de inseguranças se configura como uma tradição discursiva temática, própria do amor romântico, presente nas cartas de casal do sertão pernambucano.

4.3.1. Demonstração de inseguranças

Nas cartas femininas do sertão, é comum observarmos o medo de perder o amado e a insegurança diante dos acontecimentos da vida do amado. Isso fica claro no exemplo seguinte, pois a missivista atribui a demora da resposta do amado a um possível “esquecimento” ou “mudança”. Esse fator é prova de que “paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável” (ROUGEMONT, 1988, p. 43). Vejamos em destaque no exemplo (65):

(65) Querido J. Amplexos! Não sei realmente qual o motivo que leva-me a escrever-te esta. Talvez sejam as saudades ou mesmo as preocupações; porque desde a segunda feira depois do jogo eu esperei carta sua e não chegou nenhuma. Talvez você não lembre-se que disse que ia escrever e até hoje. Então eu pesso que se for possível escreva e mande dizer qual é o motivo de tão esquecimento [...] **E quem sabe se não estou certa se você já não tem mudado** não fez como a música de Roberto Carlos: “A Distância”, aí, cante pois gosto muito dela, e quando vir a separação lembre-se de mim como amiga [...] Pense primeiro para depois agir. Porque **só devemos assumir uma responsabilidade quando notamos que somos capazes** quando amamos, sobretudo. Pois amar e entregar-se de corpo e alma. Termino com lembranças a todos. C. (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)

No exemplo (66), a missivista continua demonstrando a incerteza do amor correspondido e supõe que o amado tenha outra, colocando em dúvida uma suposta traição. Nesse momento, deixa claro que não é uma opção para ele manter dois relacionamentos, pede que as cartas sejam devolvidas e muda o discurso de amor para amizade. Um fator interessante é a atribuição de solução de problemas ao tempo quando fala que “o tempo resolverá tudo”. Isso mostra que o amor romântico só pode ser superado pelo tempo, pois as palavras em si não têm efeito imediato:

(66) Olhe, eu não decido nem não nem sim aí é com você. Uma coisa eu lhe digo que **não quero duas ou uma ou outra**. Eu pensei não escrever mais achei melhor assim, escrevendo. Eu senti que algo estava acontecendo entre nós e como na realidade, um sonho uma pessoa não pode servir a dois senhores [...] **Da amiga ou sua como ainda me considerar**: Ps: Peço que não vá mostrar estas cartas minhas a sua namorada **peço que faça uma fogueirinha ou devova-me**. Como achar melhor pois eu **não quero estragar a felicidade do próximo**. Queria explicar-lhe pessoalmente mais como não é possível. O tempo resolverá tudo (CARTA: 02-CJ-17-02-1972, grifos nossos)

Como podemos ver em (66), além das características citadas anteriormente, podemos observar que a missivista, mesmo diante do descontentamento, demonstra não querer estragar a felicidade do amado. Sua insegurança pode ser caracterizada quando supõe ser amiga ou outra forma de ser considerada pelo amado. Na seção seguinte, mostramos, assim como identificamos nas cartas do litoral, a evidência de felicidade como marca tradicional temática nas cartas de casal do sertão.

4.3.2. Evidência de felicidade

Após uma possível reconciliação, o discurso da missivista feminina muda, pois o amado a respondeu, e isso a fez feliz. Em (67), a missivista se mostra paciente e alegre ao responder a carta. Há não só expectativa de ver o amado, mas também o sentimento realista de impossibilidade diante da distância entre os dois:

(67) Querido J.: Amor e paz! Hoje como **um dia feliz para os que se amam**, dirijo-me a responder sua micíva, a qual **veio-me causar grande alegia**. Ao mesmo tempo fiquei triste, pois ainda esperava vê-lo antes de agosto; o que é impossível, mas fico a aguardar o dia oportuno (CARTA: 03-CJ-12-07-1972, grifos nossos)

Nos exemplos (68) e (69), a missivista demonstra mais uma vez sua alegria diante das correspondências trocadas e expressa a ansiedade em ver o amado. Essa ansiedade é explicitada por meio da repetição de um intensificador que se associa ao nome “vontade”, como podemos ver em destaque quando a missivista enuncia que está com “muita, muita, muita vontade” (68). No trecho em destaque seguinte, há a realização de um amor correspondido e mais uma vez uma declaração de amor, quando fala que “quanto mais o tempo passa” (69), maior é o seu amor. Mais uma vez, o tempo protagonizando o amor do casal, sendo o norteador dos sentimentos, o solucionador de problemas, como podemos ver na sequência:

(68) J., meu amor: **Foi grande minha alegria** quando recebi sua amável cartinha e com a máxima urgência dedico-me a respon-dê-la [...] Espero sua chegada, venha mesmo, e também aguardo as fotos. **Com muita, muita, muita vontade de te ver**, despeço-me. Muitos beijinhos, com carinho: Sua C. R. de S. G. (CARTA: 05-CJ-06-08-1974, grifos nossos)

(69) J. meu querido: Saudades! **Fiquei radiante de alegria ao receber tua missiva**. Em primeiro lugar porque nunca tinha acontecido receber carta tua tão rápido, depois porque foi bacana mesmo recebê-la. Já pensaste bem o que é amar e ser correspondido; se o que expressas é verdadeiramente amor? [...] **Quanto mais o tempo passa Mais eu te amo** Quanto mais o tempo passa mais eu te quero Quanto mais o tempo passa mais eu te adoro Eu não sei porque vivemos separados. **Eu te amo tanto tanto** basta ser no meu olhar E não sei porque a distância me separa de você Separado para o mundo mais unido no amor... É isto que canta o “Marcos Roberto” e “Eu” escrevo pra “te” Portanto um beijo e até o nosso encontro, isto se não for muito demorado. Comecei ontem e só hoje agora quando esta tocando seis horas é que estou colocando um ponto final. “Meu Bem” nesta hora eu pesso ao Cristo que abençoe nosso

“amor”. Amém Sua: C. R. de S. G. (CARTA: 08-CJ-10-01-1975, grifos nossos)

No exemplo (70), de autoria do missivista masculino, poderemos observar como o homem se comporta diante das declarações, dúvidas e pedidos de sua amada. Neste exemplo, o missivista demonstra saudades, um sentimento comum nas correspondências de amor. No caso das cartas masculinas sertanejas, a demonstração de saudade é mais frequente do que uma declaração explícita de amor. Essa pode ser uma marca do patriarcalismo, que prevê que o homem não pode demonstrar sentimentos, pois são vistos como fragilidade. Vejamos no exemplo (70):

(70) Querida C.: **Saudades**: Feliz ano novo desejo que seja de amor í Paz e Felicidade pra você e eu também repostando tua maravilhosa cartinha que não me canço de ler [...] Olhe Querida vou terminar porque acho que já botei muita besteira com **muita Saudades** eu digo até a proxima é o mesmo beijinho lindo que você mandou eu mando tambem com muito desejo lembranca a todos é a até lá assina o sempre seu J. G. de S. R. JC (CARTA: 02-JC-05-01-1974, grifos nossos)

O sentimento amoroso muitas vezes também pode ser expresso por recursos não verbais. Na seção seguinte, evidenciaremos como recursos imagéticos reforçam a temática amorosa nas cartas selecionadas para a análise.

4.3.3. Recursos multidimensionais

É comum, no envio de cartas, que os missivistas adicionem perfume no papel escrito, documentos, fotografias, cartões, dinheiro ou até flores secas. Essas inclusões multissensoriais utilizam o envelope como suporte e permitem uma maior aproximação física com o interlocutor em questão.

No exemplo (71), podemos observar que a carta escrita pela amada foi inserida numa caixa de perfume. O amado se surpreende com esse feito sensorial e atribui isso à inteligência de sua amada. Visivelmente o recurso sensorial atingiu o objetivo proposto: surpreender o amado com o perfume e estimular a lembrança:

(71) Querida C. meu bem, Com muita saudade saudade escrevo esta cartinha para dar-te mínhas noticias [...] C. estas duas noites **sonhei**

com você no dia que vim dair quando foi a noite eu já estava deitado e mi lembrei que tinha **uma carta dentro da caixa do perfume** fui ler gostei só você tem essa inteligencia porque as mimas são sem sí e sem cabeça Olhe C. por hoje é só beijos e abraços do sempre seu que não lhe esquece lembranças as meninas (CARTA: 07-JC-17-06-1975, grifos nossos)

No exemplo (72), a missivista agradece ao amado por ter enviado fotos. Esse tipo de recurso traz uma maior proximidade entre os missivistas. A carta passa a ser acompanhada de outro gênero: a fotografia. É uma forma multidimensional de composição da comunicação escrita, conforme podemos observar a seguir:

(72) Eu **recebi as fotos**, acho que quando você ver, vai achar graça. Não mando porque não sei se chega até aí. J.! Benzinho, não me conformo de maneira alguma ficar longe de você. Quanto mais os dias se passam, mais a cuca fica fundida (CARTA: 06-CJ-19-09-1974, grifos nossos)

No exemplo (73), a missivista recorre a uma canção do cantor e compositor Roberto Carlos, lançada no mesmo ano da carta, 1972. A missivista optou por transcrever a letra, buscando realizar uma comparação com a situação que está vivendo. O gênero canção é inserido em outro gênero, a carta de casal, e está alinhado com o tema da carta e com a mensagem que a escrevente pretende que chegue ao seu interlocutor:

(73) E quem sabe se não estou certa se você já não tem mudado não fez como a música de Roberto Carlos: “A Distância”, aí, cante pois gosto muito dela, e quando vir a separação lembre-se de mim como amiga: “A distância” Roberto Carlos. “A Distância” Roberto Carlos¹⁰. **Nunca mais você ouviu falar de mim / Mas eu continuei a ter você / Em toda esta saudade que ficou / Quanto tempo já passou e eu não te esqueci / “Quantas vezes eu pensei voltar / E dizer que o meu amor nada mudou / Mais o meu silêncio foi maior / E a distância amá mudou do dia’ / sem você saber” / O que restou do nosso amor, ficou / No tempo esquecido por você / Vivendo do que fomos ainda estou / Quantas coisa já mudou / Só eu não te esquecí. / Quantas vezes Eu só queria te dizer que eu / Tentei tenter-te amar Não consegui Se alguma vez você pensar em mim não te esqueças de lembrar que eu nunca te esquecí. / Quantas vezes ...** Com esta possa recordar-me no futuro a | amiga se assim me considerar-me. (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)

¹⁰ CARLOS, Roberto. A distância. In: CARLOS, Roberto. A janela. CBS, 1972.

Nesses exemplos, percebemos que, mesmo em se tratando de um gênero que, na atualidade, perdeu espaço, já havia formas de transformar a experiência escrita em algo mais dinâmico e multimodal. Na atualidade, temos a possibilidade de enviar áudios, vídeos e imagens em aplicativos de mensagens. Naquela época, os casais faziam usos de recursos multidimensionais para tornar a comunicação mais dinâmica, seja enviando uma carta dentro de uma caixa de perfume para mantê-la perfumada, transcrevendo a letra de uma canção ou enviando fotos dentro dos envelopes.

Na seção seguinte, podemos identificar a temática que evidencia o sentimento de posse, muito peculiar na tradição romântica, seja de maneira ativa, quando o missivista ou a missivista deixa claro que seu amado ou amada é seu ou sua; ou quando se colocam na posição de posse do outro.

4.3.4. Sentimento de posse

Em se tratando do sentimento de posse e de pertencimento, um fator interessante é o uso do possessivo no encerramento das cartas. Nos exemplos, a seguir, observamos que o missivista encerra com “do sempre seu”, e essa marca é tradicional nas cartas de casal. No trecho retirado de uma carta feminina do sertão, a missivista encerra com “sua”, seguido da sua assinatura. Vejamos como essa característica fica evidente nos exemplos (74), (75) e (76):

(74) C. **meu** AMOR. Recebi sua missiva amesma veio deichar me bem feliz por saber que você esta com saude aqui esta es tudo bem graças a Deus [...] **do sempre seu** J. G. de R. (CARTA: 16-JC-11-10-1976, grifos nossos)

(75) Querida C. Escrevendo esta missiva desejo que a mesma lhi encontre com saude e felicidade, são os votos deste que não te esquece um só momento, até sonho esta semana sonhei com você foi bonzinho eu dando umas beijocas só você vendo e sentindo como foi maravilhoso [...] estou com muita saudade de você **meu amor** louco pra ti ver e dá uns abraços lembrança atodos e o assunto já acaboce e hoje eu passei o dia compiando pontos passando a limpo um beijinho e um forte abraço **do sempre seu** J. G. de S. R. (CARTA: 18-JC-30-03-1977, grifos nossos)

(76) J. **meu amor!** Tudo de bom pra você. Estou com muitas saudades de você, acho que por isso; é que quase todas as noite so-nho consigo. **Meu** Bem, recebí ontem a tua missiva, pena porque eu

queria ler mais. [...]Tchau! **Sua:** C.R.S. (CARTA: 17-CJ-05-10-1976, grifos nossos)

A análise das cartas de casal do litoral e do sertão evidenciou que tanto as mulheres quanto os homens fazem uso de recursos próprios da tradição romântica em suas cartas. Nas cartas femininas, observamos a utilização de canções e de recursos sensoriais, como passar perfume na carta para expressar melhor o seu sentimento em relação ao amado.

Nas cartas masculinas, o amor é explicitado de maneira mais sutil, mais discreta, porém não menos intensa, conforme a tradição romântica. Essa menor intensidade está ligada à tradição de que a demonstração de sentimentos e fragilidades que partem dos homens tem a ver com fraqueza. Os missivistas masculinos tendem a deixar claro que pertencem à amada por meio da utilização do pronome possessivo. Essa forma de aliança pode estar relacionada ao aspecto religioso de tradição judaico-cristã. Como podemos observar, em alguns exemplos, recorrem também a utilização da palavra amor como substantivo, se intitulando o amor da sua amada.

Por fim, “pode-se afirmar que a carta de amor é uma TD e que possui elementos que se repetem historicamente em sua composição” (GOMES, 2019, p. 113), pois encontramos diversas marcas recorrentes, como o uso de diminutivos e metáforas, como alternativa de forma de tratamento, que só ocorrem nesse subgênero, uma vez que tais declarações não se aplicam em cartas familiares ou entre amigos. Somente nas cartas de casal, verificamos certos tipos de cobranças e inseguranças diante dos relacionamentos, além de percebermos a atribuição da felicidade ou tristeza ao amor correspondido.

Percebemos, até aqui, que, tanto nas cartas de casal do litoral quanto nas cartas de casal do sertão, existem diferenças e semelhanças nas características românticas evidenciadas nas tradições discursivas identificadas nos exemplos de cada subseção.

No quinto capítulo, iremos observar as formas imperativas de segunda pessoa nos modos de dizer tradicionais nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, buscando relacionar as estratégias de verbalização com a tradicionalidade composicional e temática, além de comparar a produtividade desse modo verbal considerando a natureza do gênero, o sexo e a localidade dos missivistas selecionados.

5. AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NO MODO DE DIZER IMPERATIVO DE SEGUNDA PESSOA NAS CARTAS DE CASAL

No latim, o modo imperativo era utilizado no presente para realizar ordens imediatas, e, no futuro, servia “para exprimir uma ordem que deverá ser cumprida futuramente. Este tempo, de uso bastante raro, só tem duas formas de 2ª e 3ª pessoa” (RÓNAI, 2013, p. 134). Quanto à formação, de acordo com a abordagem das gramáticas tradicionais do português brasileiro,

[...] o imperativo possui formas próprias somente para a segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural. As demais pessoas são extraídas do presente do subjuntivo. O imperativo negativo não apresenta uma formação própria, sendo integralmente suprido pelo presente do subjuntivo, anteposta às formas verbais uma partícula de negação, sendo na maioria das vezes a partícula NÃO (FAVARO, 2013, p. 76).

De acordo com Rumeu (2016, p. 315), “à luz da gramática tradicional, o imperativo afirmativo é construído com formas próprias para as segundas pessoas do singular [...]. Por outro lado, o imperativo negativo não apresenta formas próprias, sendo totalmente proveniente do presente do subjuntivo”. Sendo assim, tratamos a polaridade da estrutura do imperativo como uma das variáveis independentes por não alterar a estrutura desse modo verbal. Tanto na forma afirmativa quanto na negativa, a construção do imperativo se mantém preservada, a única diferença é que, na forma negativa, utilizamos a partícula negativa na posição pré-verbal, de acordo com Scherre (2007).

O presente capítulo visa contribuir com os estudos acerca do uso do modo imperativo nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, tendo como diferencial a abordagem do modo verbal imperativo de segunda pessoa a partir das três dimensões das tradições discursivas (a temática, a composicionalidade e os modos de dizer tradicionais) que compõem a carta de casal. O intuito deste tópico, no conjunto da análise, é mapear as ocorrências do modo de dizer imperativo de segunda pessoa e entender se há maior ou menor produtividade das formas imperativas diretas ou indiretas (variável dependente), em função da natureza conversacional da carta de casal e da relação simétrica dos missivistas selecionados para a análise. Bem como as variáveis independentes consideradas são linguísticas, as polaridades afirmativa e negativa e as funções pragmáticas exercidas (a função de marcador conversacional e demais funções, pedido, conselho, ordem, advertência), e extralinguísticas, sexo (feminino e masculino) e localidade (litoral e sertão).

Estudos anteriores na região Nordeste mostram

[...] maior frequência da forma imperativa do tipo deixe/receba/abra/dê/diga/vá – FORMA ASSOCIADA AO SUBJUNTIVO – ou O EQUILÍBRIO DAS DUAS FORMAS (deixa vs. deixe; recebe vs. receba; abre vs. abra; dá vs. dê; diz vs. diga; vai vs. vá) em diálogos espontâneos, sem dependência exclusiva do uso do pronome tu ou você (SCHERRE, 2007, p. 193)

Os resultados apresentados por Scherre (2007) permitem relacionarmos o tema do imperativo com os estudos anteriores sobre o uso do “tu e você”. No caso dos missivistas estudados, pelo grau de escolaridade, como também pela natureza de espontaneidade das cartas de casal, é natural que utilizem o imperativo sem essa dependência exclusiva de um paradigma pronominal ou outro. Sabemos que “o imperativo é um modo verbal derivado de outros dois modos verbais: presente do indicativo e presente do subjuntivo” (ALVES, 2009, p. 2-3). Com isso, devemos ter em mente que “as diferenças existentes entre os interlocutores, por eles reconhecidas, numa situação de comunicação direta ou indireta (a distância), oral e principalmente escrita, vão determinar o grau de formalismo entre eles, marcado pela seleção do tratamento” (LIMA, 1995, p. 13). Essas variáveis linguísticas estarão correlacionadas às variáveis extralinguísticas, podendo determinar as estratégias de verbalização utilizadas pelos casais em suas cartas. Na seção seguinte, podemos observar a produtividade das formas imperativas nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos.

5.1. Formas imperativas nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos

O estudo sistemático das formas imperativas de segunda pessoa tem como variável dependente o imperativo direto e o imperativo indireto. Adotamos como variáveis independentes as funções pragmáticas, que estão divididas em dois blocos: funções imperativas diversas (pedido, ordem, conselho, advertência) e marcadores conversacionais, e a polaridade da estrutura do imperativo (imperativo afirmativo e imperativo negativo). Para esta análise, buscamos considerar as variáveis linguísticas e extralinguísticas, bem como as características do gênero para que a análise possa contribuir com trabalhos anteriores e abrir espaço para novas perspectivas de análise nesse segmento.

Na tabela 1, podemos observar a produtividade das formas imperativas nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. Nela, é possível identificarmos a quantificação das ocorrências do imperativo direto e indireto nas duas regiões analisadas:

Tabela 1: Formas imperativas de segunda pessoa *versus* localidade

Formas imperativas	Litoral	Sertão	Total
Imperativo direto (pedido, conselho, ordem, advertência, marcadores conversacionais)	152 44,4%	190 55,6%	342 92,2%
Imperativo indireto (pedido, conselho, ordem, advertência)	13 44,8%	16 55,2%	29 7,8%
Total	165 44,5%	206 55,5%	371 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Enquanto nas cartas de casal litorâneas obtivemos 165 ocorrências de imperativo (44,5%), nas cartas de casal sertanejas obtivemos 206 ocorrências (55,5%). Essa diferença se apresenta tanto pela natureza da carta de casal, quanto pela relação de proximidade entre os missivistas. A maior incidência do imperativo direto se dá pela grande produtividade da função de marcador conversacional com relação às demais funções imperativas (pedido, conselho, ordem, advertência). Essa produtividade maior está relacionada com a característica conversacional do gênero carta pessoal, que possibilita a realização de marcas interativas na escrita dos missivistas. Por conta disso, o modo imperativo indireto não obteve um resultado tão expressivo quanto o modo imperativo direto.

No subtópico seguinte, podemos observar como o modo imperativo direto se comporta nas cartas de casal pernambucanas.

5.1.1. Imperativo direto

Sabemos que “os atos de fala imperativos, orientados para o destinatário, ocorrem, habitualmente, numa situação de comunicação que exige o contato direto dos interlocutores” (LIMA, 1995, p. 7). Entendemos como funções básicas do modo imperativo direto as que dizem respeito aos pedidos, conselhos, ordens e advertências, e separamos as formas imperativas diretas com a função de marcadores conversacionais, delimitando, assim, as variáveis

independentes do modo imperativo direto, considerando as funções nos contextos de uso. Assim será possível discutir os dados quali e quantitativamente.

Na tabela 2, podemos observar como o modo imperativo direto de segunda pessoa se realiza como funções imperativas diversas (pedido, ordem, conselho ou advertência) e como função de marcador conversacional:

Tabela 2: Funções das formas imperativas diretas de segunda pessoa *versus* localidade

Funções das imperativas diretas	Litoral	Sertão	Total
Pedido, conselho, ordem, advertência	129 54,4%	104 44,6%	233 68,1%
Marcador conversacional	23 21,1%	86 78,9%	109 31,9%
Total	152 44,4%	190 55,6%	342 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Esta seção está dividida em dois blocos, pois, ao passo que desenvolvíamos a análise das ocorrências do modo de dizer imperativo direto, observamos que, dentre as funções pragmáticas, uma delas se destacou quantitativamente. Por esse motivo, separamos a análise em formas imperativas diretas com funções diversas e formas imperativas com função de marcador conversacional.

5.1.1.1. Imperativo direto com funções diversas

Durante a análise, verificamos que o modo imperativo pode se apresentar como uma ordem, pedido, advertência, conselho ou até como um marcador conversacional. Diante desses fatores, optamos por separar as amostras de formas próprias do imperativo de segunda pessoa e analisar exclusivamente sua produtividade, buscando comparar as duas regiões pernambucanas. Nos comentários dos exemplos selecionados, podemos observar como o modo

imperativo se realiza e qual função pragmática exerce. Em razão disso, separamos as demais funções imperativas das ocorrências que possuem função de marcadores conversacionais.

A produtividade da forma imperativa direta foi bem expressiva, somando as duas regiões, correspondeu a 62,8%, totalizando 233 ocorrências. Com 129 ocorrências (54,4%), o modo imperativo direto mostrou-se bastante produtivo nas cartas de casal do litoral pernambucano. Nos exemplos (77) e (78), podemos observar como esse modo de dizer se realizou na carta da escrevente feminina e do escrevente masculino, respectivamente:

(77) **manda**-me dizer o dia porque se for possível eu vou te esperar se for possível eu vou te esperar Z. [...] **Desculpe** as letras e os borrão. Nada mais quem te ama. N. (CARTA: 01-NJ-21-05-1949, grifos nossos)

(78) **ora** A deus pra ele nos abençoar que Chegeu logo o dia da nossa união (CARTA: 19-JN-04-07-1950, grifo nosso)

Em (77), observamos o modo de dizer imperativo se apresentando como uma tradição discursiva nas cartas analisadas, pois é comum, assim como observamos no capítulo acerca da tradicionalidade temática, o missivista desculpar-se por conta de possíveis erros ou rasuras na escrita. Os verbos *mandar* e *desculpar* são recorrentes no modo imperativo. Eles possuem funções diferentes, podendo ter a finalidade de pedido ou de ordem.

No exemplo (78), podemos observar o modo de dizer imperativo presente como uma tradição no fechamento da carta, além de ser um verbo fortemente utilizado em discursos religiosos no segmento cristão protestante. O casal do litoral, conforme já pudemos analisar, pertence ao grupo religioso evangélico, por isso, o uso do verbo *orar*, com a função de um pedido de oração, aparece com frequência nas suas cartas.

Já nas cartas de casal do sertão, com 104 ocorrências (44,6%), o modo imperativo direto concorreu de maneira equilibrada, em correlação com o resultado das cartas do litoral. Nos exemplos (79) e (80), observamos como o modo imperativo direto se realiza nas cartas de casal do sertão pernambucano:

(79) mas **tenha** coíddado **saiba** farrar. É meu desejo que passe tudo em paz. **Dance** [...] mas não me **escreva** mentindo, fale a verdade, (CARTA: 03-CJ-12-07-1972, grifos nossos)

(80) **mande** dizer o dia que eu vou mesmo porque eu não estou mais trabalhando filinha quando escreve **mande** dizer quando vai começar as aulas porque eu não sei certo e assim eu não sei o dia que vou. (CARTA: 03-JC-15-01-1974, grifos nossos)

Podemos perceber em (79), o cuidado da missivista feminina ao pedir que o seu amado tenha cuidado nas festas, sugerindo que seu amado dance, mas que não escreva mentindo. Nesse exemplo, fica evidente que o modo de dizer imperativo exerce uma função marcante na escrita, pois serve como forma de recomendação e advertência na tentativa de controle à distância das ações do outro. Em (80), identificamos o verbo *mandar* como forma recorrente na mesma carta. Assim como nas cartas do litoral, o verbo *mandar* é muito utilizado, pois esse verbo serve como principal meio de ação para a realização de um pedido ou ordem, se mostrando uma forma recorrente, especialmente, no fechamento das cartas de casal que variam entre “mande dizer” (ordem) ou “mande notícia” (pedido).

No intuito de facilitar a identificação dos exemplos de imperativos diretos de segunda pessoa, de acordo com as funções pragmáticas, optamos por dispor as funções imperativas e seus respectivos exemplos. Ressaltamos, todavia, que as funções pragmáticas aqui representadas como formas diretas também podem ser reproduzidas no contexto imperativo indireto de segunda pessoa.

No quadro 7, dispomos os exemplos de imperativo direto de segunda pessoa, que comentamos previamente com relação às suas determinadas funções:

Quadro 7: Funções diversas do imperativo direto de segunda pessoa

Funções pragmáticas	Imperativo direto
Ordem	Manda-me dizer o dia
Pedido	Desculpe as letras
Advertência	Tenha cuidado / Saiba farrar
Conselho	Dance [...] mas não me escreva mentindo

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Compreendemos que o imperativo direto seja a forma mais escolhida pelos interlocutores, considerando predominantemente as funções de pedido e de marcadores

conversacionais. No subtópico seguinte, podemos observar como a função dos marcadores conversacionais contribuem massivamente para a produtividade do modo imperativo direto e se diferenciam das funções básicas exemplificadas nos exemplos anteriormente discutidos.

5.1.1.2. Imperativo direto com função de marcador conversacional

Sabemos que o modo verbal imperativo de segunda pessoa pode expressar ordem, pedido, conselho e advertência, seja na forma afirmativa ou negativa. Porém, observamos nas cartas de casal das duas regiões a forma imperativa com uma função diferente dessas mencionadas anteriormente: o marcador conversacional. De acordo com Marcuschi (2003), os marcadores conversacionais podem ser classificados em verbais, não-verbais e suprasegmentais. Essa função imperativa está correlacionada com a natureza conversacional das cartas de casal. Percebemos que os missivistas buscam chamar a atenção para um determinado assunto utilizando as formas imperativas “olha, olhe, veja, sabe”, sem que tenham o sentido de ordenar, pedir, aconselhar ou advertir.

Neste estudo, observamos sua realização por meio dos recursos verbais, por meio das ocorrências do modo imperativo. Nas cartas de casal, foi possível identificar um número expressivo desse tipo de ocorrência por se tratar de uma tradição discursiva essencialmente interativa. Os marcadores conversacionais funcionam como uma “ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc. Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes (o que não ocorre nas cartas), na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares” (MARCUSCHI, 2003, p. 61). Diante da alta produtividade dessa função imperativa, optamos por dedicar uma seção exclusiva, mostrando exemplos e comparando os números desses tipos de ocorrências com as outras funções do imperativo direto.

O que distingue o marcador conversacional (31,9%) das demais funções (pedido, conselho, ordem, advertência) (68,1%) é que, embora se apresente estruturalmente como imperativo, não possui a função apelativa que o imperativo se propõe. Podemos justificar essa alta incidência como resultado do tipo de subgênero da carta, pois, sabemos que a carta de casal

tem uma natureza interativa e conversacional, uma vez que cada missivista se dirige apenas a uma segunda pessoa (noivo/noiva).

Conforme pudemos observar na tabela 2, a produtividade dos marcadores conversacionais nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, 109 ocorrências (31,9%), mostra que esse recurso ocupa uma parcela importante no quadro geral de realização do modo de dizer imperativo. Os contextos mais comuns de ocorrências do modo imperativo de segunda pessoa com função de marcador conversacional é, por exemplo, quando os missivistas introduzem um novo assunto, quando chamam atenção para alguma informação importante que virá em seguida ou quando querem lembrar o seu interlocutor de algo que já tinha sido conversado em momentos anteriores. Esses dados comprovam que

[...] os recursos verbais que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação (MARCUSCHI, 2003, p. 62)

As 23 ocorrências (21,1%) de imperativo com função de marcador conversacional nas cartas do litoral pernambucano revelam que essa forma não é a prioritária na produtividade dos modos de dizer imperativos de segunda pessoa por esse casal. Acreditamos que a menor incidência de marcadores conversacionais tenha a ver com o maior nível de formalidade existente entre o casal do litoral. Essa maior formalidade acaba por diminuir a espontaneidade presente no caráter conversacional e pode estar relacionada a princípios religiosos que são mais evidentes nas correspondências litorâneas do que nas sertanejas.

Nas cartas litorâneas, o modo imperativo de segunda pessoa com função de marcador conversacional perde para as outras funções do imperativo direto e só supera as ocorrências da forma indireta. Esse resultado superior ao modo imperativo indireto se dá porque todos os marcadores conversacionais identificados aparecem única e exclusivamente na forma afirmativa direta. Nos exemplos (81) e (82), observamos como os marcadores conversacionais verbais se realizam na forma imperativa nas cartas de casal do litoral pernambucano:

(81) **Olha** eu tenho orado pra Jesus resolver este caso se nós vamos morar aqui ou ir em Recife? (CARTA: 13-NJ-10-01-1950, grifo nosso)

(82) **Olhe** N. quando eu for a ir nos vamos assistir um conto em condado (CARTA: 08-JN-23-10-1949, grifo nosso)

Percebemos que, em (81) e (82), os missivistas utilizam o modo imperativo como marcador conversacional com o verbo *olhar*, tendo em vista que os verbos mais recorrentes para exercer essa função são: ver e olhar, o que pode estar relacionado a uma representação da interação face a face. Nas cartas do litoral, não houve variação verbal nas ocorrências de marcadores conversacionais, todas as 23 ocorrências foram com o mesmo verbo, *olhar*. A única diferença está na associação ao indicativo, conforme (81) “olha”, e ao subjuntivo, conforme (82) “olhe”. Esse resultado está relacionado ao paradigma pronominal utilizado pelo missivista na posição de sujeito, uma vez que “olha” está no paradigma de *tu* e “olhe” dentro do paradigma de *você*. Os missivistas devem variar esse uso por não terem uma formação escolar suficiente para utilizar conscientemente o imperativo correspondente ao paradigma de *tu* e *você*. É um uso que adquiriram na prática e que podem ocorrer variações com outros verbos em outras cartas. Esse tipo de escolha, diante dos registros históricos, tem a ver com o fato de que

[...] só havia formas imperativas afirmativas próprias para as segundas pessoas do discurso (tu e vós) em estruturas afirmativas. As demais pessoas do discurso, bem como o imperativo negativo, lançavam mão de formas do subjuntivo ou do infinitivo, denominadas supletivas ou auxiliares. No caso do português brasileiro, é novamente interessante observar a semelhança entre as formas imperativas auxiliares ou supletivas e as formas do subjuntivo latino (SCHERRE, 2007, p. 199)

Nas cartas do sertão (78,9% - 86 ocorrências), a produtividade do modo imperativo como marcador conversacional foi bem mais expressiva do que nas cartas do litoral (21,1% - 23 ocorrências). Essa função imperativa disputou com outras funções da forma direta de maneira bastante equilibrada nas duas regiões, correspondendo a 31,9% das ocorrências do imperativo direto. Essa ocorrência de imperativo pode se configurar como um modo de dizer (TD) característico das cartas de casal por seu caráter de conversação escrita. Ao contrário do que ocorreu nas correspondências litorâneas, nas cartas do sertão, obtivemos uma maior variedade verbal. Em (83), (84) e (85), podemos observar como os missivistas do sertão pernambucano evocam essa tradição discursiva, vejamos:

(83) **Sabe** meu bem; estou muito preocupada com este silêncio [...] **Sabe**, aqui tem novidades, não daqui de minha casa. (CARTA: 13-CJ-22-12-1975, grifos nossos)

(84) **Veja** bem! Só quando você tiver mais ou menos tempo quero dizer (CARTA: 14-CJ-25-01-1976, grifo nosso)

(85) **Olhe** C. tinha muitos mas eu me agradei mar daquele mão seio se você (CARTA: 14-JC-16-06-1976, grifo nosso)

Podemos observar que os missivistas do sertão, na realização do modo de dizer imperativo como marcador conversacional, variaram tanto na associação com o indicativo e subjuntivo, quanto nas escolhas verbais, como podemos observar nos verbos “saber” em (83), “ver” em (84) e “olhar” em (85). Essas formas mostram como o caráter conversacional é claramente evidenciado no subgênero carta de casal e comprova que essas ocorrências se configuram como uma tradição discursiva, pois esse modo de dizer imperativo se repete em momentos específicos da escrita dos casais analisados: na introdução de um assunto, num pedido, num conselho, numa advertência, na despedida, para chamar atenção para o que vem a seguir. No tópico seguinte, podemos observar como o imperativo indireto se realiza nas cartas selecionadas.

5.1.2. Imperativo indireto

O modo imperativo indireto expressa a vontade do interlocutor por meio de aconselhamentos que se apresentam como locuções verbais, conforme podemos observar nos exemplos que vão de (86) até (92). Sua produtividade, embora não tenha sido muito expressiva, revela que, no gênero carta pessoal, é possível a ocorrência desse tipo de forma verbal. Com 29 ocorrências (8,5%), a baixa produtividade do modo imperativo indireto pode estar relacionada ao tipo de relação simétrica entre os namorados e pela relação de proximidade, pelas diferentes funções exercidas, inclusive, como marcador conversacional. A análise permitiu observar que, em primeiro lugar, os verbos de maior incidência na forma imperativa indireta foram os verbos *ser* e *mandar*, em segundo lugar, ficaram os verbos *continuar*, *dizer*, *gozar*, *acreditar*, *fazer* e *vir*. Sabemos que essa forma imperativa se apresenta de maneira mais sutil que a forma direta. Assim como no modo imperativo direto, o modo imperativo indireto pode se apresentar tanto de maneira positiva quanto negativa.

Nas cartas do litoral pernambucano, a produtividade do modo verbal imperativo indireto foi um pouco menor do que o identificado nas amostras do sertão, correspondendo a 13 ocorrências (44,8%). Vejamos nos exemplos (86) e (87), como o imperativo indireto se realiza:

(86) **pesso que não custe** me dizer o que é você pode escrever mandar
dizer (CARTA: 19-NJ-16-03-1950, grifos nossos)

(87) **espero que tu acredite** Meu Amôr (CARTA: 14-JN-14-01-1950, grifos nossos)

Em (86), podemos observar um exemplo do imperativo negativo indireto, em que a missivista faz um pedido e utiliza o verbo *pedir* na primeira pessoa para expressar sua intenção. Se parafraseássemos essa construção para o modo direto, simplificaríamos a oração da seguinte forma: “não custe me dizer”, mas a missivista optou por utilizar essa forma mais polida na sua escrita. Não muito diferente do que ocorreu na carta feminina em (87), o missivista masculino, ao invés de utilizar a forma direta imperativa, optou por incluir uma oração que preparasse o seu pedido. A construção indireta permitiu que os dois missivistas pudessem expressar seus desejos com polidez por meio da inclusão de uma oração antes do imperativo.

Nas cartas do sertão pernambucano, o modo imperativo indireto ultrapassou o número de ocorrências do litoral. Com 16 ocorrências (55,2%), essa forma imperativa manteve-se presente nas construções dos missivistas selecionados como podemos observar nos exemplos (88) e (89):

(88) mas eu **queria que fizesses** um esforço e **vinhesse** aqui pois eu queria muito mesmo conversar contigo (CARTA: 10-CJ-13-06-1975, grifos nossos)

(89) **desejo que seja** bem sucedida com a aula que vai dá (CARTA: 13-JC-20-05-1976, grifos nossos)

Assim como observamos nas ocorrências do litoral, tanto em (88) quanto em (89), os missivistas sertanejos fazem o uso do imperativo após uma oração cujo verbo prepara o interlocutor para o pedido ou desejo seguinte. Esse tipo de ocorrência mostra como o modo imperativo indireto também pode se configurar como uma tradição discursiva na carta de casal por tratar-se de uma forma cautelosa para pedir, ordenar, sugerir ou desejar.

Além das formas imperativas indiretas que aparecem com verbos expressando a vontade do interlocutor, observamos a ocorrência de uma ordem mascarada, ou seja:

[...] numa oração aparentemente declarativa – afirmativa –, mascara-se a ordem ou proibição utilizando duas formas verbais: o futuro do presente, como ocorre nos mandamentos e nas imprecensões, ou o infinitivo, quando se generaliza uma proibição ou um comando, destinados a uma comunidade específica (LIMA, 1995, p. 36)

Vejamos, em (90), (91) e (92), exemplos que se enquadram nessa categoria de imperativo indireto de ordem mascarada, pois se tratam de ordens e aconselhamentos construídos com verbos no modo infinitivo:

(90) **Pode acreditar!** É a única coisa que eu desejaria possuir na minha vida (CARTA: 07-CJ-02-10-1974, grifos nossos)

(91) é melhor **não vir** (CARTA: 12-CJ-22-10-1975, grifos nossos)

(92) **pode mandar dizer** que não gosta mais de mim e quer o que você tem aqui de volta, **pode mandar** um bilhete que eu mando, tudo (CARTA: 11-CJ-29-09-1975, grifos nossos)

Lima (1995) sugere, para que possamos compreender a função imperativa, que façamos uma paráfrase das orações selecionadas para o modo imperativo direto. Seguindo essa sugestão, os exemplos ficariam da seguinte forma: (90) “acredite!”, (91) “não venha” e (92) “diga... mande”. Desse modo, podemos visualizar as intenções dos missivistas por meio dessas construções.

No quadro 8, dispomos os exemplos de imperativo indireto de segunda pessoa, que comentamos anteriormente, com relação às suas determinadas funções pragmáticas:

Quadro 8: Funções diversas do imperativo indireto de segunda pessoa

Funções pragmáticas	Imperativo indireto
Ordem	pode mandar dizer / pesso que não custe
Pedido	pode mandar dizer / Pode acreditar /
Advertência	é melhor não vir
Conselho	espero que tu acredite

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

No tópico seguinte, analisamos os modos de dizer imperativos diante da polaridade da estrutura e buscamos perceber como essas diferenças se caracterizam como uma tradição discursiva nas cartas dos casais do litoral e do sertão pernambucano.

5.1.3. Polaridade da estrutura do modo imperativo

A polaridade da estrutura é um fator que permite a observação da predominância de uma tendência argumentativa que mostra os níveis de permissão *versus* restrição diante da temática das cartas analisadas, tendo em vista que os missivistas demonstram com maior produtividade estarem alinhados com as ideias um do outro, tornando, assim, a produtividade das formas afirmativas maior do que nas formas negativas.

Observamos que, nas cartas de casal analisadas, o imperativo afirmativo é mais produtivo do que o imperativo negativo nas duas regiões, mesmo com a exclusão das ocorrências do imperativo com função de marcador conversacional, que só aparece na forma afirmativa direta. Optamos por separar os resultados por termos claramente a diferença pragmática nas formas imperativas diversas com relação às formas com função de marcador conversacional.

Na tabela 3, observamos como o modo imperativo se realiza nas formas afirmativas e negativas no litoral e no sertão pernambucanos:

Tabela 3: Polaridade da estrutura do modo imperativo de segunda pessoa *versus* localidade

Polaridade da estrutura	Litoral	Sertão	Total
Imperativo afirmativo	109 52,2%	100 47,8%	209 79,8%
Imperativo negativo	33 62,3%	20 37,7%	53 20,2%
Total	142 54,2%	120 45,8%	262 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos, o imperativo afirmativo correspondeu a 209 ocorrências (79,8%), enquanto o imperativo negativo correspondeu a 53 ocorrências (20,2%). Essa diferença expressiva entre as formas afirmativas e negativas revela que, no subgênero carta de casal, negar é menos recorrente do que afirmar, permitindo, assim, entendermos que a temática desse subgênero está mais voltada para atitudes permissivas do que restritivas. Essa menor frequência de formas negativas é claramente compreensível num

diálogo amoroso, pois os atos de fala dos casais se tornam mais leve, uma vez que há menos proibições ou conselhos sobre o que “não fazer”, em detrimento de sugestões afirmativas.

5.1.3.1. Imperativo afirmativo

Nas cartas do litoral pernambucano, obtivemos 109 ocorrências (52,2%) de imperativo afirmativo. Nos exemplos (93) e (94), podemos observar como os missivistas realizam esse modo tradicional de dizer de maneira afirmativa:

(93) **escreva** com o endereço da casa de M. que eu recebo [...] **Desculpe** os erros e as letas (CARTA: 03-NJ-22-07-1949, grifos nossos)

(94) **Vire** amozinho [...] **hore** por mir porque E grande a preciação viu N. depois eu li dijo tudo, Cuidado **guarde** esta palavras (CARTA: 18-JN-13-05-1950, grifos nossos)

Podemos observar, em (93) que a missivista realiza o modo imperativo para fazer um pedido ao seu amado e, na mesma carta, no momento da despedida recorre ao modo tradicional imperativo para pedir desculpas pelos possíveis erros cometidos ao longo da escrita. Em (94), no primeiro imperativo em destaque, o verbo *virar* aparece com função de orientação atitudinal para o leitor no ato da leitura. No verso da carta, o noivo faz um pedido de oração, próprio dos hábitos culturais e religiosos do casal e, por fim, pede que a amada guarde suas palavras, em tom de advertência antecedida pelo termo “cuidado”. Essas formas verbais são recorrentes na escrita do casal do litoral e se mostram produtivas ao longo das amostras selecionadas para a análise.

Nas cartas do sertão pernambucano, o resultado da rotação dos dados revelou 100 ocorrências (47,8%) do imperativo afirmativo, perdendo para a produtividade obtida no litoral. Vejamos, nos exemplos (95) e (96), como essas ocorrências se realizam:

(95) **escreva** e **mande** dizer qual é o motivo de tão esquecimento (CARTA: 01-CJ-05-02-1972, grifos nossos)

(96) **mande** dizer se recebeu no sabado mesmo (CARTA: 14-JC-16-06-1976, grifo nosso)

Tanto em (95) quanto em (96), podemos observar o uso do modo imperativo exercendo uma função apelativa. Assim como observamos nas correspondências do litoral, o casal do

sertão busca realizar o modo tradicional imperativo de maneira mais incisiva no encerramento das cartas, espaço tradicionalmente destinado às recomendações e aos pedidos. É nesse momento que os casais orientam um ao outro sobre alguma atividade que pretendem realizar ou cobrar por agilidade nas respostas. Na seção seguinte, podemos observar como o modo imperativo negativo se realizou nas duas regiões pernambucanas.

5.1.3.2. Imperativo negativo

Somando 33 ocorrências (62,3%), o modo de dizer imperativo negativo nas cartas do litoral pernambucano se mostrou bastante produtivo e diversificado em comparação com o resultado do sertão. Podemos observar, em (97) e (98), como os missivistas realizaram essa forma imperativa:

(97) diga a ela que **não** ci **esqueca** di orar por mir não viu N. eu mandei uma carta para vocer (CARTA: 17-JN-22-04-1950, grifos nossos)

(98) **não custe** me escrever com duas palavra eu fico satisfeita vou terminar para le enfadar ja está paricendo um garmal. (CARTA: 02 NJ-04-07-1949, grifos nossos)

Em (97), observamos um tipo de escolha verbal característico do encerramento das cartas. Identificamos que, em diversas cartas, os missivistas pedem que o interlocutor não esqueça de responder, de orar ou de passar algum recado para algum parente. O verbo “esquecer” na forma imperativa é bastante recorrente como elemento constitutivo do encerramento das cartas. Construções como “Não esqueça de mim”, “Não esqueça de me escrever” são muito recorrentes no fechamento das cartas.

Na carta do missivista do litoral, conforme observamos em (98), identificamos uma forma alternativa de pedido por meio da utilização do verbo “custar” ao invés do mais comum “demorar”.

Nas cartas do sertão pernambucano, houve 20 ocorrências (37,7%). A produtividade do modo imperativo negativo não foi tão alta quanto no litoral, entretanto, manteve uma alta diversidade nas escolhas verbais, conforme podemos observar em (99) e (100):

(99) **Não pense** que estou triste, com raiva (CARTA:11-CJ-29-09-1975, grifos nossos)

(100) **não leve** a mal porque não foi má vontade minha (CARTA: 20-JC-15-06-1977, grifos nossos)

Nesses dois exemplos, observamos o modo de dizer imperativo que busca induzir o interlocutor a não supor um determinado sentimento, conforme observamos em (99) e, o pedido de que a noiva releve uma reação do noivo, conforme apresentado em (100). A expressão coloquial “não levar a mal” corresponde a “não se incomode”. Nos dois exemplos, há duas formas sutis de tentar orientar a percepção do interlocutor por meio de uma realização verbal imperativa negativa.

Na tabela 4, podemos observar como as formas imperativas diretas e indiretas, nas funções de pedido, conselho, ordem ou advertência, se realizam diante da polaridade da estrutura (imperativo afirmativo e imperativo negativo):

Tabela 4: Formas imperativas de segunda pessoa *versus* polaridade da estrutura

Formas imperativas	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo	Total
Imperativo direto (pedido, conselho, ordem, advertência)	188 80,7%	45 19,3%	233 88,9%
Imperativo indireto (pedido, conselho, ordem, advertência)	21 72,4%	8 27,6%	29 11,1%
Total	209 79,8%	53 20,2%	262 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Na tabela 4, podemos observar que o imperativo afirmativo (79,8% - 209 ocorrências) se mostrou mais produtivo, sendo as formas afirmativas diretas (188 ocorrências) superando as formas afirmativas indiretas (21 ocorrências). Essa diferença tem a ver com o caráter incisivo do modo imperativo, que na forma afirmativa direta se constitui de maneira mais efetiva.

A forma imperativa negativa, com 53 ocorrências (20,2%), mostrou-se menos produtiva por se tratar de uma maneira mais sutil de emprego imperativo entre casais. Percebemos que, nas cartas analisadas, é mais comum que os missivistas sugiram, peçam ou ordenem o que fazer do que o que não fazer.

Na seção seguinte, podemos observar como o modo imperativo se comporta diante das variáveis extralinguísticas consideradas nesta análise.

5.1.4. Sexo *versus* localidade e formas imperativas

Nesta seção, buscamos evidenciar o panorama geral da produtividade do modo de dizer imperativo com base na localidade e sexo dos missivistas. Procuramos, ao longo deste estudo, trazer exemplos de cartas de casal femininas e masculinas, a fim de percebermos a variação das escolhas linguísticas dos missivistas selecionados para esta análise.

Na tabela 5, podemos perceber, com base na amostra utilizada nesta análise, qual das duas regiões apresenta maior produtividade do modo verbal imperativo nas funções de pedido, conselho, ordem e advertência, permitindo percebermos como o sexo dos missivistas se relaciona com a localidade diante da produtividade dos modos de dizer imperativos de segunda pessoa:

Tabela 5: Sexo *versus* localidade

Sexo	Litoral	Sertão	Total
Feminino	62 28,8%	153 71,2%	215 58%
Masculino	103 66%	53 34%	156 42%
Total	165 44,5%	206 55,5%	371 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

De modo geral, a produtividade do imperativo nas duas regiões se manteve aproximada, enquanto no litoral foram 165 ocorrências (44,5%), no sertão ocorreram 206 (55,5%). A maior diferença está relacionada ao sexo dos missivistas. Diante da análise realizada, percebemos que, nas correspondências dos dois casais, fica perceptível quem realiza mais esse tipo de construção verbal, uma vez que estão relacionadas ao repertório vocabular do interlocutor.

No litoral, o missivista masculino totalizou 103 ocorrências de imperativo (66%), enquanto a missivista feminina totalizou 62 ocorrências (28%). Já nas cartas do sertão, a maior produtividade esteve nas cartas da missivista feminina, com 153 ocorrências (71,2%), enquanto o missivista masculino realizou 53 formas imperativas (34%). Esses dados mostram que houve uma inversão, que remete ao índice de pedido, de recomendação, de marcação conversacional próprio da natureza das cartas. O perfil dos indivíduos exerce um papel importantíssimo na forma como a escrita se desenvolve, pois compreendemos que o modo imperativo está, muitas vezes, relacionado ao poder de exigir do outro alguma atitude, posicionamento ou resposta. Embora os resultados mostrem que, no litoral, o homem utiliza mais o imperativo e, no sertão, a mulher que ocupa o topo desse tipo de produtividade, no panorama geral, a escrita feminina supera a masculina na realização dessa estratégia de verbalização.

Podemos atribuir esse resultado ao nível de sentimentalidade que envolve os missivistas, pois, sabemos que, numa relação amorosa, os papéis de domínio podem variar entre o masculino e o feminino e que as expressões de poder que um exerce sobre o outro vai depender de como a sua história foi construída e como seus valores desenham os limites dentro de suas relações.

Na tabela 6, podemos observar como o sexo se relaciona com as formas afirmativas e negativas do modo imperativo:

Tabela 6: Sexo *versus* polaridade da estrutura do imperativo de segunda pessoa

Sexo	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo	Total
Feminino	129 83,8%	25 16,2%	154 58,8%
Masculino	80 74,1%	28 25,9%	108 41,2%
Total	209 79,8%	53 20,2%	262 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Nessa tabela, podemos observar que, enquanto, no modo imperativo afirmativo, nas cartas femininas obtivemos 129 ocorrências, as masculinas somaram 80, totalizando 209 ocorrências (79,8%). No modo imperativo negativo, o resultado foi menos expressivo, porém

manteve equilíbrio entre o resultado das cartas femininas, com 25 ocorrências e das cartas masculinas, com 28 ocorrências, totalizando 53 ocorrências (20,2%).

Na tabela 7, podemos observar como as formas imperativas se relacionam com o sexo dos missivistas selecionados:

Tabela 7: Sexo *versus* formas imperativas de segunda pessoa

Sexo	Imperativo direto	Imperativo indireto	Total
Feminino	131 85,1%	23 14,9%	154 58,8%
Masculino	102 94,4%	6 5,6%	108 41,2%
Total	233 88,9%	29 11,1%	262 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Podemos observar que o resultado mostra que há uma aproximação entre a produtividade do modo imperativo direto nas cartas femininas (131 ocorrências) e masculinas (102 ocorrências). Quanto ao imperativo indireto, as cartas femininas (23 ocorrências) demonstram uma maior incidência com relação às cartas masculinas (6 ocorrências).

Esses dados revelam que ambos os sexos possuem maior produtividade na realização das formas imperativas diretas (88,9% - 233 ocorrências) do que nas formas imperativas indiretas (11,1% - 29 ocorrências), mostrando que essa tendência pode estar relacionada ao nível de intimidade entre os casais, uma vez que, nas temáticas produzidas, não precisam recorrer à utilização de paráfrases para darem uma ordem, fazerem um pedido, aconselhar ou advertir. Vale ressaltar que essa expressividade na recorrência do modo imperativo direto se tornaria mais expressiva se considerássemos as ocorrências do modo imperativo de segunda pessoa como marcador conversacional, uma vez que essa forma só se apresenta na forma afirmativa direta.

Na tabela 8, podemos observar a relação entre o número de palavras com o sexo e a localidade dos missivistas selecionados, buscando correlacionar a produtividade dos modos de dizer imperativos com o volume de escrita das duas regiões:

Tabela 8: Número de palavras com relação ao sexo e localidade

Sexo	Litoral	Sertão	Total
Feminino	4.941 34,1%	9.538 65,9%	14.479 53,5%
Masculino	7.194 57,2%	5.383 42,8%	12.577 46,5%
Total	12.135 44,8%	14.921 55,2%	27.056 100%

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador.

Nessa tabela, podemos observar que, embora tenhamos conseguido equilíbrio com relação à quantidade de cartas, não conseguimos esse equilíbrio relacionado ao número de palavras escritas pelos missivistas. Essa disparidade está relacionada aos perfis dos missivistas. Sabemos que cada um carrega uma história de vida que pode determinar a competência comunicativa para o desenvolvimento dos temas nas cartas.

Diante desses aspectos, observamos que o volume da missivista do litoral (4.941 ocorrências), somado com o volume da missivista do sertão (9.538), fez com que o resultado das cartas femininas alcançasse a maioria: 14.479 palavras (53,5%), embora tenhamos identificado que o volume de palavras da missivista do sertão apresentou aproximadamente o dobro do que foi identificado nas cartas do litoral. Essa diferença pode ser justificada pela diferença no grau de escolaridade entre as duas missivistas femininas, uma vez que a missivista do sertão possuía o ensino médio completo, possibilitando maior habilidade com a prática escrita, enquanto a missivista do litoral possuía ensino fundamental na época.

Em contrapartida, o resultado da contagem dos números de palavras dos missivistas masculinos obteve um resultado mais equilibrado, com uma diferença bem menor, em comparação com as cartas femininas. Nas cartas masculinas do litoral, obtivemos o total de 7.194 palavras (57,2%), enquanto, nas cartas do sertão, obtivemos 5.383 palavras (42,8%). Esses números mostram que quanto maior o volume de palavras, maior desenvoltura com a escrita, como também maior a produtividade de modos verbais encontrados. Por isso, na análise, a escrita feminina supera a escrita masculina no que diz respeito a produtividade dos modos de dizer imperativos.

Concluímos, portanto, que, mesmo se considerássemos a expressividade da função imperativa como marcador conversacional, o modo imperativo direto teria maior produtividade tanto nas cartas do litoral quanto do sertão. Esse fator mostra que, por estarmos tratando de um gênero conversacional, no subgênero carta de casal, essas marcas conversacionais ocuparam uma grande parcela das amostras obtidas (109 ocorrências) e poderia influenciar a produtividade do imperativo afirmativo direto, uma vez que as formas imperativas afirmativas e negativas indiretas, bem como a forma negativa direta não permitem esse tipo de construção. Percebemos que o modo verbal imperativo pode se realizar em pontos estratégicos das cartas, se mostrando recorrente como uma repetição que se configura como uma tradição discursiva.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo, que partiu da necessidade de entendermos como as cartas de casal do litoral e do sertão revelam em sua natureza a tradicionalidade discursiva nas dimensões composicional, temática e no modo de dizer imperativo, permitiu percebermos, ao longo da análise, que “as correspondências pessoais, de modo geral, carregam uma intimidade entre seus interlocutores. Essa intimidade manifesta-se através dos recursos linguístico-discursivos utilizados” (SILVA, 2018a, p. 126). Diante disso, ficou evidente que as abordagens quali e quantitativas desta investigação interligam as questões linguísticas e extralinguísticas, pois lidamos com uma escrita cheia de riquezas socioculturais pertencentes aos casais pernambucanos. A intimidade manifestada na escrita das cartas de casal revela, em diferentes partes do texto, evocações de fórmulas que se repetem ao longo das correspondências. Essa repetição se configura como uma Tradição Discursiva, que se apresentou nos elementos constitutivos das cartas, na temática e o modo de dizer por meio da realização do imperativo.

O primeiro capítulo de análise, que abordou a tradicionalidade composicional das cartas de casal pernambucanas do litoral ao sertão, permitiu confirmarmos a nossa segunda hipótese, uma vez que identificamos, nos elementos constitutivos da carta de casal, a evocação de marcas tradicionais em partes específicas da carta de acordo com a temática abordada, configurando-se, assim, como uma tradição discursiva. Nesse capítulo, foi possível perceber as semelhanças e particularidades presentes na tradicionalidade composicional das cartas de casal do litoral e do sertão pernambucanos. Foi possível identificar as semelhanças quanto à evocação de tradições discursivas na abertura das cartas de casal das duas regiões, pois os missivistas recorriam, muitas vezes, às mesmas marcas para expressar o vocativo, saudação ou captação da benevolência na abertura das cartas. Outra semelhança que verificamos foi nas marcas religiosas presentes no corpo do texto, embora tratassem de aspectos de diferentes culturas religiosas cristãs, observamos que os dois casais buscavam expressar sua fé no decorrer de suas escritas. No encerramento das cartas, não foi diferente, percebemos que as tradições discursivas evocadas por um casal também eram evocadas pelo outro. No fechamento das cartas, era possível identificarmos frequentes pedidos de desculpas, advertências e formas tradicionais de despedidas.

Conseguimos identificar, no capítulo de análise das tradições discursivas temáticas, diante de uma abordagem interdisciplinar que mesclava aspectos linguísticos com literários, como a tradicionalidade temática se apresentava na constituição do subgênero carta de casal do

litoral e do sertão pernambucanos. Nas cartas de casal do litoral, conseguimos identificar tradições discursivas presentes na temática em momentos em que os missivistas faziam suposições, descreviam seus sentimentos, recorriam às lembranças do passado ou, até mesmo, pediam desculpas. Nas cartas de casal do sertão, identificamos a evocação de tradições discursivas temáticas, que envolvem a valorização das emoções, demonstração da religiosidade, evidência de dor e felicidade. Nesse capítulo, foi possível percebermos que, por mais sutil que fosse, os dois casais demonstraram características particulares ao desenvolverem as temáticas de suas correspondências. Percebemos que a intensidade de sentimentos variava conforme o desenvolvimento da escrita e dependia do perfil do missivista, pois, tanto nas cartas do litoral quanto nas cartas do sertão, a escrita feminina demonstrou-se mais substancial com relação à temática amorosa em comparação com a resposta masculina.

Confirmamos, no capítulo de análise dos modos de dizer imperativos de segunda pessoa, que esse modo verbal se configura como uma tradição discursiva. Foi possível verificar, tanto nos elementos constitutivos (abertura, corpo do texto e encerramento) quanto nas temáticas (expressão de suposições, descrição de sentimentos, lembranças do passado, pedidos de desculpas, valorização das emoções, demonstração da religiosidade, evidências da dor e de felicidade), a realização do modo de dizer imperativo em todas as partes da carta de casal. Nesse capítulo, analisamos a produtividade do imperativo como um modo tradicional de dizer recorrente nas cartas de casal do litoral e do sertão pernambucano, considerando os elementos linguísticos (formas e funções imperativas de segunda pessoa) e extralinguísticos (sexo e localidade). Em se tratando de produtividade, constatamos que a forma imperativa direta é a forma mais recorrente na escrita dos casais analisados. Esse dado está inteiramente ligado à função imperativa como marcador conversacional, que só aparece de forma direta afirmativa, contribuindo, assim, para a substancialidade da forma direta em detrimento da forma indireta. Dessa forma, confirmamos nossa terceira hipótese uma vez que constatamos o predomínio das formas imperativas diretas em virtude da incidência da função de marcador conversacional, característico da natureza interativa do subgênero carta de casal. Quanto à polaridade da estrutura do modo imperativo de segunda pessoa, ficou evidente que os missivistas optam por utilizarem essa forma verbal de maneira afirmativa, comprovando que, no subgênero carta de casal, o modo imperativo se realiza majoritariamente de forma direta e afirmativa.

Por fim, concluímos que este estudo mostrou como as dimensões tradicionais na composicionalidade, na temática e no modo de dizer imperativo possibilitou delinear a natureza

da carta de casal das duas regiões pernambucanas, levando em consideração aspectos linguísticos e extralinguísticos. Concordamos que o ideal para uma análise comparativa seria trabalharmos com amostras do mesmo período, como uma forma de equilibrar mais as duas regiões. No entanto, conseguimos, na seleção do *corpus*, obter o mesmo número de cartas para cada missivista e mantivemos apenas dois casais para que pudéssemos trabalhar os aspectos linguísticos, levando em consideração os perfis dos casais selecionados.

Este estudo abordou as dimensões tradicionais (composicionalidade, temática e modos de dizer) e trouxe um olhar acerca do modo imperativo que pode ser expandido em próximas discussões, pois, além da observação das formas diretas e indiretas com relação às suas funções e polaridade, há outras possibilidades de exploração do modo verbal imperativo de segunda pessoa, tais como: vinculação ao modo indicativo, vinculação ao modo subjuntivo, produtividade com relação ao tipo de conjugação verbal, predominâncias verbais, entre outros. Dessa forma, esperamos contribuir para os estudos acerca das tradições discursivas em concomitância com aspectos verbais, como já realizados em pesquisas anteriores ao longo dos últimos anos, permitindo que, seja por meio de complementação do que foi discutido até aqui ou por continuação do que começamos, os estudos acerca das dimensões tradicionais consigam sair do campo teórico para a prática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jeferson da Silva. O uso do modo imperativo em revistas em quadrinhos do menino maluquinho. **Letra Magna**. Ano 05 n.10 - 1º Semestre de 2009.

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. [et al]. **História do português brasileiro: Tradições discursivas do português brasileiro: Constituição e mudança dos gêneros discursivos**. Vol. 7. São Paulo: Contexto, 2018.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

_____. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas - FFLCH, 2002.

_____. Romantismo, negatividade, modernidade. **Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos**. UNAM, v. 1, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CONDE-SILVESTRE, J. Camilo. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COSERIU, Eugenio. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. **Romanistisches Jahrbuch**, VII, pp. 29-54, 1955-1956.

_____. **Sistema, norma e fala**. Comunicação enviada ao VI Congresso Internacional de Linguistas. Coimbra, 1960.

_____. **Sincronía, diacronia y historia: el problema del cambio lingüístico**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1978.

_____. **Fundamentos y tareas de la lingüística integral**. II Congresso Nacional de Lingüística. Facultad de Filosofía, Humanidades y Artes. Universidad de San Juan - Argentina, 1981.

COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade-1924 a 1944**. Edufrn, 2012.

COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante da. **Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX: o comportamento das formas de tratamento tu e você na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

_____.; SILVA, Cláudia Roberta Tavares; GOMES, Valéria Severina. Marcas de oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso. In: IV SINALGE - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais. Campina Grande, PB. **Anais IV SINALGE**. Campina Grande: Realize, 2017. v. 1.

FAVARO, Gisela Sequini. Estudo histórico do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria. **Entrepalavras**, v. 3, n. 2 esp, p. 71-88, 2013.

GOMES, Valéria Severina. **Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)**. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____.; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação entre as formas dos paradigmas tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. **Revista do GELNE**, v. 16, n. 1/2, p. 19-46, 2014.

_____.; MELO, Helder Aquino de. As tradições discursivas nos subgêneros das cartas pessoais pernambucanas. **Revista Encontros de Vista**, Recife, 21 (1): 26-39, jan./jun. 2018.

_____. "Esta humilde e fraca pena" registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949). **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, 5 (Especial): 104-129, jan./jun. 2019.

_____.; MELO, Helder Aquino de. Os paradigmas de “tu” e “você” no contexto dativo nas cartas pernambucanas. **Prolíngua**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 54–66, 2020.

HAUY, A. B. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, S. (Org.). **História da língua portuguesa**. Cotia – SP: Atelier Editorial, 2008.

KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia Conceição Freire; RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006.

_____. **Tradición e innovación: La lingüística moderna desde Saussure hasta el siglo XXI**. Anadiss. 20, 2015.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Orgs.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Trad.: Profa. Dra. Alessandra Castilho da Costa (UFRN). Tübingen: Narr (ScriptOraia, 99), 43-79, 1997.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Romance epistolar**: o voyeurismo e a sedução dos leitores. Matraga, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 61-75, 2002.

LIMA, Renata Lisboa de Moura. **O ensino da redação**: formas de expressão imperativa. Curitiba, HD Livros, 1995.

LIMA, Tallys Júlio Souza. **Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar**: a variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2018.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**, v. 1, p. 315-348, 2011.

_____. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. In: **Alfa**. São Paulo 55(2), p. 361-392, 2011.

_____.; [et al]. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: ANDRADE, Aroldo de. [et al]. **História do português brasileiro**: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018.

LUCENA, Rachel de Oliveira Pereira. O estudo da variação ‘teu’/‘seu’: atuação do fator grau de parentesco. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 83-103, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, v. 9, n. 1, p. 119-146, 1997.

_____. **Análise da conversação**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, p. Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. Cortez Editora, 2014.

MENDONÇA, Marcos Felipe da Silva. **Historiografia lingüística**: orientações imanentista e sócio-histórica. 2016. 117 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, 1 (1): 99-115, jan./jun. 2015

ROBINSON, William P. **Linguagem e comportamento social**. São Paulo: Cultrix, 1972.

ROCHA, Juliana Pereira; BARREIROS, Patrício Nunes. Transcrição semidiplomática do caderno meu caderno de trovas. **Cadernos do CNLF**, vol. XVIII, nº 05 – Ecdótica, crítica textual e crítica genética. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2014.

ROMÉRO, Sylvio. **História da literatura brasileira**. BL Garnier, Rior de Janeiro, 1888.

RÓNÁI, Paulo. **Curso básico de Latim I**: Gradus Primus. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Trad.: Paula Brandi e Ethel Brandi. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 19, n. 2, p. 310-341, 2016.

_____. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. **Labor Histórico**, v. 5, n. Especial 1, p. 15-38, 2019.

SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Uma rodada no Goldvarb X. In: COSTA, Januacele Francisca da; SANTOS, Renata Livia de Araújo Santos; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (Orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Paralelismo linguístico. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.

_____.; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. Reflexões sobre o imperativo em português. **D.E.L.T.A.**, 23:esp., p. 193-241, 2007.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 189-222, 2007.

SHIBYA, Alfonso Gallegos. La compleja relación entre tradiciones discursivas y estilo. **Revista da Abralin**. v. 19, n. 3. p. 568-561, 2020.

SILVA, Aldeir Gomes da. **Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018a.

_____. Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX. **Labor Histórico**, v. 4, n. 2, p. 81-91, 2018b.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. Parábola Ed., 2008.

SIMÕES, José da Silva. A importância da história dos gêneros para a constituição de *corpora* diacrônicos. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade-1924 a 1944**. Edufrn, 2012.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2012. Dissertação (mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2012.

SOUZA, Camila Duarte de. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)**. Dissertação (mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de PósGraduação em Letras Vernáculas, 2014

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

VILELA, Mário. **A metáfora na instauração da linguagem: teoria e aplicação**. 1996. Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas, Porto, XIII, p. 317-356, 1996.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZAVAM, Aurea. Historiando uma tradição discursiva: a construção da autoria institucional em editoriais de jornais cearenses. **Revista encontros de vista**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2009.

ANEXOS

Anexo 1: Normas de transcrição do PHPB

Normas de transcrição do PHPB

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS E IMPRESSOS EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	
1	A transcrição será conservadora.
2	As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se - em itálico - as letras omitidas e observando-se os seguintes casos: a) A norma não se aplica às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “etc.”, “Sr.”, “Sra.”, “Ltda.”, “Cia”, “V. Ex” e “D.” permanecem inalteradas. b) Respeitar, sempre que possível, a grafia do documento, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura “m.to” a ser transcrita “munto”. c) No caso de variação no próprio documento ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura “D.s” a ser transcrita “Deus”.
3	Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “epor” “ser”; “aellas”; “daPiedade”; “omninino”; “dosertaõ”; “mostrandoselhe”; “achandose”; “sesegue”.
4	A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Exemplo: “que podem prejudicar. [espaço] Osdias passaõ eninguemcomparece”. Serão observados dois casos especiais: a) Em relação a trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor incluirá, em nota de rodapé, uma possível interpretação. Exemplo: Na edição teríamos, “Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace ella fazer emtaõ perguntei e Paõ doce voce sabe fazer sei emtaõ mando todos os sabados fazer.” Em nota teríamos, “Nota 1: Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace ella fazer. Emtaõ perguntei: E Paõ doce, voce sabe fazer? ‘Sei’. Emtaõ mando todos os sabados fazer.” b) A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.
5	A acentuação original será mantida. Exemplos: “aRepublica”; “docommercio”; “edemarcando tambem lugar”; “Rey D. Jose”; “oRio Pirahý”; “oexercicio”; “que hé munto conveniente”; “fomos a ele”; “fomos á ele”; “fomos à ele”. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original. Exemplos: “;”, “atira- mos” e “atira= mos”.
6	Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
7	No caso dos impressos, eventuais erros de composição serão marcados com (sic) logo após o vocábulo e remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo, “Nota 1: Acawado por acamado.”. Se for inevitável, por limites do editor de textos, o erro será descrito. Exemplo, “Nota32: A letra <a> inicial de ‘affirma’ está invertida”
8	No caso dos manuscritos, eventuais grafias diferenciadas serão remetidas para nota de rodapé, onde se registrará(rão) sua(s) variante(s) mais comum(ns) e, quando possível, considerações sobre a variação em si. Exemplos, “Nota 1: ‘que eu afamado livro’ provavelmente ‘que meu afamado livro.’ ” Talvez a escrita de eu por meu possa indicar lapso de escritura ou erro de cópia; “Nota 2: Pirassocunda possível variante de Pirassununga: talvez a oscilação de grafia indique instabilidade para a escrita de termos Tupi”;

9	Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios: a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <□>, se na entrelinha inferior. Por exemplo: “em dezembro recebi <↑todos> os senadores em casa”. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, devese haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé. Exemplos, “Nota 1: abaixo de <↑todos> há palavra suprimida”; “Nota 2: abaixo de <↑todos> foi riscado ‘dentre’.” b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que o lugar convencionado é a casa de Pedro no largo da matriz>. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades. Exemplo: “nota 1: Escrito verticalmente de cima para baixo”.
10	Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplos: “todos ninguém dos presentes assignarom; sahiram sahiram aspressas ⁴ para o adro”. No caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção oposta.
11	Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização. Exemplos, “Nota 1: À direita do título encontra-se escrito por outro punho: ‘copiado’”; “Nota 2: Na margem inferior encontra-se escrito por outro punho: ‘página 18’”; “Nota 3: Na margem superior encontra-se o carimbado ‘Arquivo Nacional’”.
12	Intervenções do editor não de ser raras, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: “não deixe passar neste [registro] de Areas”. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes e em itálico. Exemplos: ent[re]gue o [rapaz].; “faça venda a duas b[arric]as de vinho”.
13	Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[.].r.”; “É assim [ilegível.] em Java”; “É assim [ilegível + 2 linhas] em Havana.” Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.
14	Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [inint.] em Java”; “É assim [inint. + 52 linhas] em Havana.”
15	A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical entre as linhas. A mudança de parágrafo será indicada pela marca de duas barras verticais. Exemplo: “Es- taes pois muito atrasado, ponde-vos na pira meu ignorantão. Seria bonito que todas as.”
16	A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso: a) Se em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fol. 1r]; [fol. 1v]; [fol. 2r]; [fol. 2v]; [fol. 3r]; [fol. 3v]; [fol. 16r]. b) Se em documentos impressos, indicação de página. Exemplos: [p. 1]; [p. 2]; [p. 3]; [p. 19].
17	Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
18	Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].
19	Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e layout do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.

Fonte: Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)